

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS - PosLin**

LÍLIA SOARES MIRANDA

**O LÉXICO DE REMANESCENTES DE COMUNIDADES
GARIMPEIRAS DO ALTO JEQUITINHONHA - MG**

**Belo Horizonte
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS - PosLin**

LÍLIA SOARES MIRANDA

**O LÉXICO DE REMANESCENTES DE COMUNIDADES
GARIMPEIRAS DO ALTO JEQUITINHONHA - MG**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linha B - Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eunice Maria das Dores Nicolau

**Belo Horizonte
2015**



Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos

Dissertação intitulada “O léxico de remanescentes de comunidades garimpeiras do Alto Jequitinhonha – MG, de autoria de Lília Soares Miranda, aprovada pela banca examinadora constituída pelos(as) seguintes professores(as):

Prof^a Dr^a Eunice Maria das Dores Nicolau - UFMG (Orientadora)

Prof^a Dr^a Mônica Guieiro Ramalho de Alkmim - UFOP

Prof^a Dr^a Maria do Socorro Vieira Coelho - UNIMONTES

Prof^a Dr^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra - UFMG

Prof. Dr. César Nardelli Cambraia - UFMG

Belo Horizonte, 26 de março de 2015.

Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

Dedico este trabalho aos meus pais – Benedito e Maria das Dores – e aos meus filhos: Roberto, Alberto e Leandro, dos quais muito me orgulho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, presente em todos os momentos da minha vida.

À Professora Dr^a Eunice Maria das Dores Nicolau, pela orientação, paciência, dedicação e ensinamentos.

Às Professoras: Dr^a Maria Cândida Seabra e Dr^a Mônica Guieiro Ramalho de Alkmim pelas sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pela força em todos os momentos da minha vida e por me ensinarem a trilhar o caminho do Bem, lutando sem desrespeitar o outro.

Aos meus irmãos: Leila, Bete, Onei, Eunei, Eliana, Eliete, Oziel e Dalvinha, pela união e apoio, sempre necessários.

Aos meus filhos – Roberto, Alberto e Leandro –, simplesmente por existirem e terem modificado a minha vida.

Ao meu companheiro José Geraldo, pelo apoio, carinho, incentivo e companhia constante.

Ao meu amigo José Euríalo, pela colaboração técnica, pela paciência, pelas palavras de incentivo e por sua amizade.

Aos amigos e informantes Sr. Nonô, Dona Lenita e seus filhos: Geraldo, Realino, Rosimar, Rosilene e Antônio, Rosimary, Léa e Raimundo, Rosa e Santo, que, além de me receberem em suas casas, com carinho ajudaram a me aproximar dos outros informantes.

Aos informantes, que me receberam em suas casas e me trataram com muito carinho, permitindo que eu executasse meu trabalho com sucesso.

Aos meus professores do Doutorado – Maria Cândida Seabra, Seung-Hwa Lee, Lorenzo Vitral, Evelyne Dogliane e Maria Antonieta Cohen –, pelos valiosos ensinamentos.

Aos meus colegas, professores e funcionários da Escola Estadual Imaculada Conceição, pelas palavras de incentivo e apoio.

À Diretora, Daniela, e à vice-diretora, Carla, pelo apoio e pela paciência pelas vezes em que precisei me atrasar para o trabalho ou dele sair mais cedo.

À Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, pelo apoio ao me conceder afastamento para este curso.

A todos aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para a execução deste trabalho acadêmico.

*Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra.
Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho.
Mas não vai só, nem nos deixa só, leva um pouco de nós mesmos, e deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, mas não os que não levam nada....*

(Saint-Exupéry)

RESUMO

No Brasil, há regiões que apresentam diferentes características marcantes. No plano linguístico, determinadas marcas transparecem em diversas localidades, especialmente no âmbito lexical, o que já foi registrado por Amaral (1920), e vem sendo registrado por diversos estudos mais recentes: Isquierdo (1998), Souza (2008) e Ribeiro (2010). Esses estudos mostram que as características marcantes do meio refletem claramente a relação existente entre língua, cultura e sociedade. Segundo Santos (1976), o Estado de Minas Gerais é marcado política, social e economicamente, desde o século XVII, pela atividade de extração mineral. Contudo, devido a fatores ambientais, esse quadro vem se modificando, restando apenas alguns grupos de remanescentes de comunidades garimpeiras (cuja atividade foi encerrada há pelo menos vinte anos), que mudaram seus hábitos. Um desses grupos integra a população do município de Datas, localizado no Alto Jequitinhonha - MG. Entendendo que o léxico revela aspectos sócio-histórico-culturais da realidade de um grupo e considerando os estudos supracitados, buscamos estudar o léxico usado pelo referido grupo de remanescentes, orientando-nos pela seguinte hipótese: na região acima mencionada, existe um léxico bastante peculiar, e a linguagem desses remanescentes de comunidades garimpeiras (itens lexicais que fazem parte do universo natural do garimpo ou que se referem à realidade cultural, econômica e social do garimpeiro) é que justifica essa peculiaridade. Esse estudo, portanto, descreve, analisa e registra o léxico da fala dos moradores dessa região, com base em pressupostos fornecidos pela Teoria Lexicológica (MATORÉ, 1953) e Baldinger (1970); pela Teoria Lexicográfica (BARBOSA, 1995; BIDERMAN, 1998, 1999, 2001; e HAENSCH, 1982) e pela Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972). Assumindo esses pressupostos, procedemos à análise qualitativa de 629 lexias, coletadas em sessões de interação verbal. A partir dessa análise, que permitiu a confirmação da hipótese inicial, elaboramos dois glossários de lexias extraídas da fala dos remanescentes de comunidades garimpeiras que constituem particularidades da fala da região pesquisada.

Palavras-chave: Língua; Léxico; Cultura; Sociedade.

ABSTRACT

Brazil has regions with different striking features. At the linguistic level, some unique features are identified in several places, especially in the lexical scope, as recorded by Amaral (1920) and by several recent researchers, namely: Isquerdo (1998), Souza (2008), and Ribeiro (2010) – which shows that the striking characteristics of the environment clearly reflect the interplay between language, culture and society. According to Santos (1976), the State of Minas Gerais has been politically, socially and economically affected, since the 17th century, by the mining activity. However, due to environmental factors, this situation has been changing, and there are only a few remaining groups of mining communities (whose activity ended at least twenty years ago), who have changed their habits. One of such groups is part of the population of Datas, located in the Upper Jequitinhonha - MG. Understanding that the lexicon reveals socio-historical and cultural aspects of the reality of a group and taking into account the aforementioned studies, we sought to study the lexicon of this remaining group in light of the following hypothesis: in this region, there is a very peculiar lexicon and the language of these remnants of mining communities (lexical items that are part of the natural universe of mining or relating to their practitioners' cultural, economic and social development) justifies this peculiarity. This study therefore describes, analyzes and reports the lexicon of the speech of the inhabitants of this region, based on assumptions provided by the Lexicological Theory (MATORÉ, 1953; BALDINGER, 1970); Lexicographical Theory (BARBOSA, 1995; BIDERMAN, 1998, 1999, 2001; HAENSCH, 1982) and Theory of Language Variation (LABOV, 1972). With these assumptions in mind, we carried out a qualitative analysis of 629 lexias collected in verbal interactional sessions. From this analysis, which allowed us to confirm our initial hypothesis, we prepared two glossaries of lexias extracted from the speech of the remaining members of mining communities that constitute peculiarities of the speech of the studied region.

Keywords: Language; Lexicon; Culture; Society.

ABREVIATURAS

Adj – Adjetivo

Adv – Advérbio

D – Dicionarizado

F – (Feminino) M – (Masculino) I (Idoso) – A (Adulto) – D (Datas) – C (Cachimbos)

G (Garimpeiro) – N (Não-Garimpeiro)

Fraseol. – Fraseologia

Loc. adv. – Locução adverbial

LG – Léxico do Garimpo

LR – Léxico Rural

NCf – Nome Composto feminino

NCm – Nome Composto masculino

n/d – não dicionarizado

n/e – Não encontrado

Nf – Nome feminino

Nm – Nome masculino

p. – Página

Pesq. – Pesquisadora

Prep – Preposição

Pron – Pronome

Splural – Substantivo plural

Ssing – Substantivo singular

Subst. – Substantivo

V – Verbo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As regiões culturais do Brasil propostas por Diégues Jr. (1960).....	21
Quadro 2 – Características dos informantes de Datas e Cachimbos.....	65
Quadro 3 – Normas estabelecidas para a transcrição dos dados desta pesquisa.....	67
Quadro 4 Distribuição do total de 629 lexias extraídas da fala de Remanescentes de Comunidades Garimpeiras do Alto Jequitinhonha.....	APÊNDICE 2 (DVD)
Quadro 5 - Categorização das lexias relacionadas às atividades do garimpo.....	85
Quadro 6 – Categorização dos informantes.....	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas, distribuídas entre LG e LR.....	76
Gráfico 2 – Número de lexias registradas nos dicionários consultados.....	77
Gráfico 3 – Classificação morfológica das lexias analisadas.....	78

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Povoado de Cachimbos - MG.....	11
Foto 2 – “Rancho de Tropeiros” em Cachimbos no séc. passado.....	60
Foto 3 – Igreja Nossa Senhora Conceição, Datas - MG, erigida no séc. XIX.....	61

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Regiões culturais do Brasil.....	22
Mapa 2 – Vale do Jequitinhonha - MG 2014.....	55
Mapa 3 – Alto do Jequitinhonha - MG 2014.....	56
Mapa 4 – Diamantina/MG 2014.....	56
Mapa 5 – Datas/MG 2011.....	57

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – <i>Corpus</i> : Fichas Lexicográficas - DVD	
APÊNDICE 2 – <i>Corpus</i> : Distribuição das Lexias (LR e LG) (DVD)	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
Da relação entre língua, cultura e sociedade.....	17
1.1. As regiões culturais do Brasil.....	19
1.2. Da diversidade linguística do português brasileiro.....	23
1.3. Sobre os estudos do Léxico do português do Brasil.....	25
CAPÍTULO 2	
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	38
2.1. A Teoria do Léxico.....	38
2.1.1. Fundamentos da Lexicologia e da Lexicografia.....	38
2.2. A Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	48
2.3. Síntese – Os pressupostos adotados na análise.....	49
CAPÍTULO 3	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1. O contexto histórico e geográfico do Vale do Jequitinhonha.....	51
3.2.. Perfil das comunidades pesquisadas: de Datas e Cachimbos.....	57
3.2.1. Datas.....	57
3.2.2. O Povoado Cachimbos.....	62
3.3. Hipóteses.....	62
3.4. Objetivos.....	63
3.4.1. Objetivos específicos.....	63
3.5. Constituição da amostra.....	63
3.6. Os dados.....	65
3.6.1. Coleta dos dados.....	65
3.6.2. Tratamento dos dados.....	65
3.6.2.1. Transcrição dos dados.....	66
3.6.2.2. Organização das fichas lexicográficas.....	68
3.6.2.3. Organização dos glossários.....	71
CAPÍTULO 4	
ANÁLISE DOS DADOS	
4.1. Sobre as Peculiaridades Lexicais do Alto Jequitinhonha - MG.....	74
4.2. Lexias dicionarizadas e lexias não dicionarizadas.....	76
4.2.1. Presença das lexias em cada dicionário.....	76
4.3. Sobre a origem das lexias analisadas.....	77
4.4. A Classificação morfológica das lexias analisadas.....	78
4.5. Em Busca das Particularidades Lexicais.....	79
4.5.1. Das Lexias Rurais (LR).....	80
4.5.1.1. Registros de estudos sobre o léxico de áreas rurais de MG.....	80
4.5.1.2. Registros de estudo sobre o léxico do interior de São Paulo.....	82
4.5.1.3. Das lexias específicas dos falares observados.....	84
4.5.2. Das lexias relacionadas ao Garimpo (LG).....	85
4.5.2.1. Registros de estudos sobre o LG realizados no Brasil.....	92
4.5.3. Resultado geral.....	94
4.6. Glossário semasiológico.....	94
CAPÍTULO 5	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	119



FOTO 1 - Povoado Cachimbos – outubro de 2010.
Fonte: Acervo pessoal.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de grande dimensão geográfica, no qual, diversas regiões apresentam diferenças socioculturais expressivamente marcantes. De acordo com Diéguas Jr. (1960), o Brasil apresenta diversidades culturais que caracterizam certas regiões, possibilitando detectar unidades específicas dentro de tais diversidades. Assim, caracteriza 10 (dez) regiões brasileiras marcadas pela forma de povoamento e pela atividade econômica predominante: nordeste agrário, mediterrâneo pastoril, Amazônia (extrativismo vegetal da borracha), Planalto e Centro-Oeste (extração mineral), Sul (pecuária), colonização estrangeira, região do café, região do cacau, região do sal.

De acordo com Santos (1976), a região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais (MG), foi marcada, política, social e economicamente, desde o século XVII, pela atividade econômica da extração mineral; principalmente, com a formação de arraiais de mineração. As localidades originadas desses arraiais que mantinham a mineração como tradição, no entanto, vêm, passando por grandes transformações, desde a década de 1990; ou seja: desde o final do século passado. Dentre essas mudanças, destaca-se a extinção da exploração de minério, devido a questões ambientais, de modo que, hoje, em certos lugares em MG, restam apenas alguns grupos de ex-mineradores que, com suas famílias, se fixaram em cidades mineiras próximas aos extintos garimpos.

Nessas localidades, enquanto havia a atividade de extração de minérios, as pessoas que exerciam essa atividade ou trabalhavam em função dela constituíam o que aqui designamos a “comunidade garimpeira” (isto é: o conjunto de pessoas que exerciam atividades profissionais idênticas ou estreitamente relacionadas, mantendo convivência intensa por terem, em comum, além do trabalho, as atividades de lazer, as crenças, as comemorações, os valores da família, etc.). Com a extinção de alguns garimpos, no final do século XX, essas localidades passaram a abrigar grupos constituídos por membros que, então, restaram das extintas “comunidades garimpeiras”; ou seja, sua população passou a incluir as pessoas que trabalharam ou conviveram nos extintos garimpos da região. Nesse caso encontra-se o município de Datas; mais exatamente, o município de Datas e seu povoado denominado Cachimbos, na região do Alto Jequitinhonha - MG, cuja população passou a incluir cerca de 31 (trinta e uma) pessoas, entre ex-mineradores e seus familiares – às quais nos referimos, doravante, como “remanescentes de comunidades garimpeiras”.

As diferenças socioculturais significativas que dividem o território brasileiro são refletidas em diversas marcas linguísticas diferenciadoras de grupos de falantes. Isso pode ser

observado, por exemplo, quando se atenta para as falas de regiões e cidades e, até mesmo, de determinadas localidades. Essa diversidade linguística, que se manifesta, marcadamente, no âmbito lexical, vem sendo registrada por vários autores, preocupados em identificar particularidades do Português falado no Brasil (PB). Dentre esses autores, destacamos: Amaral (1920), que focaliza o dialeto caipira em São Paulo; Machado Filho (1964), que trata da linguagem específica do negro no garimpo em Minas Gerais; Póvoas (1989), que estuda a linguagem falada nos terreiros de Candomblé (*Axé Ilê Ijexá*) em Salvador (BA); Isquerdo (1998), que analisa o vocabulário do seringueiro no Estado do Acre; Justiniano (2005), que estuda o vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul; e Costa (2012), que focaliza o léxico dos pescadores de Raposa (MA).

No que diz respeito, especificamente, ao léxico de MG, cabe destacar o projeto, em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado “*Léxico Regional: Descrevendo o Léxico Mineiro*”¹, ao qual estão vinculados alguns estudos recentes, tais como: Souza (2008), que trata do léxico rural de Águas Vermelhas, na região Norte de Minas; Ribeiro (2010), que analisa o léxico rural de Passos, no Sul de Minas; Freitas (2012) e Cordeiro (2013), que estudam, respectivamente, o léxico rural da Serra do Cipó, na região central de Minas, e o léxico rural de Minas Novas, no Vale Jequitinhonha - MG.

Os estudos acima invocados corroboram o entendimento de que, além de outros fatores históricos, a forma de povoamento da localidade e as características do meio refletem claramente a relação entre língua, cultura e sociedade, que se configura como diversidade linguística; destacadamente, lexical. Essa diversidade está presente em todas as regiões geográficas brasileiras: na manifestação religiosa (no Nordeste); na extração da borracha (no Norte); no processo de extração da erva-mate (no Sul); no processo do pescado (no Nordeste); e no mundo rural (no Sudeste). Esse fato remete ao município de Datas, situado no Alto Jequitinhonha - MG, cuja população, como anteriormente mencionado, inclui um grupo de “remanescentes de comunidades garimpeiras”, cuja fala desse grupo chama a atenção por apresentar particularidades lexicais em relação à fala geralmente usada na região.

Atentando para o referido grupo de “remanescentes de comunidades garimpeiras”, é fácil antevermos que ele desaparecerá em curto prazo, se considerarmos: em primeiro lugar, que muitos dos seus integrantes já estão em idade bastante avançada; e, em segundo lugar, que a maioria dos seus integrantes economicamente ativos apresentam baixo nível de escolaridade e, por isso, têm emigrado para outras cidades, em busca de escola ou de

¹ Projeto coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

trabalho diferente do que lhes resta ali, sem os garimpos. Essa segunda razão apontada para prevermos que os “remanescentes de comunidades garimpeiras” que integram a população do município de Datas venham a desaparecer em curto prazo decorre do fato de esse município ter como base econômica a agricultura. Isso limita os tipos, as relações e as condições de trabalho e emprego; e essa limitação implica ausência de demarcação nítida entre área urbana e áreas rurais do município, porque, em função de plantio, colheita e transporte de frutas e hortigranjeiros, mesmo as pessoas que moram na área urbana acabam tendo de permanecer, durante todo o dia, em área rural. A esse contato parece dever-se a semelhança entre a fala urbana e a fala rural do município de Datas, onde se destaca o modo de falar dos “remanescentes de comunidades garimpeiras”; cujos depoimentos evidenciam que o conhecimento dos segredos da extração, do manuseio e do comércio de minerais faz parte do repertório lexical e cultural dessas pessoas, que se lembram, com saudosismo, da época áurea dessa atividade.

Assumindo, então, que o léxico de uma língua revela aspectos sócio-histórico-culturais da realidade dos falantes dessa língua e considerando a possibilidade de desaparecimento dos “remanescentes de comunidades garimpeiras” que integram a população do município de Datas (Alto Jequitinhonha - MG), elegemos esse município como o universo da nossa investigação, aqui apresentada, que toma, como objeto, a fala desses remanescentes. Partindo dos estudos anteriormente invocados, esta investigação tem por objetivo geral descrever, analisar e registrar o vocabulário desses falantes, tendo em vista estes dois fatos:

1º) em algumas localidades da região do Alto Jequitinhonha - MG, a atividade econômica tradicional e predominante é a agricultura, que implica intenso deslocamento de moradores da área urbana para as áreas rurais e, em vista disso, a fala dessa região remete, de pronto, a falares comumente encontrados em áreas rurais brasileiras – fato que merece ser destacado, porque essa a fala de uso comum da população do município de Datas (e do seu povoado Cachimbos, no Alto Jequitinhonha - MG) inclui remanescentes de comunidades garimpeiras, cujo léxico é objeto do nosso estudo; e

2º) em algumas localidades da região do Alto Jequitinhonha - MG, a atividade de garimpo deixou de existir há, pelo menos, 20 (vinte) anos – fato que se reveste de relevância, na medida em que acarretou a extinção de comunidades cujos remanescentes também tendem a deixar de existir em curto prazo, e o desaparecimento desses remanescentes, obviamente, levará ao desaparecimento de seu vocabulário, que, hoje, constitui particularidade da fala da população do município de Datas (e do seu povoado Cachimbos, no Alto Jequitinhonha - MG).

Assim sendo, nosso objetivo geral inclui a tarefa de elaborar glossários, nos quais sejam registrados: a) itens lexicais registrados na fala dos remanescentes de comunidades garimpeiras moradores do Alto Jequitinhonha - MG e que não se encontram registrados nos dicionários consultados: Bluteau (1638-1734), Morais (1755-1824), Laudelino (1957) e Aurélio (1986); nem nos estudos sobre a fala rural invocados no presente estudo: Amaral (1920); Souza (2008); Ribeiro (2010); Freitas (2012); Cordeiro (2013); e b) itens lexicais especificamente relacionados às atividades do garimpo registrados na fala dos remanescentes de comunidades garimpeiras moradores do Alto Jequitinhonha - MG que não se encontram registrados nos dicionários consultados, nem nos estudos sobre a fala de comunidades garimpeiras aqui invocados: Machado (1964) e Catharino (1986).

Além desse objetivo geral, o estudo buscará, especificamente, testar estas três hipóteses:

- 1) no Alto Jequitinhonha - MG (mais exatamente, no município de Datas e em seu distrito denominado Cachimbos), existe um léxico bastante peculiar, e a linguagem específica de remanescentes de extintas comunidades garimpeiras (itens lexicais que fazem parte do universo natural do garimpo ou que se referem à realidade cultural, econômica e social do garimpeiro) é que justifica essa peculiaridade;
- 2) a particularidade do léxico dessas comunidades concentra-se na fala das pessoas mais velhas e daquelas que efetivamente trabalharam no garimpo; e
- 3) esse vocabulário configura casos de retenção e de arcaísmos.

A partir dessas hipóteses, realizamos um estudo baseado em dados de língua falada obtidos em sessões de interação verbal (realizadas à semelhança das entrevistas sociolinguísticas, por meio das quais se busca o uso do vernáculo), utilizando uma amostra constituída por 31 (trinta e uma) pessoas. Esse estudo é apresentado nesta tese, que inclui mais 5 (cinco) capítulos: no Capítulo 1, focalizamos estudos que tratam da relação entre Língua, Cultura e Sociedade (HYMES, 1962, 1974; DURANTI (1997) e sintetizamos diversos estudos sobre o léxico já realizados no Brasil; no Capítulo 2, explicitamos os pressupostos teórico-metodológicos adotados na pesquisa, atentando para teorias que tratam de questões relativas ao léxico, relacionando-as à ciência do léxico (que procura focalizar a origem, as definições, a natureza e a estruturação do universo lexical) e destacando alguns estudos que invocam a teoria (HAENSH, 1982; BARBOSA, 1995; BIDERMAN, 1998, 1999, 2001) e explicitamos, também, alguns conceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1968,

1972; Lesley MIROY, 1987; James MILROY, 1992); no Capítulo 3, onde tratamos dos Procedimentos Metodológicos, apresentamos as características da comunidade pesquisada e o quadro social dos informantes, além de incluirmos os objetivos, as hipóteses que fundamentam a pesquisa, informações sobre a coleta e o tratamento dos dados; no Capítulo 4, apresentamos a análise dos dados, registrados nas fichas lexicográficas (que se encontram no APÊNDICE 1) e, além disso, apresentamos dois glossários, seguindo o critério semasiológico: Léxico Rural e Léxico do Garimpo – elaborados em cumprimento ao inicialmente proposto; no Capítulo 5, apresentamos as conclusões e tecemos algumas reflexões acerca da relação entre a questão focalizada e as hipóteses que orientaram a pesquisa.

CAPÍTULO 1

DA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.

Um fato inquestionável e evidenciado na literatura linguística é a ligação existente entre a linguagem e a sociedade. O fato de relacionar linguagem e sociedade – ou, mais especificamente, língua, cultura e sociedade – está incluído nas reflexões de vários pesquisadores. Desde o século passado, encontramos linguistas preocupados com a língua tomada como fato social. Meillet (1948), por exemplo, defende que a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade. Já Bakhtin (1929) adota uma postura contrária, contribuindo para os estudos linguísticos com a noção de comunicação social, considerando que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada por meio da enunciação ou das enunciações (ALKMIN, 2001, p. 21-23).

Em uma vertente antropolinguística, a linguagem é observada em contexto social e cultural mais amplo, vinculando o seu papel à formação e manutenção de práticas culturais e estruturas sociais; e a linguagem, a cultura e a sociedade são consideradas fenômenos inseparáveis, cujos estudos envolvem linguistas e antropólogos, que trabalham de forma interdisciplinar.

A busca de articular a linguagem com aspectos de ordens social e cultural é proposta de vários pesquisadores. Hymes (1962-1974) publica um artigo intitulado “Etnografia da Fala”, visando estudar a comunicação entre as pessoas. Esse modelo interdisciplinar busca suportes de áreas como a Etnologia, a Psicologia e a Linguística e tem por objetivo descrever e interpretar o comportamento linguístico humano no contexto cultural; deslocando o enfoque tradicional sobre o código linguístico, procura definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias de cada comunidade. Dessa forma, estabelece 6 (seis) unidades básicas que indicam qual a área da cultura seria mais interessante examinar: a) comunidade de fala; b) situação do discurso; c) evento do discurso; d) ato comunicativo; e) estilo comunicativo; e f) modo de falar.

Outra importante abordagem antropológica da linguagem nos foi dada por Duranti (1997), que amplia a noção de cultura, apontando e discutindo correlações entre

linguagem e práticas culturais, propondo que o objetivo da Antropologia Linguística seja estudar as formas linguísticas como elementos indispensáveis da vida social, defendendo a busca de maneiras de conectar essas formas com práticas culturais particulares. Esse pesquisador destaca a melhor forma de se realizar tais pesquisas, qual seja: por meio de um estudo etnográfico que vise descrever as atividades sociais, os recursos simbólicos e materiais e sua organização, bem como as práticas interpretativas características de determinado grupo de pessoas. Além disso, enfatiza que essa descrição é, normalmente, produzida pela participação prolongada e direta na vida social de uma comunidade. Quanto à correlação entre a Antropologia e a linguagem, Duranti considera imprescindível, para a realização de um trabalho de campo, a inclusão da noção de cultura; porém, critica o conceito que vem sendo discutido na literatura antropolinguística, porque considera que é uma noção abrangente que, conseqüentemente, reduz as complexidades sócio-históricas a simples caracterizações, ocultando contradições morais e sociais que surgem nas comunidades linguísticas. Apresenta, então, algumas teorias atuais sobre cultura em que a linguagem desempenha um papel importante, a saber: (1) a cultura como algo distinto da natureza; (2) a cultura como conhecimento; (3) a cultura como comunicação; (4) a cultura como meio de mediação; (5) a cultura como meio de práticas; e (6) a cultura como um meio de participação.

1) A cultura como algo distinto da natureza refere-se ao conceito de que a cultura pode ser aprendida, herdada ou transmitida, de geração em geração, por intermédio da comunicação linguística. Assim, ninguém nasce com uma cultura, mas a adquire com a convivência com as pessoas no meio em que vive.

2) A cultura como conhecimento implica o fato de que, ao ser adquirida mediante aprendizado, pressupõe-se que grande parte dela é obtida por meio do conhecimento de mundo e, portanto, compartilhada entre os membros de uma comunidade linguística.

3) A cultura como comunicação, por sua vez, sugere a existência de uma conexão entre a cultura, os indivíduos, os grupos, as situações e os objetos com outros grupos, outras situações e outros objetos. Nessa perspectiva, a comunicação torna-se a representação do mundo, traduzida em mitos, histórias, descrições, teorias, provérbios, espetáculos e produtos artísticos, que devem ser disseminados e compartilhados com o grupo.

4) A cultura, como um sistema de mediação, por seu turno, pode ser considerada como a interação existente entre o homem e o mundo que o cerca, seja o social ou o físico. Estão inclusos nessa interação os objetos materiais, as ferramentas de trabalho, bem como os sistemas de crenças e códigos linguísticos, considerados como mediadores entre o homem e seu entorno.

5) Já a cultura como meio de práticas, na visão desse autor, não é algo nem externo (que diz respeito às práticas religiosas, rituais ou símbolos herdados por membros antigos da sociedade); nem interno ao indivíduo (que diz respeito à mente individual). A cultura gira em torno de uma prática rotineira, que inclui as condições materiais e, também, as experiências dos homens no meio em que vivem.

6) Finalmente, com referência à cultura como meio de participação, seguindo a visão desse pesquisador, entende-se que, a partir da pressuposição de que a comunicação verbal é de natureza inerentemente social, coletiva e participativa, a cultura, nesse caso, é vista como um sistema de práticas e de participação em que os indivíduos de determinada comunidade compartilham os recursos existentes, tais como as crenças, a linguagem e os costumes.

Essa contribuição de Duranti (1987) é essencial para o estudo da relação entre língua, cultura e sociedade e vem sendo utilizada como base para diversos estudos etnográficos. A partir disso, podemos perceber o papel decisivo que a linguagem desempenha na sociedade e na cultura, sendo impossível desconectá-las.

1.1. As Regiões Culturais do Brasil

A formação etno-histórica do Brasil aponta a existência de estratos populacionais diversos, distribuídos em várias linhagens e famílias: o índio, tendo seu território, suas crenças e seus costumes invadidos; o colonizador português, no seu papel de dominador, difusor de valores, crenças e costumes; os africanos, vítimas do tráfico para mão-de-obra barata; os imigrantes, já em época posterior à colonização, que implantaram em nosso País suas tradições e costumes. Essa origem heterogênea deixou reflexos diferenciados na língua, nos costumes e, sobretudo, nas tradições regionais. As relações estabelecidas entre os povoadores e o meio, portanto, possibilitaram um ajustamento entre os que aqui já estavam e os que aqui chegaram. Tanto um quanto o outro transmitiram e contraíram valores culturais, e dessa fusão cultural resultaram

diferentes culturas regionais que caracterizam os hábitos, a alimentação, a religiosidade, os valores, a linguagem e outras singularidades que marcam cada região brasileira. Esse tema tem sido revelado por diversos pesquisadores. Aqui, destacamos o trabalho de Diégues Jr. (1960), que nos apresenta o conceito de Região Cultural e nos fornece um conjunto de sugestões para o estudo e a delimitação das regiões brasileiras. Nessa obra, utilizando-se dos recursos da ciência geográfica, estabeleceu as divisões regionais aglutinadas pelo processo econômico, demonstrando grande preocupação com o elo que une as diversas partes representadas por valores subjetivos tais como a língua, a religião, os costumes, etc., postulando o conceito de Região Cultural como:

[...] um conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população, da estrutura econômica e das características sociais, dando-lhe, em conjunto, um tipo de cultura que, criando modo de vida próprio, a difere de outras regiões. São, portanto, as regiões, espaços territoriais definidos por certas características que dão unidade de idéias, de sentimentos, de estilos de vida, a um grupo populacional (DIÉGUES JR., 1960, p. 6).

Nesse trabalho, ele analisa as diversidades regionais do Brasil, com intuito de demonstrar que há unidade em meio a tanta diversidade. Essa unidade, no entanto, se revela na herança da colonização latina, transparecendo-se nos sentimentos, nas crenças, nos costumes e na língua. Conforme constatamos em suas palavras: “[a] unidade brasileira é um princípio, um resultado do equilíbrio dessas diversidades, ou melhor, um sistema criado por essas diferenciações regionais, que não chegam a ser divergências” (DIÉGUES JR., 1960, p. 479). Entretanto, estuda as regiões sob uma visão diferente, estudando as regiões culturais a partir das atividades econômicas e do processo de ocupação, que estão agrupadas no QUADRO 1, a seguir.

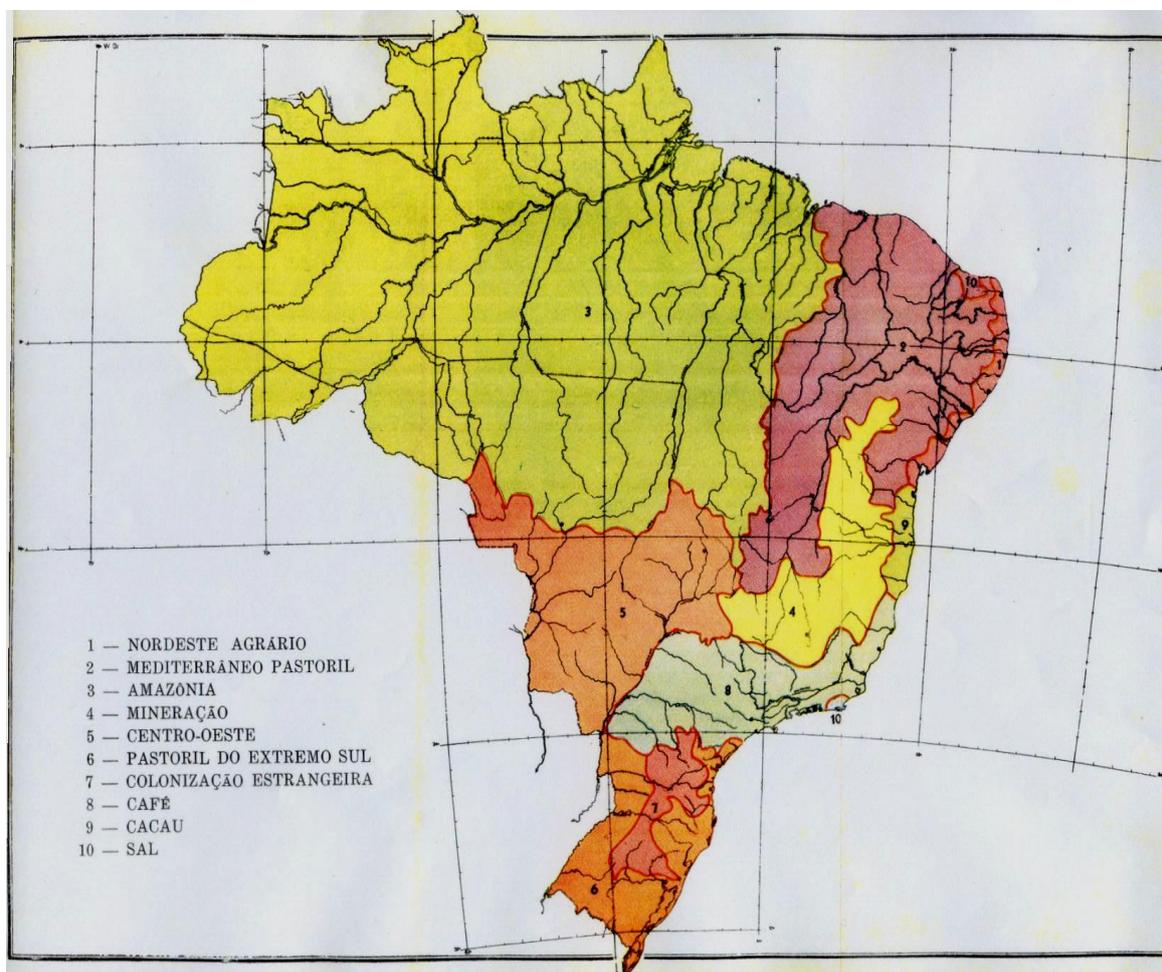
QUADRO 1 - As Regiões Culturais do Brasil propostas por Diéguas Jr. (1960).

Regiões Culturais	Processo de Ocupação	Atividades Econômicas
1. Nordeste Agrário do Litoral	Mestiçagem entre brancos e negros.	Engenhos de açúcar.
2. Mediterrâneo Pastoril	Mestiçagem entre brancos e índios.	Atividade da criação de gado.
3. Amazônia	Caracterizada pelo elemento indígena.	Extratativismo vegetal da borracha, que teve no seringal seu <i>focal point</i> da madeira e do castanheiro.
4. No planalto	Presença de diversas linhagens, tais como: os mamelucos, os mulatos, os reinóis, os judeus, os paulistas e os nordestinos.	Extração mineral, principalmente pela formação dos arraiais de mineração.
5. Centro-Oeste	Influência portuguesa e indígena, sofrendo, também, influências da cultura espanhola advindas de regiões vizinhas.	É marcado, inicialmente, pela mineração que após seu declínio, destaca-se a pecuária.
6. Sul	Resultante da expansão de correntes paulistas, nordestinas e fluminenses. A influência cultural da vizinhança conferiu a essa região aspecto peculiar e tem a estância como seu núcleo social mais marcante.	Pecuária.
7. Colonizações estrangeiras: áreas isoladas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.	Inicialmente, formadas por alemães e italianos, e depois por poloneses, russos, árabes, posteriormente pelos holandeses e os japoneses.	Agricultura.
8. Região do Café: Rio de Janeiro, Minas Gerais e, posteriormente, o Paraná.	A partir do século XIX, essas regiões têm, no seu processo de ocupação, influência de escravos que foram, mais tarde, substituídos por imigrantes.	A exploração do café, que se tornou destaque, política e economicamente, no cenário nacional, sofrendo, mais tarde, grandes transformações.
9. Região do Cacau: Sul da Bahia.		Experimentou grande desenvolvimento.
10. Região do Sal: Rio Grande do Norte e no Rio de Janeiro.		Extração do sal.

Fonte: DIÉGUES JR. 1960, p. 20.

Essas regiões são representadas, pelo autor, no MAPA 1, reproduzido a seguir:

MAPA 1 - Regiões Culturais do Brasil.



FONTE: DIÉGUES JR., 1960.

A definição de “região”, apresentada por Diégues Jr. (1960), retrata como as regiões do Brasil eram organizadas no séc. passado. Essa organização regional, no nosso País, passou por grandes transformações. A definição fornecida por esse pesquisador, no entanto, não é a única encontrada na literatura; outros autores apresentam definições diversas. Gomes (1995), por exemplo, define “região” sob o ângulo geográfico, priorizando questões espaciais, humanas e naturais e distinguindo 3 (três) domínios em que a noção de região está presente: i) a linguagem cotidiana no senso comum, com sentido de localização e extensão (ex.: expressões como “região mais pobre”; “região montanhosa” ou “região da cidade X”); ii) o domínio administrativo, em que a divisão regional é a base para definição e exercício de controle na administração dos Estados e de suas subdivisões; (iii) e o domínio das ciências em

geral, em que a noção de região se associa à localização de determinados fenômenos, em que o emprego resguarda a etimologia (a área é definida por uma regularidade de propriedades que a definem).

Contudo, em se tratando do uso da língua portuguesa do Brasil, percebe-se que essa divisão não coincide nem com as divisões geopolíticas, nem com as divisões culturais apresentadas por Diégues Jr. (1960).

1.2. Da Diversidade Linguística no Português Brasileiro

O Português falado no Brasil apresenta características linguísticas marcantes nas diversas regiões do País, o que contraria a divisão regional proposta por diversos autores. É perceptível e comprovado, na literatura linguística brasileira, essa diversidade. Em se tratando dos estudos dialetológicos, destacamos outras divisões regionais que confirmam que há fenômenos de diversidades linguísticas nitidamente marcados no Português do Brasil e que se diferenciam, em termos de distribuição geográfica, das regiões culturais supracitadas. Nascentes (1953), a propósito, propõe a elaboração de Atlas Linguísticos Regionais, destacando as divisões fonéticas, propondo, para o Brasil, uma grande divisão entre o Norte e o Sul, assim como pequenas subdivisões dentro dessas 2 (duas) regiões. Aqui, em Minas Gerais, a proposta é a seguinte: há o falar nordestino típico do Norte; o falar sulista, localizado em parte do Triângulo Mineiro e no Sul do Estado; o falar fluminense, pertencente a uma faixa da parte Leste do Estado; e o falar mineiro, restrito ao centro do Estado. Ribeiro (1977) concorda, parcialmente, com essa divisão proposta para Minas, mas, a esse respeito, observa que há elementos que: “[...] ratificam, embora com diferentes extensões espaciais, a existência de uma área dialetal no norte do estado e de outra que abrange o sul do estado e o Triângulo; não corroboram, porém, a existência do falar fluminense no estado” (RIBEIRO, 1997 *apud* ROCHA, 2010, p. 13).

Nessa mesma linha, Zágari (1977) defende que a língua falada em Minas Gerais reúne um conjunto de “falares” que sofre influência de outros Estados do Brasil, a saber: o falar abaianado, no Norte de Minas, que recebe influência da Bahia; o falar apaulistado, no Triângulo Mineiro e no Sul de Minas, que recebe a influência de São Paulo; o falar tipicamente mineiro, por não sofrer influências da fala de outros Estados, registrado em Belo Horizonte e arredores, assim como na Zona da Mata, na Zona

Metalúrgica e no Campo das Vertentes. Zágari (1998) reitera, nestes termos, sua posição a respeito do termo “falares”: “o que Minas apresenta são falares, isto é, realizações linguísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma outra definida escolha de um item lexical” (ZÁGARI, 1998, p. 33).

Não podemos deixar de ressaltar os inúmeros atlas linguísticos regionais, que trazem recortes lexicais que evidenciam marcas culturais em diferentes regiões brasileiras. Dentre eles, listamos: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado entre 1960 e 1963; o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), publicado em 1987; o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), cujo volume I foi publicado em 1977, estando os demais volumes em preparação; o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), cujos volumes I e II foram editados em 1984, estando o seu III volume em fase de elaboração; o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), publicado em 1994; o *Atlas Linguístico da Região Sul do País* (ALERS), do qual foram publicados 2 (dois) volumes em 2002; o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALIPA), publicado em 2004; o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS-II), publicado em 2005; o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS), publicado em 2008; o *Atlas Linguístico da Amazônia*, publicado, em 2004, como tese de doutorado; o *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar*, publicado em 2007, como tese de doutorado; e o *Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro*, publicado em 2008, como tese de doutorado.

Além desses, destacamos o *Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB), que visa à elaboração de um atlas geral do Brasil, no que diz respeito à língua portuguesa, concluído em 2013, após décadas de elaboração. Este projeto fundamenta-se nos princípios da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica, além de implicações de natureza social. Dentre os seus objetivos, destacam-se estes: i) descrever a realidade linguística do Brasil, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística; ii) estabelecer isoglossas, com vistas a traçar a divisão dialetal do País, tornando evidentes as diferenças regionais por meio de resultados cartografados em mapas linguísticos; e iii) realizar estudos interpretativos dos fenômenos considerados.

Conforme demonstrado nos estudos anteriormente invocados, dentro de cada uma das regiões geopolíticas ou culturais pode haver diferenças linguísticas, e diferentes estudos evidenciam que há diversidades até mesmo dentro de uma mesma

região, que envolvem fatos sintáticos, morfológicos e fonéticos, incluindo diferenças marcantes, também, no nível lexical. Estudos linguísticos encontrados na literatura disponível sobre esse assunto atestam que a diversidade linguística tem sido investigada considerando-se os diferentes usos relativos ao léxico do Português do Brasil.

1.3. Sobre os Estudos do Léxico do Português do Brasil

Muitos trabalhos sobre o Português do Brasil têm focalizado a diversidade linguística no domínio lexical, uma vez que a língua é usada como instrumento de comunicação e interação por falantes de diferentes regiões, seja como atividades profissionais e algumas relacionadas a atividades específicas do meio rural, seja como manifestações religiosas. Nesse sentido, Amaral (1920) focaliza o dialeto caipira em São Paulo; Aires Machado (1964) trata do vocabulário do garimpo entre os negros em São João da Chapada - MG; Isquerdo (1998) analisa o vocabulário do seringueiro no Estado do Acre; Justiniano (2005) estuda o vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul; Póvoas (1989) estuda a linguagem falada nos terreiros de Candomblé (*Axé Ilê Ijexá*) em Salvador (BA); e Costa (2012) focaliza o léxico dos pescadores de Raposa (MA). Entre os estudos realizados em Minas Gerais, destacamos alguns que participam do projeto em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a responsabilidade da Prof^a Dr^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – *Léxico Regional: Descrevendo o Léxico Mineiro* –: Souza (2008) trata do léxico rural de Águas Vermelhas, na região Norte de Minas, e Ribeiro (2010) analisa o léxico rural de Passos, no Sul de Minas; Freitas (2012) e Cordeiro (2013) estudam, respectivamente, o léxico rural da Serra do Cipó, na região central de Minas, e o léxico rural de Minas Novas, no Vale Jequitinhonha (MG).

Na história da Dialectologia brasileira, *O dialeto caipira*, de Amaral (1920), é um marco que, de acordo com especialistas, abriu caminho para uma nova orientação nos estudos da língua em nosso País. Nessa obra, Amaral descreveu o léxico que subsistia entre as pessoas idosas, em pequenas comunidades, mas não especifica as áreas em que coletou os dados; porém, Duarte (1976, p. 91) informa que essas investigações ocorreram em: zonas de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos (SP).

Amaral (1920) elaborou uma extensa lista de itens lexicais atestados entre falantes da área rural, tendo organizado as lexias desta forma: verbetes em ordem alfabética, indicando a forma dialetal mais frequente e outras formas de pronúncia; abonações, informando os usos em questão; observações que incluem a extensão dos usos e das etimologias das formas. Além disso, em capítulo exclusivo sobre a formação do léxico caipira, identificou, em fontes importantes do Português do século XVI, numerosos arcaísmos presentes no dialeto, conforme estes exemplos: *saluço* (solução), *função* (baile), *reinar* (fazer travessuras), *prosear* (conversar) e *rabo-de-tatu* (relho).

Amaral já se mostrava pessimista em relação ao futuro do dialeto rural e, a esse respeito, pondera que o dialeto “[...] acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve” (AMARAL, 1982, p. 42). Sua obra orientou e orienta diversos trabalhos no âmbito lexical, no Brasil.

Machado, por sua vez, publica, em 1964, dados coletados em 1928. Nesse livro, ele reconstitui a história, os costumes, o folclore e as credices revelados(as) pelos negros que trabalhavam no garimpo em São João da Chapada, povoação-satélite de Diamantina (MG), onde a comunidade negra, naquela época, trabalhava nos garimpos de extração do ouro e do diamante. Hoje, quase um século depois, encontram-se, nas falas de alguns dos informantes que entrevistamos, cantigas cantadas pelos negros durante o trabalho na mineração – denominados *vissungos* –, como, por exemplo, uma que tem esta letra:

Aiô!...T'angananzambê, aiô!
Aiô!...T'angananzambê aiô!
É calunga qui tom' ossema,
Ê calunga qui tom' Anzambi, aiô!....

Além dos *vissungos*, encontramos, também, um léxico relacionado à atividade garimpeira cujas palavras que se assemelham a algumas do trabalho realizado por esse autor; por exemplo: *cravinote* (bermuda); *jangada* (instrumento para extração do diamante); *jogo-de-rio* (local de depósito de gorgulho); *lavar de peneira* (processo final na extração do diamante); *Praça* (profissional); e *Meia-praça* (profissional).

Póvoas (1989), visando preservar a tradição conservadora de comunidades dos terreiros de candomblé da Bahia, se propõe a descrever e a analisar o Português do Brasil falado por esses grupos, baseando-se em abordagens sociolinguísticas, antropológicas, etnográficas. Em seu estudo, ressalta a forma de preservação dessa

linguagem e aponta diversos fatores que contribuíram para o seu desaparecimento; porém, apesar de não terem registros escritos, essa linguagem se mantém nessas comunidades, transmitida apenas de “boca-ouvido”:

[o] candomblé da Bahia tem suas origens perdidas nas senzalas, onde os negros escravos transmitiam aos seus filhos os segredos dos *Òrisás*, a fé em *Olórun* e a esperança em *Ósálá*. Esses segredos resistiram a toda forma de opressão evangelizadora católica, à perseguição policial e a toda sorte de repressões e preconceitos. Não aceitando a escrita para registrar e perpetuar os segredos de *Òrisá*, a comunidade do candomblé confiou apenas no sistema de transmissão boca-ouvido. E durante 400 anos assim tem acontecido na Bahia, cada geração velando e transmitindo o *preceito* (PÓVOAS, 1989, p. 9).

Esse pesquisador analisa dados linguísticos recolhidos e observados em diferentes terreiros de candomblés da Bahia: *Àse Ilê Ìjésá* (Itabuna), *Ilê de Iansã Deuí* (Nazaré), *Vila Odé* (Ilhéus) e *Terreiro de Ancialu* (Ilhéus). O *corpus* é constituído por 6 (seis) contextos de fala gravados nesses terreiros, resultantes de atividades lúdicas entre os fiéis de *egbé* (por ser proibido filmar, fotografar ou gravar o que ocorre em um terreiro tradicional de origem *nagô*); além disso, o bom relacionamento desse pesquisador com adeptos, fiéis e autoridades de *babalòrìsá*, facilitou o seu acesso a essas comunidades, esse estudo e posterior comparação de textos da fala do candomblé da Bahia com textos escritos a partir da fala de terreiros *nàgô* do Rio de Janeiro, *Àse Òpó Àfónfáe Àse Ojú Oba Ogodo*, na Baixada Fluminense.

Isquerdo (1998), apresentando resultados do estudo anterior (ISQUERDO, 1996) e adotando o modelo lexicográfico e lexicológico proposto por Biderman (2001), analisa o léxico na fala do seringueiro do Estado do Acre. Essa pesquisadora inventariou, descreveu e analisou aspectos do léxico utilizado por esse grupo de seringueiros, considerando a possibilidade de o fenômeno estudado refletir a influência da realidade física, social e cultural da região acreana e do grupo de seringueiros em particular, procurando, também, detectar o que de específico existe nesse universo lexical. Em função disso, trabalhou com a hipótese de que: “[...] as complexidades e os contrastes do habitat do seringueiro favorecem a existência de um falar típico, notadamente distinto de outras regiões do País” (ISQUERDO, 1996 *apud* ISQUERDO, 1998, p. 95).

Além disso, ela aponta os processos de colonização e povoamento ocorridos no Estado do Acre e fatores que contribuíram para essa marcante distinção linguística.

Em função disso, fundamentando-se em observações empíricas assistemáticas, procura responder questões como:

[...] até que ponto a linguagem do seringueiro acreano configura-se como realmente própria daquele Estado? Será que a maneira de falar desse grupo não reúne elementos característicos também de outras regiões brasileiras em virtude da espécie de povoamento ocorrida no Acre? Será essa linguagem específica do seringueiro acreano ou do homem amazônico em geral? (ISQUERDO, 1998, p. 94).

Essa pesquisa foi realizada utilizando-se 2 (dois) *corpora*, optando pela investigação em fontes de natureza oral e de natureza escrita. A partir do tema “seringueiro”, seleciona textos de autores considerados representativos da região acreana, escritos a partir da década de 1970. Além dessas obras, utiliza documentos para o levantamento dos topônimos empregados pelos seringueiros para nomear os seringais e colocações². O *corpus* oral foi constituído por dados fornecidos pelo Centro de Estudos Dialecológicos do Acre (CEDAC) e por entrevistas realizadas por ela na cidade de Rio Branco (AC)³. Para a sistematização dos significados das unidades lexicais, obedeceu-se à seguinte dinâmica:

- a) verificação da aceção apresentada pelos dicionários de uso selecionados – *Dicionário da Língua Portuguesa* (1813), de Antônio de Moraes Silva, e *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1986), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; e
- b) verificação do significado dos termos em dicionários regionais;

²Alfa, São Paulo, 42 (n. esp.): 93-107, 1998 95 - *Cartilhas populares: do seringueiro para o seringueiro*, v. 1 a 5, *História da Amazônia* e *O caucho, a seringueira e seus mistérios*, de Hélio Melo (ex-seringueiro) e *Sapupema* (contos), *Terra caída e Vidas marcadas* (romances), obras de José Potyguara, escritor regional acreano.

³ CEDAC - Centro de Estudos Dialecológicos do Acre, órgão vinculado à UFAC - Universidade Federal do Acre, instituição que está desenvolvendo o Projeto do *Atlas Etmolingüístico do Acre*. O material fornecido por esse órgão consta de gravações efetivadas no ano de 1989 com seringueiros do Vale do Acre - municípios de *Rio Branco*, *Plácido de Castro* e *Xapuri*. Além desse material, utilizou gravações realizadas por ela com ex-seringueiros e com seringueiros (*Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 93-107, 1998) também do Vale do Acre, por ocasião do levantamento de dados na cidade de Rio Branco - AC (ISQUERDO, 1998, p. 96-97).

Com base nos estudos acerca do conceito de rede associativa e de campo léxico de Biderman (1981), ela agrupou os dados em campos a partir da palavra nuclear: seringal. Reuniu, assim, um inventário vocabular de 849 (oitocentos e quarenta e nove) lexias, sendo 567 (quinhentas e sessenta e sete) unidades utilizadas pelo grupo para designar aspectos do seu cotidiano e 282 (duzentas e oitenta e duas) classificadas como signos toponímicos; das 567 (quinhentas e sessenta e sete) unidades lexicais que integraram o *vocabulário comum*, 166 (cento e sessenta e seis) são lexias *não-dicionarizadas* – 84 (oitenta e quatro) identificadas no *corpus* oral, 49 (quarenta e nove) no escrito e 43 (quarenta e três) coletadas tanto do *corpus* oral quanto do escrito.

A partir daí, Isquerdo (1998) constatou que:

1. as unidades lexicais representativas do vocabulário do seringueiro acreano estão presentes também em outras regiões do Brasil, tais como as regiões Norte e Nordeste (exemplos: no Norte – *aviamento; balseiro; brabo; batelão; barracão; caldeirão; centro; chibe; comboio; mãe da mata; detumador; estrada de seringa; marupiara; mutá; tapioca; seringal; seringueiro; varadouro* –; no Nordeste – *bilha; carne de sol; brocar; cabaça; mucunzá; farinha d'água; macaxeira; reza; varanda; taboca*); e que

2. as unidades lexicais do vocabulário geral da língua que integram o vocabulário ativo do grupo ora representam "marcas" de conservadorismo linguístico – *abicar; aproar; alumiar; abancar; atracar* –, ora são unidades que, embora de uso comum, no âmbito dos seringais, designam referentes estreitamente relacionados ao trabalho do seringueiro – *balde; bacia; tigela, tigelina; bernal; borracha; corte; cortar; colher, colheita; lamparina; riscar, risco; raspagem* e, em razão disso, integram o vocabulário específico do grupo.

Ao final, essa pesquisadora aponta fatores que desfavorecem a inovação desse vocabulário, nestes termos:

[...] não é demais lembrar que o cotidiano de vida desse trabalhador é fortemente marcado pela rotina em função das características do meio e da natureza do trabalho que realiza. Essa constatação parece justificar o fato de o

vocabulário do grupo não ser marcado por grandes inovações - a presença de um maior número de ocorrências de lexias identificadas concomitantemente nas fontes oral e escrita evidencia o caráter conservador da língua usada nas regiões rurais. O isolamento em termos geográficos e sociais e, inclusive, as dificuldades de acesso aos meios de comunicação de massa, motivam o não surgimento frequente de neologismos. Deste modo, a língua falada por grupos que habitam no meio rural é passada de geração para geração sem significativas alterações (ISQUERDO, 1998, p. 104).

Justiniano (2005), voltado ao estudo do vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul, apresenta a norma lexical de um grupo específico: os trabalhadores que atuam em diferentes fases do processo do cultivo e de industrialização da erva-mate nessa região, abrangendo os distritos de Amambai, Caarapó, Tacuru, Ponta Porã e Sanga Puitã. Seu objetivo é recuperar o vocabulário que nomeia todas as etapas do processo de produção, extrativismo e comercialização da erva-mate, bem como a descrição da erva e dos hábitos dos homens que se ocupam dessa atividade.

Essa pesquisa é pautada em dados de língua oral; na seleção dos informantes, considera aspectos representativos de envolvimento dos trabalhadores nas diferentes fases do trabalho com a produção e o processamento da erva-mate, composto de 12 (doze) profissionais – 4 (quatro) de cada localidade –, do sexo masculino. Para coleta dos dados, utiliza um questionário composto por 148 (cento e quarenta e oito) questões. Baseia-se em dicionários de língua portuguesa e em dicionários de línguas guarani e espanhola, para esclarecimentos quanto à grafia e à estrutura mórfica das palavras e para identificar as origens das lexias estudadas.

Nesse estudo, o autor reúne 310 (trezentas e dez) unidades lexicais e, com relação a esse conjunto, observa que:

1. um número significativo de lexias oriundas de línguas estrangeiras, como a espanhola, a guarani ou outras línguas indígenas, entraram no sistema, como empréstimo, sem qualquer alteração;
2. há presença acentuada de lexias complexas não-dicionarizadas, chamadas de composições sintagmáticas; e que
3. há registro de lexias de língua geral nesse vocabulário (*quebra-pedra, marcela, balaio, arroba*) que também pertencem ao universo lexical da erva-mate.

A partir desses dados, o autor constata que o vocabulário da erva-mate é originado pela influência de paraguaios, de brasileiros e de alguns argentinos que trouxeram para a região (Sul do Mato Grosso do Sul) os seus costumes e os seus hábitos linguísticos, o que resultou em normas lexicais amalgamadas à norma local. Assim, ocorreu um encontro de línguas diversas que se fundiram para nomear a planta, os instrumentos, os meios de locomoção, os tipos de erva, a vestimenta e a culinária, as diversões e as crenças, bem como os tipos de bebidas e os hábitos culturais.

Costa (2012) realiza um estudo linguístico no litoral maranhense, no qual analisa o léxico e a cultura dos pescadores do município de Raposa (MA). Ela coletou dados de 10 (dez) entrevistas orais entre os pescadores e realizou uma análise qualitativa apresentada em 246 (duzentas e quarenta e seis) fichas lexicográficas. Elaboradas essas fichas, partiu para uma análise quantitativa dos dados, tendo constatado que:

- das 246 (duzentas e quarenta e seis) lexias, 196 (cento e noventa e seis) estão inseridas em pelo menos um dos dicionários pesquisados; e que
- na análise das classes gramaticais, os substantivos se destacam, com 217 (duzentas e dezessete) ocorrências, representando 86,8% das lexias selecionadas. Em seguida, os verbos, com 29 (vinte e nove) ocorrências, totalizando 11,6% dos vocábulos. Os adjetivos abarcam 1,2% do total de vocábulos. As locuções adjetivas, por sua vez, correspondem a 0,4% do *corpus*.

Diante das pesquisas realizadas com relação ao contexto sociocultural dessa comunidade pesqueira e considerados os resultados tanto qualitativos quanto quantitativos, essa pesquisadora concluiu que:

essa organização nos permitiu traçar um perfil sociocultural dominante na região: o léxico da Raposa reflete o mundo rural nordestino, especialmente o cearense – os costumes, as tradições, o mundo agropecuário no qual os migrantes de Acaraú se inseriam antes da migração contínua presente, não somente nas lexias que a ele remetem, como, também, por meio da organização das formas de trabalho relacionadas à pesca (COSTA, 2012, p. 271).

Quanto a Minas Gerais, destacamos, aqui, alguns trabalhos que compõem o projeto *Léxico Regional: Descrevendo o Léxico Mineiro* – que vem sendo realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, desde 2008. Souza (2008) trata do léxico rural de Águas Vermelhas, na região Norte de Minas; Ribeiro (2010) analisa o léxico rural de Passos, no Sul de Minas; Freitas e Cordeiro (2012) estudam o léxico rural; a primeira, o de Jaboticatubas e de Santana do Riacho, municípios localizados na Serra do Cipó, na região central de Minas; a segunda, o de Minas Novas, no Vale Jequitinhonha (MG).

Lendo-se esses trabalhos, observa-se que, apesar de analisarem o léxico, assim como os outros trabalhos supracitados, esses apresentam características peculiares; voltados ao léxico falado no “mundo rural”. Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012) e Cordeiro (2013) têm por objetivo descrever, analisar e registrar as normas lexicais de grupos de pessoas que vivem em áreas rurais e abordam a questão da conservação desse léxico em meio a tantas mudanças de hábitos.

Ambos seguem procedimentos metodológicos semelhantes, com algumas distinções; ou seja: realizaram 15 (quinze) entrevistas sociolinguísticas com pessoas com idades iguais ou superiores a 70 (setenta) anos, nascidas ou que tenham vivido a maior parte de suas vidas nas comunidades estudadas, tendo baixos níveis de escolaridade ou sendo analfabetas; registraram esses dados em fichas lexicográficas que contêm todas as informações necessárias para análises; realizaram pesquisas em dicionários do Português europeu – Bluteau e Moraes – e do Português brasileiro – Laudelino Freire, Aurélio e Cunha; elaboraram um glossário, seguindo o critério semasiológico, ao final dos seus trabalhos.

Visando compreender o motivo da manutenção do léxico, bem como as relações que se estabelecem entre a língua, a cultura e a sociedade presentes no léxico falado por esses grupos, e por considerarem isso indispensável para se perceber as normas estabelecidas por determinados grupos, os pesquisadores realizaram estudos linguístico-histórico-culturais sobre o processo de povoamento e os aspectos históricos inerentes a essas regiões.

Souza (2008) constatou que o município de Águas Vermelhas, no Norte de Minas, fez parte de 2 (duas) rotas ligadas ao desbravamento do território mineiro: a rota das bandeiras mais antigas que aqui adentraram (século XVI) e a rota do caminho do boi – responsável pelo abastecimento em Minas Gerais a partir do século XVIII. Já Ribeiro (2010) aponta a questão agropecuária e a pecuária de invernada como fatores

primordiais para entendermos a formação da cultura do Vale do *Jacuihy*, no município de Passos - MG. Freitas (2012), por seu turno, destaca a questão da localização da região da Serra do Cipó, por estar nos caminhos do ouro e do gado, desde os primórdios do Estado de Minas Gerais, como um dos fatores que contribuíram para a cultura local. Cordeiro (2013), por sua vez, considera a forma de povoamento da região por meio da mineração como um dos fatores que destacam a cultura do Vale de Jequitinhonha.

Dentre os procedimentos distintos desses trabalhos, apontamos um que, embasado nas teorias lexicológica e lexicográfica propostas por Biderman (1978, 1998, 2001), demonstra a possibilidade de se agrupar o léxico de formas diferentes. Enquanto Souza (2008) organizou os dados adotando o critério dos campos lexicais, Ribeiro (2010), Freitas (2012) e Cordeiro (2013) elaboraram um glossário seguindo o critério onomasiológico.

Souza (2008) verificou:

1) que os casos de lexias que sofreram mudanças desde o século XVIII, seja no sentido ou na forma ou substituídos por outros na língua culta, somam 15,4%. São eles: *acá, adonde, aguardente, alembro, alevantei, alumiava, antonte, arribava, barro, cacatua, cachaça, candeia, candieiro, carneira, causo, depois, dispensa, dizer missa, entonce, inté, luitando, pessuiu, riba;*

2) a existência de um vocabulário de origem indígena, somando 12,1% das lexias dicionarizadas, corroborando sua hipótese da influência da presença do índio e do negro no processo de povoamento da região; e que

3) alguns casos de lexias consideradas arcaísmos (11/149) representaram 7,4% das lexias dicionarizadas: *acá, adonde, alembro, alevantei, alumiava, depois, dizer missa, entonce, imbigio, luitando e pessuiu.*

Visando ressaltar os aspectos humanos da região pesquisada, Souza (2008) distribuiu os dados em 9 (nove) campos lexicais, considerando as suas lexias, a saber: as relações sociais, os costumes e valores que foram formados ao longo das gerações, a riqueza material produzida ou utilizada pelo homem na região, a culinária e os remédios, algumas visões de mundo em relação à quantidade, ao estado ou às formas

das coisas que estão em torno. Os resultados revelaram presença significativa das variedades mais distantes da norma-padrão, bem como a existência de um conjunto de elementos que caracterizam a região e um vocabulário conservador na fala dos entrevistados, constatando-se, inclusive, casos de arcaísmos, corroborando sua hipótese de que:

o resultado de um isolamento dessas pessoas em relação aos grandes centros urbanos, decorrente principalmente da condição econômica dos mesmos e também da existência de uma “rede fechada” que possibilita a manutenção linguística e uma maior restrição às inovações externas (SOUZA, 2008, p. 241).

O estudo de Ribeiro (2010) utiliza um *corpus* constituído por 337 (trezentos e trinta e sete) dados organizados em fichas lexicográficas. Após análise dessas fichas, essa autora constatou que:

1) as lexias dicionarizadas, presentes em cada dicionário, somam 245 (duzentas e quarenta e cinco). Algumas dessas lexias são comuns em outros lugares no Brasil, tais como no Norte de Minas, conforme atesta o estudo de Souza (2008) e em São Paulo, conforme o estudo de Amaral (1920). No primeiro estudo, encontrou um léxico comum que soma 39 (trinta e nove) lexias, o que representa 11,57% do total de dados coletados;

2) nomes que apresentam a mesma forma e o mesmo significado: *acá, adonde, alembrear, barrer, boiadero, cacunda, cadê, camarada, candeia, candiêro, canga, capado, carrera, causado, de primero, derradero, depois, em antes, fundar, gamela, imbigó, inté, mais, mode, mucado, paió, pegar, pilão, pinga, rancho, réis, riba, roda, topar, tustão, tropa*;

3) nomes que apresentam a mesma forma; porém, com significados distintos: *Carrero* – caminho (Águas Vermelhas); guia de carro de bois (Passos); *Catinga* – vegetação (Águas Vermelhas); mau cheiro (Passos); *Paninho de bunda* – enxoval de noivas (Águas Vermelhas); fralda (Passos). Já o segundo, o vocabulário de Amadeu Amaral (1920), intitulado *O Dialeto Caipira*, cuja proposta foi retratar o falar do interior

paulista no início do século XX, comparado com o estudo de Ribeiro (2010), contabilizou 62 (sessenta e duas) lexias comuns (18,4%) do total de dados; e que

4) os casos de lexias classificadas como arcaísmos (séculos XIII, XIV, XV), representaram 3,26% das lexias dicionarizadas, a saber: *acá, adonde, alembrar, antão, cramar, dispois, imbigio e légua*. Além desses, listou alguns casos de retenções lexicais (século XVI): *barrer, inté, mode e riba*.

Freitas (2012), por sua vez, registra 335 (trezentos e trinta e cinco) lexias, dentre as quais 256 (duzentas e cinquenta e seis) estão dicionarizadas em cada dicionário: i) Padre Raphael Bluteau, 105 (cento e cinco) vocábulos são encontrados nessa obra, o que corresponde a 31,34% do total de vocábulos dicionarizados; ii) o dicionário de Antônio de Moraes e Silva apresenta 135 (cento e trinta e cinco) lexias, o que representa 40,29%; iii) os dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira são os que apresentam maiores números de registros das lexias constantes do grupo das dicionarizadas: o primeiro, com 211 (duzentos e onze) vocábulos, e, o segundo, com 228 (duzentos e vinte e oito), o que corresponde a 62,98% e 68,05%, respectivamente; iv) o dicionário de Antônio Geraldo da Cunha apresenta 183 (cento e oitenta e três) lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa um percentual de 54,62%; v) por fim, no dicionário de Amadeu Amaral constatou a presença de 55 (cinquenta e cinco) unidades léxicas; ou seja: 16, 41% do total das 256 (duzentas e cinquenta e seis) lexias que se encontram dicionarizadas.

Ao analisar as classes gramaticais, constatou-se que os substantivos e os verbos constituem 275 (duzentas e setenta e cinco) ocorrências, totalizando 82,08% do *corpus*. Os substantivos, com 215 (duzentas e quinze) ocorrências, representam 64,17% das lexias selecionadas. Os verbos, com 60 (sessenta) ocorrências, totalizam 17,91% dos vocábulos. Os adjetivos, por sua vez, apresentam 14 (quatorze) casos; ou seja: 4,17% dos dados. Os advérbios abarcaram 2,1%, com 7 (sete) ocorrências. As locuções adverbiais e pronominais, os pronomes, as preposições e as conjunções totalizam 11 (onze) ocorrências, o que aponta para 3,3% do total de vocábulos. As unidades fraseológicas reuniram 28 (vinte e oito) ocorrências, o que representa 35% do total de dados analisados.

Já Cordeiro (2012), seguindo a mesma metodologia desse projeto, registrou 312 (trezentas e doze) lexias em fichas lexicográficas, tendo constatado que 226 (duzentas e vinte e seis) delas estão dicionarizadas em pelo menos 1 (um) dos dicionários pesquisados, a saber: em Bluteau, 48%; em Moraes, 56%; em Laudelino Freire, 95%; em Aurélio, 93%; e, em Amadeu Amaral, 25% desse total. Quanto à classificação morfológica, a classe que mais se destacou foi a dos substantivos, com 184 (cento e oitenta e quatro) lexias – 58,9% do total –; em segundo lugar, os verbos, com 70 (setenta) ocorrências – 22,4% do total –; as fraseologias, com 7%, com um total de 22 (vinte e duas) lexias; os adjetivos representaram 4,48%; as locuções adverbiais, 2,88%; os advérbios, 2,56%; e, os pronomes, 0,9%. Além disso, comparou seus resultados com outros estudos que fazem parte do projeto realizado em Minas Gerais e verificou que 21,7% das 312 (trezentas e doze) lexias são comuns em outras regiões mineiras.

Os diversos estudos aqui sintetizados – realizados em diferentes regiões do Brasil, desde o início do século XX – apresentam resultados evidentes de heterogeneidade lexical, uma vez que há incidência de “marcas regionais” que se manifestam no léxico ora por meio de significantes específicos, ora por intermédio de unidades vocabulares de uso geral na língua, que passam a receber novas cargas semânticas, diante da necessidade de se nomear novos referentes da realidade brasileira. Em síntese, mostram que as características marcantes do meio, a forma de povoamento de cada localidade e fatores históricos refletem claramente as relações existentes entre a língua, a cultura e a sociedade, configuradas pela diversidade lexical presente nas falas tomadas como objeto de estudo e que evidenciam diferenças, seja na manifestação religiosa, no Nordeste, na extração da borracha, no Norte, no processo de extração da erva-mate, no Sul, seja no mundo rural, no Sudeste.

Esses fatos mostram, portanto, que uma melhor compreensão da diversidade lexical no território brasileiro implica a necessidade de novos estudos que tratem do léxico na fala de membros de outras comunidades além das já pesquisadas. E a extinta exploração da mineração de ouro e diamante em Datas e Cachimbos, no Alto Jequitinhonha - MG ressalta-se como elemento motivador de trabalhos que focalizam a fala dessa região, que, por hipótese, revelarão muitas particularidades em relação ao léxico. O contato com alguns depoimentos dos falantes nos permitiu perceber que o conhecimento dos segredos da extração, do manuseio, do comércio desses minerais faz parte do repertório cultural de pessoas que se lembram, com saudosismo, da época áurea

dessa atividade. Diante disso, este estudo aborda itens lexicais de uma atividade profissional encontrados na fala de remanescentes de comunidades garimpeiras moradores dessas localidades; assim, denominaremos de Léxico do Garimpo o da linguagem especificamente profissional falada por pessoas que trabalham ou trabalharam, durante muitos anos, na atividade garimpeira, como, por exemplo: *barriga-de-boi*, *batuquim*, *bucha-forrada-total*, *caixa-de-depósito*, *catiage*, *catear*, *cortar o entulho*, *despedrar*, *paçoca*, *rabo-de-bica*, e *ventoneira*.

Além disso, por se tratar de uma área rural – universo do qual a maioria dos informantes faz parte –, constatamos, nas sessões de interação verbal, a utilização de diversos itens lexicais que fazem parte do “mundo rural”, que serão incluídos neste estudo e denominados de Léxico Rural – o léxico falado por pessoas que vivem em comunidades rurais; ou seja, no campo, que têm, em comum, traços regionais característicos que, apesar da influência das áreas urbanizadas, preservam a linguagem, a cultura, os costumes e os saberes populares e exercem atividades profissionais relacionadas ao campo. Exemplos: *acá*, *alembirá*, *azougue*, *bater paiada*, *cramá*, *invir*, *prato*, *quartiage*, *rancho*, *samborá*, *sidumia*, *tamaniquim*, *taquara*, *tibórnia*, *tiquitim*, *trambuco*, e *tranco*. Sobre essa linguagem do homem do campo, Antunes (2006) afirma:

[...] a língua do homem do campo, não faz parte do cânone linguístico. Não é língua que se aprende na escola, a que serve para escrever. Variante que se aprende com os pais, avós e irmãos, esse dialeto só é escrito em ocasiões particulares. Não é usada pela grande imprensa e tem um espaço mínimo na historiográfica literária brasileira (ANTUNES, 2006, p. 26).

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, explicitaremos os pressupostos teóricos metodológicos adotados na análise dos dados que se associam a pressupostos fornecidos por Teorias do Léxico, alguns conceitos e princípios encontrados na Teoria da Variação e Mudança Linguística. Assim, para o tratamento dos dados que consiste na organização sistemática do léxico com elaboração das fichas lexicográficas, bem como da elaboração dos glossários onomasiológico e semasiológico, nos baseamos nos fundamentos teóricos da Lexicologia e da Lexicografia, onde buscamos estudos que tratam:

- a) da definição de questões básicas para a elaboração de um dicionário que são postuladas por Haensch (1982) e Barbosa (1995);
- b) de disciplinas voltadas a esse fim; ou seja: a Lexicografia que, vinculada à Lexicologia, se ocupa da descrição do léxico; e
- c) da noção de unidade lexical que é retratada por Biderman; primeiro, em 1998, quando aborda as dimensões da palavra; segundo, em 1999, quando estabelece critérios para a classificação de um conceito linguístico de *palavra*, bem como uma noção clara de unidade lexical (lexemas, lexias simples, lexias complexa e composta, unidade fraseológica) e os problemas que surgem ao classificá-las.

Quanto aos pressupostos referentes à Teoria da Variação e Mudança Linguística, cumpre esclarecer que adotamos os princípios fornecidos por Labov (1972), Milroy (1987) e Milroy (1992) apenas para a constituição da amostra e a coleta dos dados, porque este estudo não tem por objetivo analisar a variação e a mudança linguísticas.

2.1. A Teoria do Léxico

2.1.1. Fundamentos da Lexicologia e da Lexicografia

Conforme afirma Biderman (2001, p. 132), o léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua, já que “[...] inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os

referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado”. Com essa mesma postura, Oliveira (2001, p. 109) assevera que “o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade, tornando-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como todas as normas sociais que a regem”. Entendemos, portanto, que o léxico é o conjunto de itens lexicais representativos do patrimônio sociocultural de uma determinada comunidade.

Corroborando isso, salientamos a visão de Barbosa (1981), que afirma que:

o léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico -, sua civilização; e compreende-se pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja reflexo, de alterações culturais (BARBOSA, 1981, p. 120).

E é importante ressaltar, também, a posição assumida por Vilela (1995), segundo a qual:

o léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si (VILELA, 1995, p. 13).

Considerando o léxico como recurso de expressão e interação social, assumimos, então, que é no dinamismo do processo de comunicação que os usuários criam, recriam e incorporam o vocabulário de sua língua, contribuindo, assim, para o processo contínuo de criação, renovação e expansão lexical. O estudo dessa entidade é de suma importância para a descrição das línguas naturais, uma vez que reflete os eventos sociais, históricos e culturais que perfilam as atividades de seus membros; contudo, sabemos que estudá-los não é tarefa fácil.

Nos últimos anos, temos testemunhado interesse considerável de pesquisadores em relação à investigação e ao estudo sistemático do Léxico. Diante disso, é necessário mencionar que diferentes abordagens foram surgindo. Hoje, são consideradas 3 (três) áreas que se ocupam do estudo desse objeto: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Embora tenham o mesmo enfoque e busquem descrevê-lo, abordam de forma diferente esse objeto, conforme expomos, em linhas gerais, em seguida.

A Lexicologia, um dos ramos da Linguística voltados ao estudo do léxico em uma determinada comunidade, tem por finalidade: i) estabelecer relação com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica; ii) determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo lexical de uma língua, assim como o seu uso em diferentes comunidades de fala; e iii) observar e descrever, cientificamente, as unidades lexicais de uma comunidade linguística, considerando as particularidades de cada palavra (o seu período histórico, a sua região geográfica, a sua realização fonética, os morfemas que a compõem, a sua distribuição sintagmática, o seu uso social, cultural, político e institucional).

Um estudioso que realizou importantes estudos nessa área foi George Matoré (1953) que, ao associar léxico e sociedade, confere à Lexicologia o *status* de disciplina sociológica, uma vez que tanto a Lexicologia quanto a Sociologia têm por objetivo o estudo de fatos sociais, por considerar que o léxico é testemunho de uma sociedade, do seu modo de vida em uma determinada época. Barbosa (1998) aponta o papel a ser desempenhado pelo lexicólogo: analisar, descrever e explicar os itens lexicais, além de tratar da análise qualitativa e quantitativa dos dados lexicais e de fazer a descrição morfo-sintaxe-semântica das classes e subclasses das lexias e de estabelecer redes semêmicas e lexicais.

Nesse mesmo enfoque, destacamos que, na Lexicografia – ciência dos dicionários que tem o léxico como objeto de estudo, com a finalidade de descrevê-lo –, atualmente, predomina a descrição do léxico, deixando o estudo do léxico geral ao encargo da Lexicologia. Um pesquisador que se destaca nessa área é Haensch (1982), que aborda essa questão apresentando uma metodologia para elaboração de dicionários, glossários e vocabulários. Segundo ele, é preciso observar os critérios que determinam a seleção de entradas de um dicionário ou glossário. Desses critérios, três são externos, quais sejam: i) a finalidade (descritiva ou normativa); ii) o grupo de usuários a que se destina (especialistas, tradutores, alunos, bacharelado, público culto, etc.); e iii) a extensão do dicionário. Já o quarto critério é interno; ou seja: o método de seleção das unidades lexicais deve seguir os princípios linguísticos, levando-se em conta os 3 (três) critérios externos.

Na visão de Biderman (2001), a Lexicografia é a ciência responsável pela elaboração de dicionários, que predominam na descrição do léxico e: i) constituem uma organização sistemática do léxico; ii) são produtos culturais que devem registrar a

norma linguística e lexical vigente na sociedade para a qual são elaborados; e iii) recolhem o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social.

Para a realização desse tipo de trabalho, porém, surgem várias questões que devem ser esclarecidas, como, por exemplo:

- 1) a extensão da sua macroestrutura e o público ao qual se destina;
- 2) o conceito de *brasileirismos* e de *regionalismos*; especialmente o de *regionalismo lexical*, porque é muito ambíguo e conceituá-lo remete à questão da norma linguística; Sobre essa questão, Biderman (1998) assim se manifesta:

[...] um dos problemas que se manifestam no estabelecimento dos parâmetros da descrição do léxico advém da variação linguística no espaço: antes do mais, a grande divisão geopolítica que opõe as duas sociedades e as duas culturas de língua portuguesa manifesta no português brasileiro (*brasileirismos*) vs. português europeu; em segundo lugar, as variações internas dentro de cada comunidade nacional – donde os regionalismos e os usos dialetais. [...] Para a sociedade brasileira, qualquer dicionário padrão da língua deve descrever a norma do português brasileiro, mas, no país, coexistem diversas variantes igualmente boas, catalogadas como *normais*, sendo alguns usos ou signos preferidos numa ou noutra região para designar o mesmo referente (BIDERMAN, 1998, p. 166).

Em se tratando da questão dos *brasileirismos*, adotamos a conceituação de Mattoso Câmara Jr. (1973, p. 66), que considera *brasileirismo*:

[...] qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O *brasileirismo* pode ser – a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil, b) geral, quando se estender por todo o território brasileiro. É este último que caracteriza o português do Brasil em face do português de Portugal, podendo ser um *vulgarismo*, ou estar aceito na norma linguística espontânea (MATTOSO CÂMARA JR., 1973, p. 66).

Já Oliveira (1999) postula o termo “*brasileirismo*” como aplicável a todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o Português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa. Além disso, ela considera que as categorias: a) os *indigenismos* (repertório lexical originado do conjunto das diversas famílias indígenas brasileiras que contribuíram para o Português do Brasil), b) os *africanismos* (conjunto dos vocábulos originados dos diversos falares africanos que contribuíram para o português do Brasil), os *brasileirismos* semânticos, as formações e as derivações brasileiras, podem ser também classificadas utilizando-se esse termo; e

3) os arcaísmos ou palavras e expressões caídas em desuso ou que se tornaram obsoletas.

Para tratarmos dessa questão, adotamos, aqui, a definição registrada por Mattos e Silva (1991), quando considera “*português arcaico* o período histórico da língua portuguesa que se situa entre os séculos XIII e XV” (MATOS E SILVA, 1991, p. 15). Além disso, apresenta uma subperiodização do Português arcaico, discutida por outros autores como:

Leite de Vasconcelos limitava-se nos inícios deste século a designar esse período pela expressão única de *português arcaico*. Já Carolina Michaélis de Vasconcelos com base na produção literária medieval portuguesa subdivide esses três séculos: *período trovadoresco* até 1350 e o *período do português comum* ou da *prosa histórica*. Essa posição foi aceita por Serafim da Silva Neto na sua *História da Língua Portuguesa*. L. F. Lindley Cintra opõe ao *português antigo*, do século XIII às primeiras décadas do XV, o *português médio*, daí até as primeiras décadas do século XVI. (SILVA, 1991, p. 16-18).

Nos trabalhos anteriormente sintetizados, apresentamos alguns arcaísmos encontrados em outras regiões mineiras, que constituem exemplos que podem melhor esclarecer essa definição: *acá, adonde, alembro, alevantei, alumiava, depois, dizer missa, entonce, imbigio, luitando e pessuiu*;

4) outro problema considerado por essa pesquisadora, que será tratado a seguir, é o que diz respeito à identificação da unidade léxica. Uma das dificuldades com as quais o linguista ou o lexicólogo se depara, ao lidar com o léxico, é definir o que é o termo *palavra*. A Linguística nos oferece contribuições importantes para a precisa compreensão desse termo. Biderman (1998) pondera sobre vários ângulos sob os quais a palavra pode ser analisada. Ela aborda, nesse estudo, algumas das dimensões mais importantes dessa complexa matéria: o valor mágico da palavra e a potência criadora do verbo; a dimensão cognitiva que se associa ao problema da nomeação e da designação da realidade, gerando o vocabulário das línguas naturais; a dimensão significativa onde se examina a questão do signo linguístico e sua relação com a realidade. Dentre essas dimensões, destacamos, aqui, a dimensão cognitiva e a dimensão significativa.

A dimensão cognitiva, baseada na teoria da interpretação do fenômeno de categorização linguística e, conseqüentemente, de nomeação do universo, elaborada por Lenneberg (1995), ocupa-se, sobretudo, da atividade de nomear, que é específica da espécie humana. Essa nomeação resulta do processo de categorização – entendida como

a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando em uma única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente; além disso, a categorização supõe, também, a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelos aparatos sensitivo e cognitivo do indivíduo. A esse respeito, Biderman ressalta que:

o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais. Por outro lado, podemos afirmar que, ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na bíblia judaico-cristã [...]. A geração do léxico se processou e processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras (BIDERMAN, 1998, p. 92).

Biderman (1998) aborda, também, a questão da categorização e do relativismo linguístico, baseando-se na hipótese Sapir-Whorf (1965). Nessa perspectiva, cada língua analisa, diferentemente, as experiências não-linguísticas, classifica e organiza, de maneira distinta, a realidade. Então, da nossa língua materna é que receberemos uma determinada visão de mundo, a qual é pré-determinada pelo uso da língua que falamos. Biderman, contudo, adota uma versão moderada e considera que o ambiente influencia o meio, mas não modifica o homem. Dessa forma, pondera que é muito difícil comprovar, cientificamente, essa teoria; considerando alguns dados para testar essa hipótese, ela conclui que:

os sujeitos utilizam os recursos disponíveis no vocabulário da sua língua materna para a referência. Os conceitos que podem ser nomeados e facilmente formulados no idioma nativo dos falantes são mais fáceis de adquirir porque já se encontram codificados no léxico desse idioma. [...] As diferenças entre as línguas não devem interferir no processo cognitivo. [...] O repertório lexical transmitido de geração em geração através da educação informal e formal exerce papel importante na categorização/conceitualização do universo, ao fornecer ao indivíduo um estoque de nomes já codificados nessa cultura. [...] Através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário. Assim, o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sociedade (BIDERMAN, 1998, p. 103-104).

Quanto à dimensão significativa, baseia-se no modelo clássico do “signo linguístico” formulado, primeiramente, por Saussure (1916) e, posteriormente, aperfeiçoado por outros linguistas. Nesse modelo, o autor estabelece alguns axiomas básicos sobre o problema da significação, a saber: i) a relação indissociável entre um conceito e uma imagem acústica; e ii) o signo linguístico como uma entidade psíquica, constituído por significados e imagens acústicas. Assim, propõe manter signo linguístico como termo técnico para o conjunto total e substituir o conceito de imagem acústica por *significado* e *significante*. Esse autor, entretanto, observou que a *arbitrariedade* é uma característica básica do signo linguístico, mesmo apresentando algumas divergências. Uma delas é que o signo linguístico é arbitrário, em relação ao significado, *imotivado*; ou seja: o falante não escolhe livremente o significante. E, com relação ao *significado* e ao *significante*, não há relação natural com a realidade.

A esse respeito Biderman comenta:

[...] a língua se situa no tempo, continuando duradouramente numa comunidade de falantes através das idades. É o tempo que altera os signos linguísticos e que introduz outro fator importante: a *mutabilidade* do signo. [...] Na verdade o signo não muda integralmente de uma vez; as alterações vão se verificando paulatinamente através da história. Embora seja difícil determinar as causas das mudanças ocorridas no signo linguístico, elas acarretam “um deslocamento da relação entre o significado e o significante”. Essa é uma das consequências da arbitrariedade do signo linguístico. É esse caráter arbitrário que distingue a língua de todas as outras instituições sociais (BIDERMAN, 1998, p. 107).

Essa pesquisadora levanta uma questão sobre a base da *mutabilidade* do signo, demonstrando, com exemplos, que a classe dos substantivos é a que melhor representa o modelo ideal do signo linguístico com relação à mudança. Além da formulação da definição do signo linguístico, o mestre genebriano – Saussure – tratou, também, da noção de valor, quando reconhece ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros e aos quais ele se contrapõe, formando uma rede semântica. Para ilustrar essa afirmação, Biderman (1998) apresenta alguns exemplos de relações sêmicas de oposições existentes em conjuntos de signos relacionados, que demonstram, claramente, que o valor de uma palavra dentro do sistema emana da complexa rede de significações que se tece no interior do léxico, observando que:

o valor que se soma do significado básico de um signo é puramente diferencial: esse valor é definido não por seu conteúdo (semântico) mas

negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. A característica fundamental de cada signo é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 1916, p. 162 *apud* BIDERMAN, 1998, p.111-112).

Dando prosseguimento ao que diz respeito ao problema linguístico que envolve o conceito do termo *palavra*, abordamos, aqui, o estudo de Biderman (1999), que trata dessa questão incorporando termos surgidos no âmbito do Estruturalismo e, assim, considera que:

- a) é impossível definir de modo universal essa entidade;
- b) a sua definição e a sua identificação no nível do discurso devem ser analisadas língua a língua.

Além disso, discute o problema da segmentação do discurso em unidades léxicas, sua conceituação e a terminologia adequada a uma ciência lexicológica. Inicialmente, aponta alguns critérios para a delimitação da palavra, a saber:

1) o critério fonológico (potencialidade de pausa, acento da palavra e outras regras fonológicas);

2) o critério gramatical ou morfossintático (sendo reconhecidas as unidades léxicas em potencial do enunciado, por meio de análise fonológica, é necessário submeter os segmentos isolados às regras morfossintáticas que atuam no sistema linguístico em consideração); e

3) o critério semântico (considerado como decisório e final). A esse respeito, concorda com Ullmann (1952) quanto ao fato de a palavra ser uma unidade semântica indecomponível: “se existem unidades gramaticais significantes menores do que a palavra, ela não tem significação autônoma” e define palavra como: “a unidade semântica mínima do discurso” (ULLMANN 1952, p. 33 *apud* BIDERMAN, 1999, p. 87).

Contudo, a autora conclui que:

a fonologia e a morfossintaxe ajudam-nos a reconhecer segmentos fonológicos coesos e gramaticalmente pertinentes enquanto formas funcionais; contudo, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso. Assim, no topo da hierarquia, a semântica vem congrega as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra (BIDERMAN, 1999, p. 87).

Ela aponta o Léxico e a Gramática como módulos distintos, componentes do sistema abstrato da língua; nesse enfoque, as palavras são elementos da língua e não da

fala. Ressalta, contudo, que: “embora, na prática, o vocabulário seja indexado a partir de realizações discursivas, de fato as palavras são entidades abstratas que compõem o sistema linguístico. Por sua vez, os discursos são atos de linguagem efêmeros, ao passo que a palavra é um elemento permanente da língua” (BIDERMAN, 1999, p. 87). Assim, apresenta algumas propostas para definir essa entidade:

1) usar as palavras *vocábulo* e *palavra* para as realizações discursivas; e

2) designar diferentemente as unidades do sistema e do discurso, ao tratar cientificamente a língua: utilizar o termo *lexema* para denominar as unidades virtuais que compõem o léxico; e chamar de *lema* a sua representação canônica no dicionário; Sobre o termo *lexema*, essa pesquisadora afirma:

os *lexemas* se manifestam, no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis. Essa segunda alternativa é a mais frequente nas línguas flexivas e aglutinantes. Assim, em português, o *lexema* CANTAR pode manifestar-se discursivamente como *cantei, cantavam, cantas, cantando*, etc. O *lexema* MENINO como *menino e meninos*. A essas formas que aparecem no discurso, daremos o nome de *lexia*. Portanto, *cantei, cantavam, cantas, cantando, menino, meninos* são *lexias* (BIDERMAN, 1999, p. 87).

Assim, com relação às manifestações discursivas dos *lexemas*, considera o termo *lexia* útil e técnico. Essa se divide em 2 (duas) categorias: *lexia simples* (constituída de uma sequência gráfica), *lexia complexa* e *lexia composta* (formadas por duas ou mais unidades separadas por hífen ou não). Aponta algumas dificuldades encontradas para se distinguir uma *lexia complexa* de uma *sequência discursiva variável* e, para solucionar esse problema, propõe 2 (dois) tipos de testes:

1) teste de substituição – não se pode substituir o primeiro vocábulo por outro adjetivo mais ou menos sinônimo (exemplo: substituir *bom dia* por *ótimo dia*) da mesma forma, na sequência (*tirar meu pai da força* não é possível substituir por *tirar meu pai do buraco*);

2) teste de inserção – não se pode inserir nada em sequências como: *bater as botas*; ou seja: *Pedro bateu rapidamente as botas*; *dor de cabeça* por *dor terrível de cabeça*; melhor seria *terrível dor de cabeça*.

Esses testes demonstram que a substituição ou a inserção possibilita diferenciar uma sequência discursiva variável de *lexias complexas*, porque as *lexias complexas* já estão lexicalizadas no nível do sistema lexical.

Biderman (1999) estabelece as seguintes oposições e correlações:

[...] o *léxico* é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; o *vocabulário* é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades. No plano das realizações discursivas, qualquer sequência significativa será chamada indiferentemente e imprecisamente de *palavra* ou *vocábulo*. A unidade denominativa para um conjunto de formas flexionadas, que compõem um paradigma, será denominada *lexema/lema*. *Lema* é também a entrada canônica nos dicionários. O uso desses termos técnicos eliminaria as ambiguidades, indesejáveis em ciência. O termo *palavra* é operacional apenas como elemento da linguagem comum (BIDERMAN, 1999, p. 88).

Diante disso, entendemos que *lexia* é toda e qualquer forma à qual se associam significados, remetendo ao mundo referencial. Nesse sentido *lexia* não coincide com entrada lexical, *lema* ou entrada em dicionário. A *lexia* pode ser dicionarizada ou não, uma vez que pode ser tanto a palavra ou entrada da língua padrão incluída no léxico da língua portuguesa, como pode ser uma forma de realização dessa entrada que foi afetada por algum processo linguístico: morfossintático, fonológico, fonotático. Nesse último caso, pode ser que a *lexia* ou a forma já tenha sido incluída no dicionário ou ainda não foi incluída em dicionário, mas está registrada em algum estudo lexicográfico; a *lexia*, nesse caso, é uma forma com alguma diferença, quando comparada com a forma padrão. Exemplos, *casião* – ocasião; *alembrrar* – lembrar; *adivertido* – divertido; *adivia* – deveria; *arve* – árvore; *tunca* – túnica; *estombo* – estômago; e *derde* – ao invés de. Cabe ressaltar que, na maioria desses casos, as *lexias* são altamente reconhecidas como formas modificadas.

Outra questão polêmica é a que diz respeito à distinção entre *lexias* complexas e as *unidades fraseológicas*. É imprescindível estabelecer essa distinção para a realização de um trabalho lexicográfico. Para Biderman (1999), essa questão, apesar de muito frequente, é carente de estudos, uma vez que, “o estudo dessas combinatórias lexicais ou fraseológicas suscita muitos problemas teóricos e coloca em causa os papéis tradicionalmente atribuídos à sintaxe e ao léxico” (BIDERMAN, 1999, p. 91).

Entre os problemas apontados, encontram-se: 1) a questão terminológica; ou seja: deveria classificá-las como fraseologias, fraseolexemas, expressões cristalizadas ou expressões idiomáticas?; 2) a questão da ortografia; isto é: para indicar a natureza de unidade, as unidades complexas deveriam ou não ser grafadas com hífen?; 3) quando ocorre uma solidificação do processo de lexicalização, de cristalização da *lexia* complexa, gerando um novo item lexical da língua?; e 4) com relação às entradas de dicionários: devem ser independentes ou como subentradas?

Para responder tais questões, Biderman (1999) se apoia em um estudo de 1992, intitulado *Phraseological Units*, de Omella Corazzari, que considera as unidades fraseológicas:

seqüências de palavras que têm uma coesão interna do ponto de vista semântico e que possuem propriedades morfossintáticas específicas. (...) Embora sejam compostas por mais de uma palavra, elas se classificam funcionalmente como uma única categoria léxico-gramatical”. Assim, *caixa eletrônico*, composto de N+Adj comporta-se semanticamente como substantivo e *levar a cabo* e *levar a grana* comportam-se como verbo. (CORAZZARI, 1992, p. 5 *apud* BIDERMAN, 1999, p. 95).

Diante do exposto, consideramos a definição de Biderman (1998, 1999), seja na exposição das dimensões da palavra, seja na sua definição propriamente dita, como adequada para esclarecer os mistérios que giram em torno da *palavra*. Adotamos, portanto, em nosso estudo, a definição dessa expressão proposta por essa autora.

2.2. A Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972) fornece pressupostos teórico-metodológicos que orientam a coleta e a análise de dados de diversas pesquisas e, nessa perspectiva, assume a língua como um sistema heterogêneo e, portanto, sujeito a variação, razão pela qual não pode ser analisada isoladamente; é preciso considerar o contexto social no qual se processa; ou seja: o aspecto humano da língua deve ser valorizado pela Linguística. Além disso, essa variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos e seus condicionamentos podem representar uma mudança em progresso ou constituir uma variável estável.

Os estudos realizados por Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992), trazem contribuições importantes para os estudos sociolinguísticos; dentre eles, 3 (três) princípios básicos que orientaram e orientam várias pesquisas, a saber:

1) o primeiro princípio diz respeito ao uso da língua (fora dos moldes literários e experimentos de laboratório), que não deve ser analisada exceto em contextos situacionais e sociais e, quando observada nesses contextos, a análise, para ser considerada adequada, deve levar em conta a sociedade, a situação e o falante/ouvinte;

2) o segundo princípio preconiza que a descrição completa da estrutura de uma variedade (se esta é padrão, dialeto ou registro) só pode ser feita com sucesso se

as decisões substanciais, ou julgamentos de natureza social, são considerados nas descrições; ou seja: nessas questões, tem que se levar em conta os fenômenos sociais. Ele explica que as normas linguísticas são as decisões tomadas pelo falante a respeito das formas da variedade em questão, e essas normas são de ordem social, ou melhor, dependem de um consenso entre os falantes dentro da comunidade e do julgamento que esses têm da sua fala, de acordo com a situação; e

3) o terceiro princípio diz respeito à manutenção linguística: a língua muda, mas, às vezes, ela se mantém inalterada, é mantida por pressões sociais de acordo com uma norma consensual.

2.3. Síntese: os pressupostos adotados na análise.

Assumimos as posições dos autores supracitados, corroborando o fato de que língua, cultura e sociedade constituem um conjunto inseparável, que não é constituído apenas pela instituição educacional formal ou informal, mas adquirido e estabelecido a partir das experiências, dos anseios e dos eventos cotidianos dos membros de uma comunidade.

Conforme mostramos nos capítulos anteriores, essa relação é nitidamente refletida no léxico. Esse fenômeno será o nosso objeto de estudo, ao analisarmos a fala de remanescentes de comunidades garimpeiras moradores do Alto Jequitinhonha (Datas e Cachimbos). Consideramos, também, que, nas falas desse grupo de remanescentes, há um léxico peculiar, distinto de outras regiões mineiras, e que essa particularidade se concentra na fala dos mais velhos e daqueles que trabalharam no garimpo.

Por se tratar de trabalho empírico, utilizando dados de língua falada, para a constituição do *corpus*, na coleta e no tratamento dos dados, seguimos alguns procedimentos metodológicos fornecidos pela Teoria da Variação e Mudança Linguística, propostos por Labov (1972) e Milroy (1987, 1992). Essa teoria oferece métodos que visam observar o uso da língua em uma comunidade linguística, levando em conta o contexto social de produção – baseado na fala espontânea dos membros das comunidades em estudo; ou seja: do vernáculo, estilo em que o mínimo de atenção é prestado, pelo falante, no momento da fala, conforme Labov (1972, p. 208).

Para a organização sistemática do léxico, recorreremos à elaboração de fichas lexicográficas e dos glossários, que seguem o critério semasiológico. Assim, com base nos fundamentos teóricos da Lexicologia, observamos e descrevemos o léxico falado na

comunidade em estudo, buscando analisar sua origem, as formas e os significados das palavras; bem como descrevemos, cientificamente, as unidades lexicais, considerando as particularidades de cada palavra (o seu período histórico, a sua região geográfica e o seu uso social e cultural). Além disso, com base nos fundamentos da Lexicografia, com a elaboração dos glossários, que seguem o critério semasiológico, registramos o léxico falado nessas comunidades, apenas os que ainda não foram registrados nem em dicionários nem nos estudos pesquisados, conforme mencionados anteriormente.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. O contexto histórico e geográfico do Vale do Jequitinhonha

Nesse item, descrevemos as principais datas históricas que envolvem a região pesquisada, desde a criação da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, em 1709, ao ano 1989, quando ocorre o início da paralisação do garimpo em algumas regiões do Brasil.

Durante os séculos XVI e XVII, no Brasil, a maior parte das povoações fundadas pelos portugueses se situava na Costa Atlântica. No interior das terras, quase tudo era sertão – matas e campos onde viviam grupos esparsos de povos indígenas, e nos quais os brancos quase nunca se aventuravam. Somente no início do século XVIII, após a descoberta, pelos paulistas, de diversos depósitos auríferos no “sertão dos Cataguases”, é que surgem concentrações humanas maiores e uma verdadeira rede urbana no interior da colônia. Essa região montanhosa, de difícil acesso e pouco conhecida, não demorou muito a ser nomeada de “Minas Gerais” (na época, essa expressão significava minas “contínuas” ou “justapostas”). Não somente a mineração, mas também a agricultura, a pecuária e, sobretudo, o comércio intenso que se desenvolveu em Minas permitiram a mutação de vários núcleos incipientes e precários de povoamento – acampamentos de mineiros, locais de arranchamento de tropeiros, pousos à beira dos caminhos (FONSECA, 2011, p. 25).

Santos (1976) relata as “memórias do distrito diamantino”, história das bandeiras de aventureiros em busca do ouro no Serro Frio, no Jequitinhonha. No século XVII, a descoberta das riquezas auríferas do Serro Frio atraía grande número de aventureiros de vários pontos da Capitania de Minas e de outros lugares. Logo se fundou um pequeno arraial, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Serro do Frio, que depois se elevou a Vila do Príncipe e é, hoje, a cidade do Serro.

Em 1729, as lavras do Tijuco foram consideradas como puramente auríferas e, portanto, sujeitas ao regimento dos superintendentes e guardas-mores das terras minerais. As numerosas pessoas que suas riquezas atraíram obtiveram do Guarda-Mor da Vila do Príncipe cartas de datas para sua exploração e, pagando os direitos exigidos, aí se estabeleceram com as suas famílias (SANTOS, 1976, p. 49).

Furtado (1996) contribui para o entendimento desse contexto com um estudo sobre a vida social no Distrito Diamantino, contemplando período compreendido entre o ano de 1772, de início da Real Extração, até o ano de 1808, ano da crise institucional, devido ao esgotamento das lavras diamantinas. Segundo Furtado (1996), com a impossibilidade de controlar o comércio e a extração de pedras e, principalmente, de coibir o contrabando, a Coroa encontrava dificuldades para exercer controle severo sobre a produção e o preço dos diamantes no mercado europeu. Em 1731, o Distrito foi demarcado e o acesso às lavras tornou-se mais complicado, com a incidência de altas taxas de capitação (imposto sobre o número de escravos utilizados nas lavras); “[e]m 1734 e em 1739, a exploração de diamantes foi proibida e criou-se uma administração própria para a região” (FURTADO, 1996, p. 25), e

[o]s limites do Distrito da Comarca do Serro do Frio foram, a partir daí, constantemente alterados” [...] A primeira demarcação, feita por Rafael Pires Pardiniho, estabelecia o quadrilátero que circundava o Arraial do Tejuco e incluía outros arraiais e povoados, como Gouveia, Milho Verde, São Gonçalo, Chapada, Rio Manso, Picada e Pé do Morro.

Quando as lavras foram reabertas, em 1739, passaram a ser monopólio particular de um contratante, ou de um consórcio de arrematantes, que, por concessão privilegiada comprava da Coroa o direito de extração do diamante em todo o território demarcado. Esses contratadores adquiriram uma riqueza incalculável e um poder enorme, sonhando da Coroa grande parte do que extraíam, sendo quase impossível indiciá-los por seus crimes.

Em 1745, na tentativa de controlar o fluxo de população que para ali se dirigia, constituída de indivíduos sem ocupação definida que, muitas vezes, se dedicavam à garimpagem, a Coroa resolveu impedir o livre acesso às terras diamantinas. Fechado o Distrito, a entrada passou a ser feita apenas nos registros então determinados (Caeté-Mirim, Rabello, Paheiro, Pé do Morro, Inhacica e Paraúna), onde eram passados bilhetes e também cobrados os direitos de entradas sobre o comércio dos diversos gêneros, inclusive escravos.

Em 1771, a própria Coroa assume a extração e a comercialização das pedras, alegando que não conseguia impedir as fraudes dos contratadores e controlar a população e, com isso, impedir a garimpagem e o contrabando. Ao contrário da exploração do ouro, o diamante foi declarado monopólio régio e, para explorá-lo, foi criada a Real Extração dos Diamantes. Em agosto de 1771, editado o Regimento Diamantino, que ficou conhecido como “O Livro da Capa Verde”, a Coroa criou uma administração própria – a Junta Diamantina – composta por um intendente, um fiscal e 3 (três) caixas, subordinada a uma Administração Diamantina sediada na cidade de Lisboa (FURTADO, 1996, p. 25-27).

[...] O ano de 1808, data da vinda da Família Real para o Brasil, foi escolhido como fecho pelas inúmeras mudanças que trouxe para a Colônia, também sentidas no Distrito. Foi um momento de evidente decadência da exploração diamantífera no Distrito, quando as Minas do Abaeté já despontavam com nova lavra. Pouco antes, em 1803, a própria Coroa admitia

a falência da Real Extração e sua incapacidade de impedir os extravios, ao editar um alvará, posteriormente revogado, que reabriria a exploração dos diamantes às empresas particulares, mantendo apenas do comércio (FURTADO, 1996, p. 29).

Em 25 de outubro de 1832, com o intuito de acabar definitivamente com o contrabando e de acabar com o “prejuízo da Fazenda”, foi publicado um decreto que extinguiu a Administração Diamantina e todos os empregados e ofícios a que ela dera lugar. Declarava os terrenos diamantinos da Província de Minas, já descobertos e que se descobrissem para o futuro, pertencentes ao domínio nacional, não se podendo explorá-los sem título sob pena de furto. Ficavam revogadas todas as concessões de lavras anteriores, dando-se somente ao concessionário o direito de preferência para a arrematação da sua lavra em hasta pública; nunca, porém, sendo-lhe facultada a arrematação de mais de 200 (duzentas) braças. O Presidente da Província, reconhecendo a inexecutabilidade desse decreto, pediu, a respeito, o parecer da Câmara Municipal da Vila Diamantina que, concordando com a extinção da Administração Diamantina, propôs ao corpo legislativo a revogação desse decreto e ofereceu um projeto substitutivo; dentre os artigos desse projeto, destacamos o artigo 16, transcrito a seguir:

dermarcar-se-hão cem datas de terrenos no córrego do Currálinho, e cem datas no lugar denominado Datas, de quinze datas quadradas cada uma. Estas datas ficam destinadas para patrimônio da casa de caridade da villa Diamantina, à qual fica pertencendo o direito de propriedade nas referidas datas [...] (SANTOS, 1976, p. 291-294).

Martins (2007) conta a história do garimpo na região de Diamantina, analisando eventos ocorridos e os conflitos gerados pela paralisação do garimpo, nessa região, no período de 1989-1995. Segundo ele, em 1989, ações desencadeadas pelos órgãos de fiscalização e de proteção do meio ambiente resultaram na paralisação do garimpo em Diamantina e em várias regiões brasileiras. As atividades garimpeiras foram interditadas pelo IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), com base na Lei Federal nº 6.938/81 de 31 de agosto de 1981 (BRASIL, 1981) e no Decreto nº 88.351/83 (BRASIL, 1983). No Vale do Jequitinhonha, a alegação principal foi a de proteção do rio Jequitinhonha contra a poluição. Esse fato contribuiu para a decadência dessa região, tornando a vida dos garimpeiros, comerciantes e moradores daquela região insustentável, porque essa região tinha muitas das suas atividades financeiras e econômicas dependentes do garimpo. Apesar das tentativas de se retomar a atividade garimpeira, sua extinção parcial foi inevitável. Conforme assinala Martins (2007):

no entanto, as atividades foram sendo retomadas aos poucos por Empresas como a Tejucana e Rio Novo, bem como pelos demais garimpeiros, após compromissos firmados com a FEAM - Fundação Estadual do Meio Ambiente. Contudo, as ameaças de outras paralisações sempre estiveram presentes durante a década de 1990. Em 1994, após denúncias formuladas pelo Ministério Público de Diamantina contra os garimpeiros, algumas lavras foram suspensas temporariamente pela Polícia. Em 1995, as lavras do Rio Jequitinhonha são embargadas por ação conjunta da Polícia Florestal através do IEF (Instituto Estadual de Florestas), FEAM e IBAMA, culminando em 1996, com embargo dos garimpos em Serro e Alvorada de Minas (MARTINS, 2007, p. 4 *apud* OLIVEIRA & VIEIRA, 2012, p. 18).

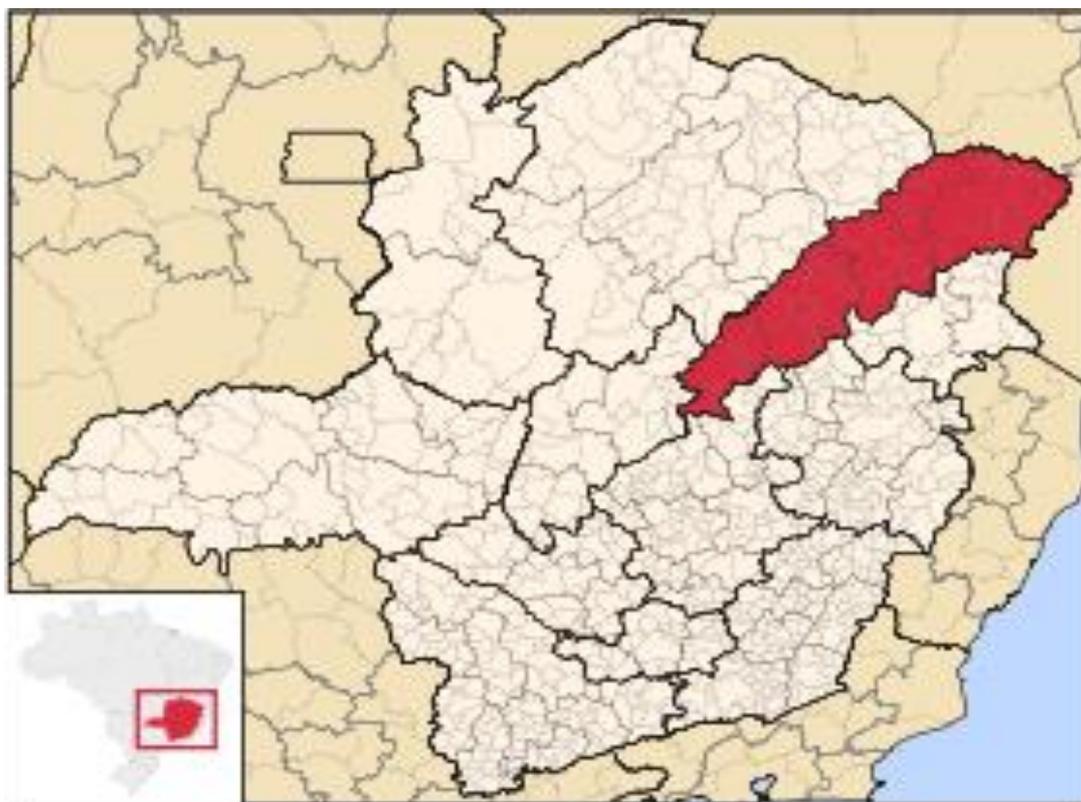
Oliveira & Vieira (2012) realizaram estudo visando analisar e discutir a condição socioeconômica do garimpeiro e do ex-garimpeiro da cidade de Diamantina a partir da paralisação do garimpo, em 1989, e as consequências disso em suas vidas. Tendo coletado e analisado depoimentos de vários trabalhadores dessa atividade, concluíram que:

[...] ficou bem evidente no decurso deste artigo que a paralisação do garimpo em 1989, num primeiro momento causou um estado de vulnerabilidade social e econômica para o garimpeiro, em função de que estes trabalhadores foram afastados abruptamente de suas atividades. No entanto, as atividades logo foram retomadas e só foram de fato embargadas durante meados da década de 1990. Mesmo assim, parte significativa dos garimpeiros foi se realocando em outras atividades profissionais, principalmente as manuais, como a construção civil e artesanais, conseguindo superar e minimizar, portanto, possíveis consequências mais drásticas em suas vidas. [...] Outra constatação que se faz é que existem ainda garimpos em nossa região e que a atividade garimpeira ainda não foi superada. Garimpos nas modalidades manuais e semi-mecanizados - quase sempre de forma ilegal. Os motivos alegados para a não legalização, entre outros, são: a burocracia e altos custos de sua legalização, em função do ganho imprevisível. Mas, pode-se afirmar que a manutenção dessa atividade está também relacionada à preservação de uma cultura de trabalho que faz do imaginário de muitos ex-garimpeiros um trabalho livre, sem as hierarquias complicadas, prevalecendo acima de tudo, o sonho de se tornarem “homens-ricos” (OLIVEIRA & VIERA, 2012, p. 19).

O Vale do Jequitinhonha, localizado na região Nordeste de Minas Gerais, atualmente compõe uma das doze mesorregiões do Estado, formado pela união de 51 (cinquenta e um) municípios agrupados em 5 (cinco) microrregiões. Essa região é reconhecida por seus baixos indicadores sociais. Contudo, por outro lado, é detentora de exuberante beleza natural e de riqueza cultural com traços sobreviventes das culturas indígena e negra. Além disso, é conhecida, também, pelo excelente e criativo artesanato em cerâmica, tecelagem, cestaria, esculturas em madeira, trabalhos em couro, bordados, pintura, desenho e música. A região, que inicialmente pertenceu à Capitania da Bahia

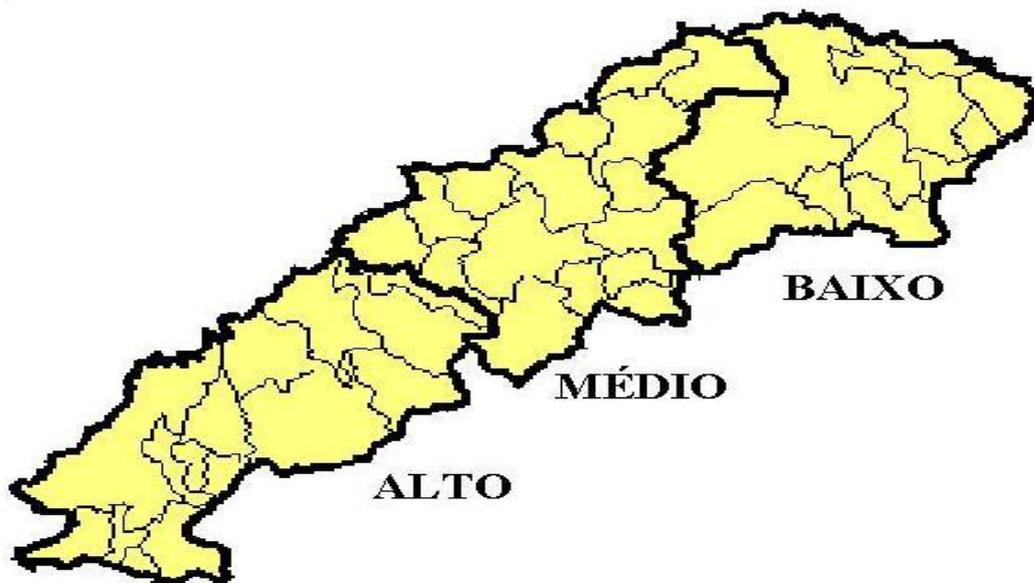
(até o final do século XVIII), foi incorporada à Capitania de Minas após a descoberta de diamantes no Tijuco (ou Tejuco). No passado, era formada por florestas e habitada por tribos indígenas. O que mais contribuiu para a degradação da região foi a atividade predatória da mineração e a extração do diamante.

Os mapas, a seguir, mostram o Estado de MG, indicando a localização do Vale do Jequitinhonha, bem como os recortes que possibilitam localizar o Alto Jequitinhonha, onde se localiza a cidade de Diamantina, considerada referência regional.



MAPA 2 - Vale do Jequitinhonha - MG.

Fonte: <https://www.google.com.br/search/valedojequitinhonha&newwindow>. Acesso em: 25 jun. 2014.



MAPA 3 - Alto do Jequitinhonha - MG.

Fonte: <https://www.google.com.br/search/valedojequitinhonha&newwindow>. Acesso em: 25 jun. 2014.



MAPA 4 - Diamantina - MG.

Fonte: <https://www.google.com.br/search/valedojequitinhonha&newwindow>. Acesso em: 25 jun. 2014.

3.2. Perfil das comunidades pesquisadas: Datas e Cachimbos.

3.2.1. Datas

Dentre os municípios mineiros nascidos do garimpo e marcados pela riqueza mineral, destacamos Datas, localizado no Km 286 da Rodovia 259, a 1.245 metros de altitude, no Nordeste de Minas Gerais, no trecho da Estrada Real que fica no planalto do Alto Jequitinhonha. Com população estimada de 15.385 habitantes (IBGE, 2009), faz limite com os municípios de Gouveia, Diamantina, Serro e Presidente Kubitscheck. Foi distrito de Diamantina, até ser elevado à condição de município, em 30 de dezembro de 1962; e foi elevada à categoria de cidade em 1º de março de 1963. Até então, era apenas um povoado; depois, uma pequena vila de mineiros que ali se estabeleceram por volta do século XVIII. Para melhor esclarecimento, apresentamos, a seguir, descrição sumária de alguns aspectos geográficos, históricos, econômicos e socioculturais que permeiam os falantes dessa comunidade.

Abaixo, o mapa de Minas Gerais, indicando a localização desse município.



MAPA 5 - Mapa de Minas Gerais - Datas.

Fonte: <<http://www.mfrural.com.br/cidade/datas-mg.aspx>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

Andrade (2013) realizou estudo a respeito dessa localidade, cujo nome passou por várias alterações (de Datas D'El Rey < Espírito Santo de Datas < Datas). Segundo ele, no início do século XVIII, por ser o Brasil um país com grandes dimensões geográficas, Portugal não dispunha de meios eficientes para administrar e fiscalizar terras que possuíam ricas minas de ouro e pedras preciosas, alvo da cobiça estrangeira. Em 29 de outubro de 1733, visando evitar o contrabando das pedras garimpadas sem a devida fiscalização, a Coroa Portuguesa ganha força com a publicação das “cartas de dattas”: documentos que concediam porções de terras ou lotes aos senhores donos de escravos que se dispusessem ao trabalho da mineração. Além disso, especificavam o prazo de exploração do terreno e estabeleciam a realização de um censo para apurar a real quantidade de diamantes garimpados na região do Tijuco (Tejuco). Esse documento demonstrava a insatisfação de El Rey com o sistema de fiscalização. As “dattas” (lotes de terras doados para serem garimpados nas demarcações do Distrito Diamantino), ou lotes da Coroa Portuguesa – ou seja: de “El Rey” –, deram origem ao nome da região, que passou a ser denominada “Dattas Del Rey”, uma forma linguisticamente fixada para destacar o poder e o domínio de Sua Majestade, o Rei de Portugal, sobre o tesouro guardado sob o solo de Minas Gerais.

Em 06 de novembro de 1866, com a promulgação da Lei Provincial nº 1357, de elevação da Vila a Distrito, ocorre a primeira mudança do nome. A Vila Datas Del Rey passa a ter a denominação de Espírito Santo de Datas, em homenagem ao seu padroeiro: O Divino Espírito Santo. Embora esse município se caracterize pela exploração do diamante, há outras marcas que o equiparam a outras cidades mineiras; uma delas são as tradições religiosas, sendo a igreja do Divino Espírito Santo o principal símbolo do município e uma das suas principais riquezas. Essa igreja recebeu esse nome por volta de 1870, ano do lançamento da sua pedra fundamental, pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de Gouveia; transcrevo, a propósito, a história contada por uma das moradoras desse município, registrada no livro de Andrade (2013):

[...] a capelania de Datas Del Rey foi criada por força de ato imperial nos idos de 1848. No ano de 1994, uma das nossas conterrâneas entrevistou uma senhora já bem idosa chamada D. Evangelina que morava próxima ao campo de futebol. Ela contou como se deu o surgimento da antiga matriz do Divino Espírito Santo. “o primeiro garimpo português ocupou toda a atual Praça do Divino, que ficou permeado de catas por todos os lados.” O trabalho era feito por escravos africanos, duramente vigiados por seus feitores. A cozinheira do garimpo era uma escrava que sofria muito e silenciosamente gostava de observar as coisas. Foi então que ela percebeu a existência de uma pomba que, trazendo no bico um raminho seco, o depositava sempre na mesma cata

e no mesmo lugar. Um dia, qual não foi sua surpresa ao vê-la pousar em uma de suas mãos onde passou a vir comer com frequência. Com tamanha aproximação, a pomba se deixou cativar pela escrava que, admirada, notou que suas penas eram azuis e rosa e sua cartilagem toda dourada. Ao espalhar-se a notícia, ela se viu cercada de muitos interrogatórios e até mesmo de muitas grosserias da parte de seus feitores, porque os curiosos acabavam interferindo no desempenho de seu trabalho. Sua resposta era sempre a mesma: “nada sei a respeito dessa pomba, só sei que todos os dias ela vem da nascente do sol.” Anos depois, após terminar o garimpo, iniciou-se na praça a construção de uma igreja. “A planificação do terreno foi feita com cuidado para não se perder o local exato onde a pomba depositava os raminhos secos...” Como a pomba é o símbolo do Espírito Santo, este foi o nome dado à nossa Matriz, que se tornou uma das mais belas obras de arte dos tempos coloniais (ANDRADE, 2013, p. 29-30).

Em setembro de 1923, com a promulgação da Lei Estadual nº 843, de 07 de setembro de 1923 (MINAS GERAIS, 1923), o Distrito de Espírito Santo de Datas passou a se chamar apenas Datas, tendo sido elevado à categoria de município, com a denominação de Datas, pela Lei Estadual nº 2764, de 30 de dezembro de 1962 (MINAS GERAIS, 1962); a partir de então desmembrado de Diamantina.

De acordo com Andrade (2013), desde a sua fundação, o município de Datas foi marcado, política, social e economicamente, pela extração mineral, com a chegada dos mineiros ou garimpeiros que ali se estabeleceram na esperança de obtenção de riqueza com a exploração das famosas pedras; em especial, do diamante. O cenário era único; tudo girava em torno dessa valiosa pedra: tanto os homens quanto as mulheres trabalhavam nessa função. Os homens, mais ousados, passavam boa temporada longe de casa, em busca de riquezas. As mulheres, juntamente com os filhos ainda pequenos, além de trabalharem no garimpo manual, cuidavam da casa e do sustento. Toda a comunidade participava dessa empreitada.

Naquela época, as cidades, as vilas, os distritos e os povoados dessa região eram abastecidos pelos tropeiros que vinham, em lombos de mulas, da Zona da Mata. Esses profissionais foram responsáveis pela formação de grande movimento de comércio. Isso acarretou a interligação de diferentes e longínquas áreas do Brasil Colônia. Esses tropeiros, montados em lombos de mulas, desempenharam papel importante não só na economia, mas também na cultura brasileira, como elemento veiculador de ideias e notícias entre as aldeias e comunidades distantes umas das outras. Segundo Zemella (1990), esses condutores de tropas representavam um verdadeiro traço de união entre as regiões mineradoras e os centros urbanos afastados, levando desses para aquelas as novidades políticas, as informações das coisas de uso, correspondências, modas, etc.. O tropeirismo – que consistia em um ir-e-vir pelos caminhos e estradas,

com destaque para a Estrada Real – via pela qual o ouro mineiro chegava ao porto do Rio de Janeiro e seguia para Portugal – e, por ser motivado pela economia, cedeu lugar aos transportes ferroviário, rodoviário, aéreo, etc. – foi importante não apenas para o abastecimento de mercadorias nas localidades que percorria, mas, também para a comunicação das pessoas que viviam em comunidades (como os mineradores, por exemplo). Abaixo, a FOTO 2 mostra uma paisagem do povoado Cachimbos, de um local que era utilizado como “Rancho de Tropeiros”, no século passado.



FOTO 2 - Local que era usado como “Rancho de Tropeiros”, em Cachimbos, no século passado - Foto de 08 de outubro de 2010.
Fonte: Acervo pessoal.

Além da histórica exploração de diamantes, Datas é famosa, também, pelo comércio de sempre-vivas. Região de clima ameno e saudável, com montanhas encantadas, vastos campos verdejantes e intensa vegetação, nela crescem encantadoras sempre-vivas, com sua beleza natural, nativas da região. Há algumas décadas, essas flores eram colhidas com fartura, contribuindo para o sustento de muitas famílias que, como verdadeiras artesãs, manuseavam e confeccionavam lindos arranjos. Em destaque, as famosas coroas de defuntos, que eram exportadas para vários lugares do Brasil e para o Exterior. Devido, porém, à falta de controle na colheita dessa planta, hoje ela se encontra escassa, o que levou à criação de um parque que protege e coordena essa atividade. Assim, de uma forma orientada, esse tipo de atividade continua sendo aproveitada pelos artesãos e atraindo os olhares encantados daqueles que têm o

privilégio de apreciar de perto a beleza dessas flores, bem como as tradições dessa cidade.

Atualmente, o município de Datas apresenta outro cenário: o ribeirão de Datas, outrora disputado por garimpeiros e mineradores, traz, em suas margens, marcas do garimpo, com depósitos de gorgulho e, em alguns locais, grandes catas, resultantes da busca incessante por minerais. Desde a década de 1990, devido às altas taxas estabelecidas pelo governo e à dificuldade de se conciliar esse trabalho com a preservação do meio ambiente, a exploração desse minério tornou-se quase impossível para os pequenos exploradores. Os remanescentes de comunidades de garimpeiros perderam a única fonte de sustento de suas famílias que prevalecera, aproximadamente, durante 2 (dois) séculos: o trabalho nos garimpos. Alguns encontram solução na enxada, trabalhando como agricultores. Outros deixaram o município e foram para as grandes metrópoles.



FOTO 3 - Igreja Nossa Senhora da Conceição, localizada em Datas - MG, erigida no século XIX, em foto de 20 de agosto de 2012.

Fonte: Acervo pessoal.

3.2.2. O Povoado Cachimbos

A outra localidade, alvo da nossa pesquisa, é um dos povoados deste município: Cachimbos, que⁴ surgiu, também, a partir da extração de minério. Neste povoado, localizado a 7 km do município de Datas, a maioria dos moradores vive e sustenta suas famílias com dinheiro de aposentadoria; outros trabalham, atualmente, com atividades rurais e agricultura, e sua população estimada é de 250 (duzentos e cinquenta) habitantes. Por ser um lugar que abriga uma comunidade ex-mineradora, cuja atividade cessou na década de 1990, tem como moradores poucos remanescentes dessa comunidade, que têm, em média, 60 (sessenta) anos de idade. Os jovens migraram para as cidades grandes, à procura de trabalho; alguns foram com suas famílias; os que resistem trabalham nas lavouras de morango e leguminosas e estudam em escolas localizadas nos municípios vizinhos, tais como Palmital, Datas, Gouveia e Diamantina.

Cumpre-nos registrar que ambas as comunidades pesquisadas, até a década de 1990, tinham economia basicamente mineradora; desde então, têm experimentado mudanças na sua estrutura econômica, com a desativação da mineração. Muitos ex-garimpeiros, juntamente com suas famílias, deslocaram-se para os centros urbanos, em busca de melhores condições de trabalho, deixando para trás as suas tradições.

3.3. Hipóteses

Neste estudo, buscamos descrever e analisar o léxico de remanescentes de comunidades garimpeiras moradores do Alto do Vale do Jequitinhonha - MG, a partir destas 3 (três) hipóteses:

1) na fala de remanescentes de comunidades garimpeiras que vivem no Alto Jequitinhonha (Datas e Cachimbos), em MG, existe um léxico peculiar;

2) a peculiaridade do léxico desses falantes reflete o uso geral que faz(ia) parte do universo natural do garimpo, como aqueles itens que se referem à realidade cultural, econômica e social do garimpeiro –; ou seja: o que justifica certa peculiaridade do léxico usado em Datas e Cachimbos é a presença de remanescentes de comunidades garimpeiras, que integram a população de tais localidades; e

⁴ Não encontramos registro algum dessa localidade. Todas as informações aqui registradas foram fornecidas pelos informantes nela nascidos e criados.

3) a particularidade do léxico dessas localidades concentra-se na fala das pessoas mais velhas que trabalharam no garimpo; mais exatamente, o uso desse vocabulário peculiar configura casos de retenção e arcaísmo.

3.4. Objetivos

O objetivo principal desse trabalho é descrever e analisar o léxico de falantes que são remanescentes de comunidades garimpeiras e residem no município de Datas e Cachimbos (um de seus povoados) no Alto Jequitinhonha - MG.

3.4.1. Objetivos específicos

Assumimos como objetivos específicos:

- 1) investigar, utilizando dicionários e vocabulários dos séculos XVIII, XIX e XX, se o léxico encontrado na comunidade em estudo inclui vestígios de vocábulos setecentistas e oitocentistas que se configurem como casos de retenção ou arcaísmo lexical;
- 2) comparar o léxico encontrado nessa região com outros estudos atuais das regiões mineiras: Norte – Souza (2008), Sul – Ribeiro (2010), e Centro – Freitas (2012) e Cordeiro (2013), bem como comparar com estudos mais antigos, tais como o de Amadeu Amaral (1920), Machado (1964) e Catharino (1986) ;
- 3) elaborar um glossário do vocabulário coletado nas comunidades em estudo; e
- 4) contribuir com um banco de dados para futuras pesquisas linguísticas da região do Alto Jequitinhonha.

3.5. Constituição da amostra

Foram selecionados os 31 (trinta e um) falantes que constituem a amostra do estudo, uma vez que o procedimento adotado para a coleta dos dados foi sessão de

interação verbal. Embora este trabalho não tenha por objeto o estudo de variação linguística, realizamos as sessões de interação verbal com falantes do universo pesquisado, visando obter dados de fala espontânea, já que, de acordo com os pressupostos labovianos, é a fala espontânea que fornece dados adequados para estudos linguísticos que atentam para fenômenos de cunho social. Depois de decidirmos pela obtenção de dados por meio dessas sessões, selecionamos os falantes que constituíram a amostra, adotando o seguinte critério: falante integrante do grupo de remanescentes de comunidade garimpeira que existiu na região do Alto Jequitinhonha (ressaltando que tais remanescentes são apenas ex-garimpeiros e seus familiares, entre os quais havia contato contínuo durante o período em que os primeiros exerciam suas atividades, inclusive permanecendo no garimpo por dias ou semanas). Em seguida, fizemos o levantamento e a classificação dos 31 (trinta e um) informantes, que foram classificados conforme apresentados no QUADRO 2, a seguir.

QUADRO 2 - Características dos informantes de Datas e Cachimbos.

Informante	Identificação	Idade	Sexo	Cidade/Pov.	Garimpo/não
01	LEN	82 anos	Fem.	Cachimbos	Garimpo
02	ANA	82 anos	Fem.	Cachimbos	Garimpo
03	PAT	92 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
04	PED	80 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
05	LAE	76 anos	Masc.	Datas	Garimpo
06	ORL	68 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
07	TIO	67 anos	Masc.	Datas	Garimpo
08	GER	74 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
09	SAN	67 anos	Masc.	Datas	Garimpo
10	GER	60 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
11	REI	57 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
12	DIC	55 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
13	ELI	50 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
14	RAI	59 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
15	DES	47 anos	Masc.	Datas	Garimpo
16	RSL	85 anos	Fem.	Datas	Garimpo
17	ROS	54 anos	Fem.	Datas	Garimpo
18	LEA	51 anos	Fem.	Cachimbos	Garimpo
19	DIN	68 anos	Fem.	Datas	Garimpo
20	DAL	53 anos	Fem.	Cachimbos	Garimpo
21	NON	82 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
22	ROL	47 anos	Fem.	Cachimbos	Garimpo
23	ANT	50 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
24	LEI	60 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
25	FAZ	50 anos	Masc.	Cachimbos	Fazendeiro
26	CRE	68 anos	Fem.	Cachimbos	Não garimpo
27	EDL.	27 anos	Fem.	Datas	Professora
28	LUC	36 anos	Fem.	Cachimbos	Dona Casa
29	ROS.	40 anos	Masc.	Cachimbos	Garimpo
30	DOU	30 anos	Masc.	Datas	Não Garimpo
31	AFO	67 anos	Masc.	Datas	Garimpo

3.6. Os dados

3.6.1. Coleta dos dados

Coletamos os dados utilizados nesta pesquisa, obedecendo às orientações para uma pesquisa sociolinguística, na área urbana do município de Datas e na área rural do povoado Cachimbos - MG. A coleta dos dados foi realizada em reuniões que aconteceram em 3 (três) momentos: em outubro de 2010; em julho de 2011 e em janeiro

de 2012. Os informantes não foram pré-selecionados; foram feitas diversas gravações de pessoas conversando, contando casos, histórias, problemas do dia-a-dia, em diversas situações reais de fala; por exemplo: café da manhã, festas, conversas informais, reuniões familiares, visitas a amigos, passeios de automóvel ou caminhada, etc.. Esta pesquisadora, às vezes, intervinha; outras vezes, não. O objetivo era coletar termos específicos do léxico do garimpeiro e, também, aqueles de uso geral, que fazem parte do universo natural onde vivem; ou seja: o léxico que se refere à sua realidade cultural, econômica e social que nos causaram estranhamento. Apesar de os informantes não terem sido pré-selecionados, todos concordaram e autorizaram a gravação, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.6.2. Tratamento dos dados

O tratamento dos dados incluiu estas etapas: transcrição, organização de fichas lexicográficas, organização de glossários do Léxico Rural e do Léxico do Garimpo, seguindo o critério semasiológico.

3.6.2.1. Transcrição dos dados

Durante o levantamento dos dados, buscamos identificar a linguagem específica relacionada à atividade mineradora; Cabe-nos ressaltar que, durante esse processo, percebemos elevado número de elementos de linguagem característica da área rural. Por isso, optamos por destacá-las, incluindo-as, também, em nossa análise. Portanto, levantamos as lexias que constituem o *corpus*, utilizadas na análise, buscando identificar as que fazem parte de: a) vocabulário básico (atividades domésticas, utensílios domésticos, móveis, partes de construção, comidas, plantas, remédios, ervas, doenças, tratamento, julgamento de valores, cerimônias, crenças, rituais e entidades); e b) atividades econômicas: agricultura e atividade do garimpo que existia até há 2 (duas) décadas.

Seguimos um modelo de transcrição ortográfica que segue as normas adotadas pela equipe do projeto *Filologia Bandeirante*⁵, que vem sendo adotado por diversos pesquisadores que trabalham com o Léxico em Minas Gerais, tais como Seabra (2004), Souza (2008), Ribeiro (2010), Freitas (2012) e Cordeiro (2013).

QUADRO 3 - Normas estabelecidas para a transcrição dos dados desta pesquisa.

<p>Orientações gerais:</p> <p>a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;</p> <p>b) deve ser adequada aos fins;</p> <p>c) deve permitir a compreensão do significado do texto;</p> <p>d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica</p> <p>e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma 'imagem' do texto elaborado no plano da oralidade (Ferreira Netto & Rodrigues, 2000)</p>
<p>1 - Nem tudo será registrado:</p> <p>a) o alicamento das postônicas não será registrado ex.: carne = carnî namorado = namoradu (A idéia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto não precisa ser registrado)</p>
<p>2 - Será obrigatoriamente registrado:</p> <p>a) alteamento/abaixamento das pretônicas pirdi = perdi ; reberão = ribeirão // premero = primeiro</p> <p>b) a redução dos ditongos [ow]; [ey]; [ay], será grafada ortograficamente como pronunciados: dotô = doutor; falô = falou; primero = primeiro</p> <p>c) ausência do -r no final dos nomes: doutor = dotô - ausência do -r final em verbos: falá = falar; comê = comer - ausência do -r- no meio de vocábulos: pá = prá; madrugada = madrugada</p> <p>d) ausência do -m final, desnasalização: homem = home; garagem = garage</p> <p>e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalados deverá ser marcada com o til: assim, termos ilusão e izame. (Clicar em inserir símbolos, latim estendido e lá há todas essas possibilidades do ~ com vogais como e, i e u - Times New Roman).</p> <p>f) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas: Izé = Zé; ieu = eu; alembirá = lembrar</p> <p>g) supressões de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com ' . mai' ~ mais; ago' ~ agora</p> <p>h) paragoge: mali = mal</p> <p>i) iotização, grafando com i: fia = filha; jueio = joelho</p> <p>j) aglutinação, com apóstrofo: dex'eu = deixa eu; pr'eu ~ para eu</p> <p>k) pronomes ele, ela, eles, elas e eu serão grafados como realizados: Eis = eles; ê = ele; ea = ela; eas = elas</p> <p>l) casos de uma, alguma, nenhuma, etc., marcar com til: ãa ~ uma; algãa ~ alguma</p> <p>m) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada. Ex.: mermo ~ mesmo; memo</p>
<p>3) Indicações de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Pausa: uso de reticências (...) ● inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: / ● comentários: (()) ● sobreposição de fala: { } ● discurso direto: "" ● ênfase: maiúscula ● truncamento: / ● alongamentos: repetir o segmento ● começar com minúsculas ● pontuação: apenas interrogação ? ● interjeição: com h.

⁵ Projeto Filologia Bandeirante – Equipe MG – reunião do dia 27/11/2000 – Normas utilizadas pelo Projeto “Pelas Trilhas de Minas: As Bandeiras e a Língua das Gerais” FAPEMIG – SHA844/02 –, coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

3.6.2.2. Organização das fichas lexicográficas

Os dados transcritos foram registrados em **Fichas Lexicográficas**, que se encontram no APÊNDICE 1. Optamos por seguir o modelo de Ribeiro (2010); fazendo algumas modificações, conforme listamos abaixo:

a) no primeiro bloco: as lexias serão apresentadas em ordem alfabética, localizadas ao lado esquerdo, onde apresentamos o número da ficha seguido do vocábulo selecionado conforme a forma encontrada nas entrevistas para análise, com exceção dos verbos, que estão no infinitivo. Em seguida, entre parênteses, a classificação morfológica, segundo o contexto em que a lexia se encontra no *corpus*. Além disso, no lado direito, incluímos, nas lexias relacionadas à atividade do garimpo, seu respectivo número de ocorrências. Logo abaixo, no item abonação, apresentamos, em itálico, um ou vários trechos da fala dos informantes contendo as amostras do *corpus* da lexia em estudo e outras, que fazem parte do repertório lexical a ser estudado, destacadas em negrito; quanto às lexias do garimpo, estão registradas todas as suas ocorrências;

b) no segundo bloco: apresentamos a consulta e a confirmação do registro das unidades lexicais selecionadas nos dicionários da Língua Portuguesa dos séculos XVIII e XIX e nos dicionários contemporâneos do Português do Brasil mencionados a seguir. Cabe ressaltar que o dicionário de Cunha (1986), por ser um dicionário etimológico, foi utilizado, neste estudo, para a consulta das variantes históricas do vocábulo e das suas respectivas datações. As informações sobre os dicionários da Língua Portuguesa estão contidas no estudo realizado por Murakawa (1998, p. 236-246). Quanto aos dicionários contemporâneos do Português do Brasil, buscamos informações nos estudos de Krieger (2006), sumarizadas a seguir:

- 1) século XVIII: o *Vocabulário Português-Latino* (1712-1728), de Rafael Bluteau; essa obra, publicada em 8 (oito) volumes e mais 2 (dois) de suplementos. Bluteau inicia o período da sua produção dicionarística baseada em *corpus* de referência constituído a partir das obras produzidas entre os séculos XV ao XVIII, em língua portuguesa, sobre os mais diversos assuntos. Adota um procedimento inovador, ao registrar exemplificação abonada e acompanhada de

completa informação bibliográfica como: autor, data da obra, volume, página, parágrafo, etc.;

- 2) século XIX: o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1755-1824), de Antônio de Moraes e Silva. Moraes, lexicógrafo brasileiro, tomando por fonte de referência a obra de Bluteau, publicou sua primeira obra em 1789, em 2 (dois) volumes. Em 1813, publicou a sua 2ª edição, acrescentando e melhorando sua obra. Assim como Bluteau, viveu e sofreu as influências do Iluminismo, em Portugal; condenado pela Inquisição, fugiu para a Inglaterra e lá se dedicou ao estudo da Língua Portuguesa. As 2 (duas) edições de seu Dicionário, elaboradas com fundamentação lexicográfica própria, serviram de modelo para a produção dicionarística subsequente. Esse dicionário registra o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e variações linguísticas;
- 3) século XX: o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (1948-1954), de Laudelino Freire; conforme assinala Krieger (2006), essa obra tem uma história vinculada à Academia Brasileira de Letras (ABL). Com a missão de produzir um dicionário da língua nacional ao modo dos países de grande tradição lexicográfica, a Academia optou pela proposta de Laudelino Freire, em 1924. Entretanto, diante da inoperância dos acadêmicos, ele mesmo publicou seu próprio dicionário, constituído de 5 (cinco) volumes, que aparecem, gradativamente, entre 1939 e 1944. Mais tarde, 2 (duas) novas edições dessa sua obra (em 1954 e em 1957) foram publicadas;
- 4) século XX: o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1986), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: essa obra destaca-se por alcançar a repercussão esperada pela Academia; desde a primeira edição (1975), já se caracteriza pela extensão da nomenclatura – 150.000 (cento e cinquenta mil) entradas –, ampliando, nas 2 (duas) edições subsequentes (1986, 1999), para cerca de 300.000 (trezentas mil) entradas. Destaca-se, também, pela sua preocupação em destacar os brasileirismos: aproximadamente, 25%. Além disso, contribui para

reorientar o foco de discussão e de estudos sobre as questões linguísticas que envolvem o Português de Portugal e do Brasil;

5) século XX: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1986), de Antônio Geraldo da Cunha. Considerado, por Biderman (2006), um bom dicionário no gênero, mas sem grandes pretensões. Pautou-se pelo modelo do dicionário etimológico do Francês de Bloch e Wartburge, na sua versão abreviada do Corominas para o Espanhol. Nesse dicionário, o verbete indica o significado da palavra entrada e registra as variantes históricas do vocábulo, com suas respectivas datações;

c) o terceiro bloco está reservado aos casos de ocorrências de lexias encontradas em outros trabalhos, tais como glossários de obras regionais (ex.: *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920); o livro de Machado Filho (1964) *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*; os estudos realizados em Minas Gerais: Souza (2008) e Ribeiro (2010)); e

d) o último bloco está dividido em 2 (duas) colunas: 1) a classificação da lexia quanto a LG ou não; e 2) origem da palavra; classificação do item lexical se dicionarizado (D), não-dicionarizado (n/d).

A seguir, apresentamos um modelo de ficha, as outras Fichas Lexicográficas, que estão disponíveis no APÊNDICE 1:

447. NEGOCIANTE (substantivo)	01 ocorrência
<i>(5MIDG. É. Intão ele já tinha passado da festa ele comprava na mão du negociante quera Z.J. (9MIDG) É.(5MIDG) Intão Z.J. já sabia a situação dele, já tava correno dele. (risos), né. Intão já tinha passado a festa e ele tinha batido um mucado de penerada, né, tinha batido um mucado de penerada...(S.I.V. 2 – L. 520)</i>	
1. Cunha – Negociante, s. XVIII. [Do Latim <i>negotians – antis</i>].	
2. Aurélio – Negociante – s. 2 gen. Pessoa que trata de negócios; comerciante (Do Latim <i>Negotiante</i>).	
3. Laudelino Freire – Negociante, s.m. Latim <i>Negotians; negotiantem</i> . Aquele que exerce o comércio; Aquele que trata de negócios.	
4. Moraes – s.m. Comerciante, tratante que vive de comércio.	
5. Bluteau – n/e	
<i>(...) Até poucos anos o povo de Quartel era tido como muito feiticeiro. Os nomes dos “caquis” eram lembrados com terror. [...] Nessa ocasião todos os negociantes fechavam as portas, não só com receio de brigas, pois os negros embriagados sempre arranjavam barulho para fugirem de ser enfeitizados. (MACHADO FILHO, 1964, p. 41)</i>	
LG	Origem: Latim (D)

3.6.2.3. Organização dos glossários

Para a organização dos glossários do LR e do LG, seguimos o critério semasiológico; para tal, adotamos a definição do termo “glossário”, considerando contribuições de Haensch (1982), Biderman (1984) e Barbosa (1995). O primeiro define glossário como toda obra lexicográfica que faz o registro e a explicação de vocábulos utilizados por autores em obras literárias; assim como aqueles que, em outro tipo de texto, destacam palavras cujo significado é de difícil compreensão, palavras enumeradas e organizadas em ordem alfabética ao final da obra. Biderman (1984) segue essa mesma linha, por considerar o glossário como um pequeno vocabulário ou relação de palavras em que se explica o significado, com intuito de ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Quanto a Barbosa (1995), parece-nos oportuno assinalar como essa renomada pesquisadora distingue dicionário de vocabulário e glossário:

[...] nesses termos, por exemplo, o dicionário de língua considera pertinentes as variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas. Os vocabulários técnico-científicos situam-se em uma perspectiva sincrônica (eventualmente, diacrônica), não lhes sendo pertinentes as variações diatópicas e diastráticas. Definem-se, contudo, por uma rigorosa perspectiva sinfásica, representativa de um universo de discurso. Um glossário, a seu turno, é sincrônico, sintópico, sinstrático e sinfásico. Cumpre, pois, distinguir um vocabulário de um glossário, por um critério qualitativo-quantitativo básico: o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez **n** discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, em uma situação de enunciação e de enunciado, em uma situação de discurso exclusiva e bem determinada (BARBOSA, 1995, p. 18).

A partir disso, entendemos que o dicionário é mais amplo do que o vocabulário, porque contém a língua geral. O vocabulário, por se ocupar de parte da língua – ou seja: de termos específicos de uma época, de um autor, ou de uma área do saber –, é mais restrito que o dicionário. Já o glossário é mais específico do que o vocabulário, uma vez que objetiva explicitar expressões ou vocábulos que apresentam maior grau de complexidade dentro de determinado texto de determinado autor.

Baldinger (1970) apresenta uma distinção entre os dicionários onomasiológico e semasiológico, nestes termos: os dicionários de cunho onomasiológico são repertórios cujas unidades lexicais são classificadas em função dos conceitos que representam; o ponto de partida é o significado, dessa forma, dada uma

ideia, deve-se encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima. Por outro lado, o dicionário de cunho semasiológico abrange os repertórios cujas unidades são classificadas em função da forma, é organizado em ordem alfabética e o ponto de partida é o significante de um termo ou de uma palavra.

Na análise dos dados, apresentamos um quadro contendo todas as lexias relacionadas à atividade do garimpo, agrupadas conforme categorização estabelecida por nós e outras retiradas de estudos anteriores: Isquierdo (1998) e Ribeiro (2010). A esse respeito, esclarecemos que não é do nosso interesse aprofundar nesse assunto; porém, buscamos os pressupostos teóricos que tratam dos campos semânticos abordados por Biderman (2001), para realizarmos essa tarefa. Assim, conforme palavras dessa linguista:

[...] no processo de aquisição da linguagem o Léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do indivíduo. A incorporação paulatina do Léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da Realidade e de categorização da experiência, através de signos linguísticos: os lexemas. A percepção, a concepção e a interpretação dessa Realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo Léxico. A forma como se dá tal armazenamento nos é desconhecida. É certo, porém, que a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical. De fato a experiência quotidiana comprova a existência de processo mnemônicos, estruturalmente ordenados, de tal forma que , quando nos queremos lembrar de um vocábulo, desencadeia-se um processo que nos fornece, normalmente em série, várias palavras que integram um mesmo subsistema léxico ou então um determinado campo semântico (BIDERMAN, 2001, p. 180-181).

Para a organização do glossário seguindo o critério semasiológico, observamos:

A macroestrutura:

- a) esse glossário contém 132 (cento e trinta e dois) verbetes, que não se encontram registrados nem em dicionários que consultamos, nem nos estudos sobre a área rural aqui pesquisados;
- b) os assuntos: a linguagem específica do garimpeiro e de uso geral que fazem parte do universo natural do garimpo, como aqueles que se referem à realidade cultural, econômica e social do garimpeiro, além da linguagem do mundo rural;
- c) todos os verbetes são extraídos de sessões de interação verbal; e

- d) o dicionário vai partir do sema; ou seja: parte do significante para o significado.

A microestrutura:

- a) a organização dos verbetes é feita de maneira sistemática. A palavra-entrada é grafada em maiúsculo e em negrito;
- b) ela é classificada de acordo com: a estrutura morfológica;
- c) a definição que é feita para cada lexia, de acordo com o significado adquirido no contexto;
- d) a abonação que é extraída de sessões de interação verbal; e
- e) registra-se algum caso de variação da lexia, quando houver.

Abaixo, um exemplo de um verbete, como apresentado no glossário.

PANHA • Nf. • [Ssing.] • Colheita. • (1FICG). *Já tão colheno o feijão, né?(11MACG) A segunda panha, né?(PESQ.) Mas esse feijão, é o da seca?(11MACG) É o da seca, nós já ranquemo muito.*

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Sobre as Peculiaridades Lexicais do Alto Jequitinhonha - MG

Conforme mencionamos anteriormente, este estudo, assumindo como pressuposto de que o léxico de qualquer língua revela aspectos sócio-histórico-culturais da realidade dos falantes dessa língua, busca descrever e analisar o léxico de falantes remanescentes de uma comunidade garimpeira que vivem no Alto Jequitinhonha - MG, orientando-se pela seguinte hipótese: a fala da população do Alto Jequitinhonha - MG (mais exatamente, do município de Datas e seu distrito Cachimbos) revela certa peculiaridade no que diz respeito ao léxico – ou seja, revela o uso de determinadas lexias que não se mostram presentes na fala de outras regiões mineiras – e essa peculiaridade justifica-se pelo fato de a referida população incluir um grupo de remanescentes de uma extinta comunidade garimpeira (ou seja, um grupo de ex-garimpeiros e seus familiares, que permaneceu na região após o desaparecimento do garimpo que ali existiu).

Para testarmos essa hipótese, analisamos um *corpus* constituído de 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias produzidas em sessões de interação verbal, gravadas com 31 (trinta e um) falantes integrantes do mencionado grupo de remanescentes de comunidades garimpeiras. Procedemos à transcrição das gravações e, em seguida, a um levantamento das lexias, tanto de uso geral do dia a dia (sejam do vocabulário básico, sejam relacionadas a atividades de trabalho, política, religião, lazer, etc.), quanto de uso especificamente relacionado ao garimpo (minérios, instrumentos, tarefas, comércio, etc.), o que foi realizado com a utilização de Fichas Lexicográficas e com os seguintes procedimentos:

- 1) registro de cada lexia identificada nas sessões gravadas - ex.: a lexia **arear** foi registrada quando, pela primeira vez, foi identificada no *corpus*;
- 2) registro, na ficha lexicográfica de cada lexia que foi considerada como especificamente relacionada ao garimpo, de todas as suas ocorrências; e

- 3) inclusão, em cada ficha lexicográfica, de diversas informações a respeito do falante (gênero, idade, localidade, profissão, ex-garimpeiro ou não, etc.).

As 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias registradas (extraídas das transcrições das sessões de interação verbal) foram, então, submetidas a duas análises, por meio das quais buscamos colocar em evidência as particularidades lexicais que, por hipótese, marcam a fala da população de localidades do Alto Jequitinhonha (do município de Datas e do seu povoado denominado Cachimbos):

Inicialmente, considerando que, segundo observações assistemáticas, o léxico da referida fala aproxima-se do léxico de falantes de áreas rurais brasileiras, realizamos um cotejo, que se encontra no APÊNDICE 2, entre as 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias e:

- as formas registradas recentemente em falas de áreas rurais mineiras (SOUZA, 2008; RIBEIRO, 2010; FREITAS, 2012; CORDEIRO, 2013) às quais a fala objeto da investigação deve, por hipótese, se mostrar semelhante, já que a maioria dos seus falantes exerce atividade vinculada à agricultura, na área rural;
- as formas registradas, há quase um século, no chamado “dialetos caipira”, por Amaral (1920), cujo trabalho pode se constituir em uma referência para a explicação de eventuais retenções, próprias de áreas rurais, mas não encontradas naquela região ou em outras regiões de MG; e
- as formas registradas em 2 (dois) estudos (MACHADO FILHO, 1964; CATHARINO, 1986) sobre fala de garimpos, tendo em vista a atribuição hipotética das particularidades à fala de remanescentes de comunidades garimpeiras.

Assim, em um primeiro momento, as 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias foram examinadas como um conjunto unitário, atentando-se para: registro, ou não, em determinados dicionários (seção 4.2); origem (seção 4.3) e classificação morfológica (seção 4.4). Posteriormente, essas 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias foram, então, separadas em 2 (dois) grupos, e cada um desses grupos foi submetido à análise, separadamente, tendo-se em vista os objetivos estabelecidos a partir da hipótese de que o segundo desses grupos é o responsável por particularidades lexicais da fala da população aqui pesquisada:

- (a) lexias que, segundo observações assistemáticas, integram o léxico de falantes de áreas rurais brasileiras (doravante, Léxico Rural = LR); e
- (b) lexias especificamente relacionadas ao garimpo (doravante, Léxico do Garimpo = LG).

4.2. Lexias dicionarizadas e lexias não dicionarizadas

Do total de 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias, constatamos que 434 (69%) se encontram registradas em, pelo menos, um dos dicionários consultados –; são, portanto, dicionarizadas (**D**) – e 195 (cento e noventa e cinco), que correspondem a 31%, não são dicionarizadas (**n/d**); cabe ressaltar que esse total inclui itens lexicais que se encontram dicionarizados, mas com sentidos diferentes daqueles com os quais são usados pelo grupo de falantes observado. Esse resultado pode ser visualizado no GRAF. 1, a seguir. MUDEI O GRÁFICO CONFORME SUGESTÃO DE MÔNICA.

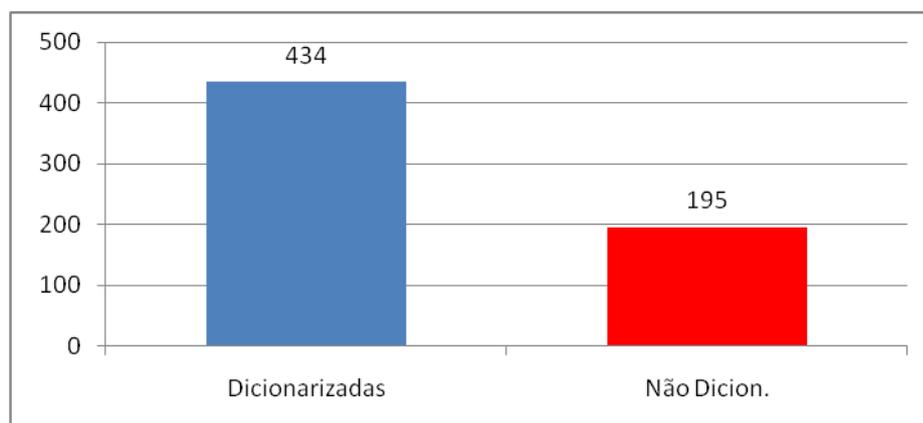


GRÁFICO 1 - Lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.

4.2.1. Presença das lexias em cada dicionário

Das 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias extraídas da fala examinada, 434 (quatrocentas e trinta e quatro) estão registradas em, pelo menos, um dos 4 (quatro) dicionários consultados. Procuramos respeitar a ordem cronológica de publicação das obras, porque, dessa forma, pode-se melhor revelar se houve ou não progresso em termos de dicionarização. O resultado que pode ser melhor visualizado no GRAF. 2, a seguir:

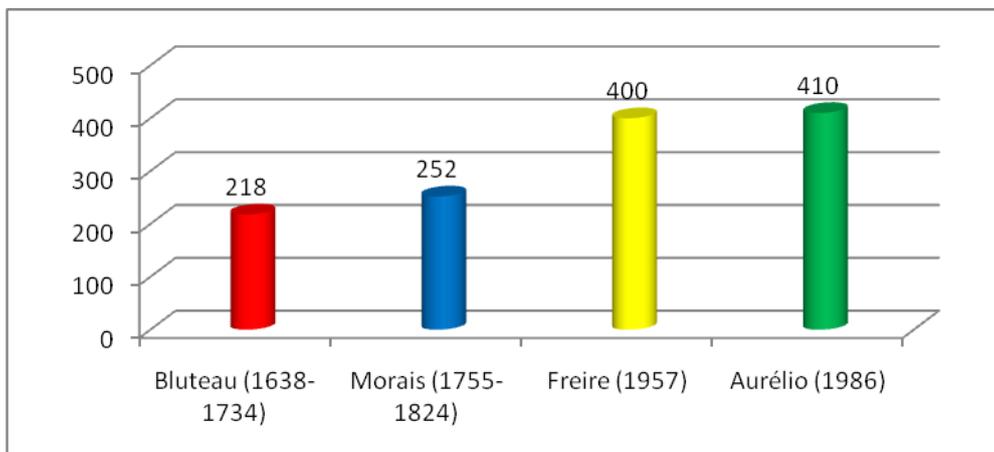


GRÁFICO 2 - Número de lexias registradas nos dicionários consultados.

Constatamos, então, que, das lexias encontradas em pelo menos um dos dicionários consultados, a maior parte encontra-se registrada no dicionário Aurélio, que totaliza 410 (quatrocentas e dez) e no de Laudelino Freire, com 400 (quatrocentas); ou seja: o primeiro, com 94% e, o segundo, com 92%. Esses são seguidos por Moraes, com 252 (duzentas e cinquenta e duas), com percentual de 59%. Já no dicionário do Português de Portugal, do século XVIII, de Bluteau, há 218 (duzentas e dezoito); ou seja: 50% das lexias registradas em dicionários consultados. Esse resultado nos permite comprovar que houve progresso, em termos de dicionarização.

Já o dicionário etimológico de Cunha (1986) é diferente dos demais, porque a Etimologia investiga a origem de cada palavra e analisa as suas várias acepções, indicando qual foi o seu significado primitivo e como dele foram derivando os outros significados lexicalizados em dicionários de língua. Assim, esse dicionário foi utilizado com a finalidade de consultarmos as origens e as datações das lexias. Aproveitando, portanto, as informações sobre a origem das lexias contidas nos dicionários de Aurélio e de Cunha, realizamos o levantamento apresentado a seguir.

4.3. Sobre a origem das lexias analisadas

Atentamos para a origem dos itens lexicais. Das 434 (quatrocentas e trinta e quatro) lexias dicionarizadas, os dicionários de Aurélio e Cunha registram números

significativos, apontando a sua origem: Latim (134), Árabe (13), Castelhana (14), Francês (16), Italiano (7), Lusitano (3), Espanhol (3), Grego (2), Pré-romana (2). Há, ainda, aquelas lexias cujas origens que não foram identificadas, tendo sido, por isso, foram assim classificadas: obscura (4), controversa (2), onomatopaica (2) e desconhecida (2); no entanto, um grande número de lexias (98) não tem sua origem registrada nesses dicionários.

Nessa análise, foram localizadas 107 (cento e sete) lexias classificadas, no dicionário de Aurélio (1986), como brasileirismos; ou seja: das 434 (quatrocentas e trinta e quatro) lexias dicionarizadas, 24,2% são brasileirismos. Além disso, há lexias classificadas como africanismos (13) e indigenismos (12) que, conforme explicitamos no item 2.1.1, podem ser somados ao número de brasileirismos. Assim, temos um total de 132 lexias; ou seja: 30,1%, que serão abaixo registradas, que listamos a seguir:

Brasileirismos: *acismado, agrado, agulha, amenhá, angu, apurar, ara, araticum, barbatimão, baco, bagaceira, banguê, bateada, batente, beiju, bitelona, borá, brejo, bucho, caboclo, caburé, caçamba, cachaça, cacumbu, cacunda, calderão, canjica, canoa, capanga, capineira, capuçu, cará, carapiá, caroba, carumbé, cascaio, cata, catear, catinga, cativo, catuaba, cavadeira, caxa, cocho, coité, comércio, coriandamba, corgo, cuia, cumê, currido, dura de gente, engenho, enrabar, faisqueira, fava, ferrage, fervedor, formação, frincha, fubá, furna, garimpeiro, garimpo, gorguio, garrá, grupiara, guiada, jagunço, jatobá, jequi, jirau, ismiril, inganazambi, inxum, ipê, lajeado, lambada, lavrado, machucão, macumba, mamparra, marmota, mascatear, manero, monjolo, moringa, morolo, nhonha, ossada, ovo de pomba, paina, painera, paiol de mio, paia de arroz, panela, papaconha, pau d'arco, peão, pinga, pirambeira, pirão, prensa, quimbanda, rancho, rapadura, reco-reco, refugar, restojo, ritiro, roçado, rodete, samburá, sangrador, sanzala, sungar, tamboeira, taquara, terrero de sarava, tiradera, traia, tropero, tuada, trem, tropa, tundá, unha d'danta, urucum, varge, veio do rio, velame, zuretado.*

4.4. A classificação morfológica das lexias analisadas

Considerando a classificação morfológica das palavras postulada pela Gramática Tradicional (GT), as lexias analisadas distribuem-se entre 7 (sete) classes diferentes: substantivos (480), verbos (69), adjetivos (39), advérbios (9), preposição (1),

interjeição (1); foram também registradas: locuções adverbiais (7) e as lexias complexas (21).

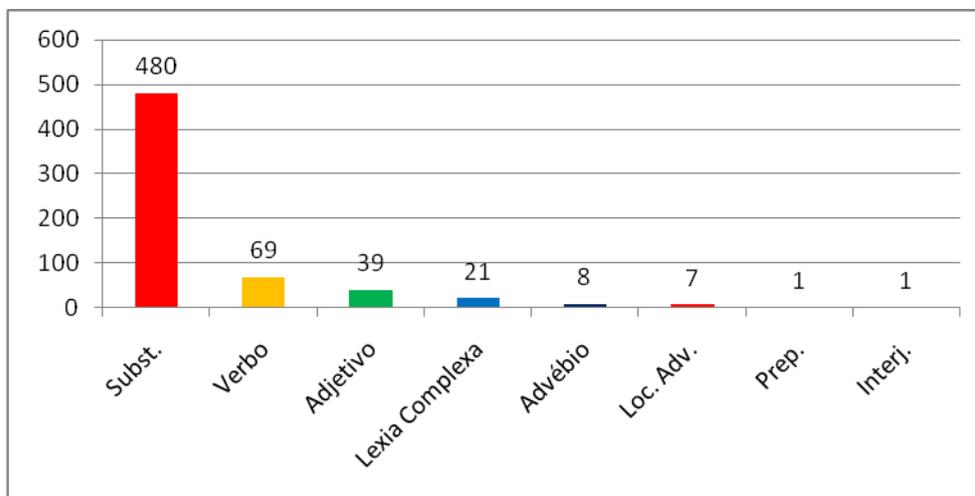


GRÁFICO 3 - Classificação morfológica das lexias analisadas.

Os resultados mostram que a classe dos substantivos é a que mais se destaca, com um percentual de 77%, seguida pelas dos verbos (11%), pelas dos adjetivos (6%) e pelas lexias complexas (3%).

4.5. Em Busca das Particularidades Lexicais

Conforme explicitamos anteriormente, a investigação aqui apresentada norteia-se pela seguinte hipótese geral: a fala da população do município de Datas e seu povoado Cachimbos (localidades do Alto Jequitinhonha - MG) apresenta particularidades relativas ao léxico, que se devem a contribuições de remanescentes de comunidades garimpeiras. Em função dessa hipótese, isolamos os dados de cada um dos 2 (dois) grupos, então estabelecidos: **410 (quatrocentas e dez)** lexias relacionadas à fala rural (LR) e **219 (duzentas e dezenove)** lexias relacionadas ao garimpo (LG). Essas lexias serão apresentadas no QUADRO 4 que está constituindo o APÊNDICE 2.

6 - Classificamos as fraseologias, conforme tratado no item 2.1.1. como Lexias Complexas. As formas gramaticais *derde e deconforme* foram selecionadas, porém não foram computadas no item *classificação gramatical*, por gerar dúvidas durante a classificação.

4.5.1. Das Lexias Rurais (LR)

4.5.1.1. Registros de estudos sobre o léxico de áreas rurais de MG

Comparamos os nossos registros com os dos trabalhos de: Cordeiro (2013), no Vale Jequitinhonha; Souza (2008), no Norte; Freitas (2012), na região central; e Ribeiro (2010), no Sul. A ordem estabelecida para essa comparação está relacionada com a proximidade de tais regiões com a região pesquisada. A nossa pretensão é confirmarmos ou não uma das questões levantadas anteriormente: se a fala desse grupo, principalmente, dos moradores da área rural, não reúne elementos característicos também de outras regiões mineiras, uma vez que esses estudos analisam o léxico do “mundo rural”, e os falantes das comunidades de ex-garimpeiros de Datas e Cachimbos também apresentam certas marcas rurais que coincidem com os mencionados estudos.

Assim, no total de 410 (quatrocentas e dez) lexias que fazem parte da LR e outros, 220 (duzentos e vinte) coincidem com pelo menos um dos estudos analisados; ou seja: 53,5% desse total. O estudo de Ribeiro no sul de Minas é o que mais se aproxima do nosso resultado 102 (46,5%), seguido pelo estudo realizado no centro de Minas Gerais por Freitas (2012), que computa 81 (oitenta e uma) lexias, ou 37%; Souza (2008), com *corpus* do Norte de Minas, com 53 (cinquenta e três) lexias 24%; e Cordeiro (2013), que apresenta, em seus registros, 57 (27%) lexias que combinam com os encontrados na região do Alto Jequitinhonha. Esses resultados mostram que as regiões mais distantes são as que apresentam maior número de lexias que coincidem com as registradas por este trabalho. Constatamos, porém, que, apesar de algumas lexias apresentarem as mesmas formas ortográficas, há alguns casos em que os significados não coincidem com os que lhe são atribuídos por membros da comunidade pesquisada. Assim, uma comparação desses estudos nos permitiu identificar:

1) nomes que apresentam a mesma forma, porém, com significados diferentes:

Apurar – lavar cascalho diamantífero (Datas/Cachimbos), tornar mais puro (Minas Novas),

Arranchar – estabelecer-se provisoriamente (Serra do Cipó, Datas/Cachimbos), estabelecer, morar (Águas Vermelhas),

Arrear – colocar os arreios (Serra do Cipó, Datas/Cachimbos), abater-se, desanimar (Minas Novas),

Artura – certa distância (Datas/Cachimbo), tempo, época da vida (Águas Vermelhas),

Arquere – medida de área de terreno (Datas/Cachimbo), medida de capacidade para medir grãos de cereais (Minas Novas),

Banguê – padiola para transporte de pessoas doentes e cadáveres (Datas/Cachimbo), cama de lona para conduzir cadáveres (Passos),

Bitelo – o que se diz de algo ou alguém muito grande (Datas/Cachimbo, Serra do Cipó e Minas Novas), defunto grande (Passos),

Caboclo – mestiço de índio (Passos, Datas/Cachimbo), entidade espiritual (Datas e Cachimbo), hematita (Datas e Cachimbo),

Caldeirão – escavação feita pelas águas (Datas/Cachimbo), panela grande (Passos),

Candeia – árvore da família das Linantéias (Datas/Cachimbo), objeto usado para iluminação (Águas Vermelhas, Passos, Minas Novas e Serra do Cipó),

Canjica – espécie de saibro grosso (Datas/Cachimbo), milho quebrado para comer cozido (Minas Novas),

Carrero – guia de carro de boi (Passos, Datas/Cachimbo), caminho estreito (Águas Vermelhas e Minas Novas),

Catinga – mau-cheiro (Passos, Serra do Cipó, Datas/Cachimbo), vegetação (Águas Vermelhas),

Cativeiro – uma das funções do homem garimpeiro (Datas/Cachimbo), condição de cativo (Águas Vermelhas),

Cocho – vasilha destinada à fermentação para produção da cachaça (Datas/Cachimbo), local de comida para gado (Passos),

Derde – ao invés de (Datas/Cachimbo), desde (Serra do Cipó),

Disandar – soltar fezes (Datas/Cachimbo), desfazer, derreter (Minas Novas),

Fiado – vendido a crédito (Datas/Cachimbo), linha (Passos),

Isprivitadinha – *Esprivitado* – saliente (Datas/Cachimbo), detalhado (Minas Novas),

Monjolo – engenho movido a água (Datas/Cachimbo, Passos), árvore de casca espinhosa (Minas Novas),

Paçoca – piçarra (Datas/Cachimbo), carne pilada com farinha (Minas Novas),

Panhar – aproximar (Datas/Cachimbo), adquirir (Passos),

Rebuçado – coberto com capa (Minas Novas, Datas/Cachimbo), Maço, molho, feixe (Águas Vermelhas),

Roda – roda de monjolo ou roda de garimpo (Datas/Cachimbo), roda de fiar linho (Passos),

2) nome que apresenta o mesmo sentido, porém, com grafias diferentes:

Pau-de-óleo ou *Pau d'óleo* (Datas/Cachimbo), *Arve-de-óleo* (Passos).

4.5.1.2. Registros de estudo sobre o léxico do Interior de São Paulo

Uma das hipóteses que norteia este estudo (o uso desse vocabulário configura casos de arcaísmos e retenções) nos levou a pesquisar, também, o trabalho de Amaral (1920). Isso, porque esse trabalho dialetológico é tido como referência na orientação de diversos estudos. Naquela época, Amaral já se mostrava pessimista em relação ao “desaparecimento do falar caipira”.

Considerando a datação fornecida pelo dicionário etimológico de Cunha (1986), destacamos, aqui, as lexias registradas por esse pesquisador como situadas entre os séculos XIII e XV, cabendo ressaltar que não temos interesse em aprofundarmos nesse assunto; portanto, registramos, aqui, apenas as lexias que coincidem com os registros dos estudos pesquisados; *acá*, *alembrar*, *antão*, *coresma*, *cramar*, *entonce* e *légua*; ou seja: (1%) do total das lexias registradas por nós.

No interior de São Paulo, Amaral (1920) analisou a fala de moradores de diversas comunidades desse Estado. Conforme resultados registrados no APÊNDICE 2, encontramos, neste trabalho, 95 (44%) de lexias que coincidem com as 220 (duzentas e vinte) lexias pesquisadas. Nesse total, encontramos várias lexias que, apesar de apresentarem as mesmas formas ortográficas, apresentam significados diferentes, bem como lexias que apresentam os mesmos significados; porém, apresentam grafias diferentes.

1) nomes que apresentam as mesmas formas; porém, com significados diferentes:

Amuntado – colocado sobre uma cavalgada (Minas Novas e Datas/Cachimbo), animal doméstico que se meteu no mato (interior de São Paulo),

Apear – desmontar-se (Datas/Cachimbo), hospedar-se (interior de São Paulo),

Ará(r) – lavrar, sulcar com arado (Datas/Cachimbo), ver-se em apuros (interior de São Paulo),

Banguê – padiola para transporte de pessoas doentes e cadáveres (Datas/Cachimbo), liteira com teto e cortinados, levada por muaras (interior de São Paulo), cama de lona para conduzir cadáveres (Passos),

Caboclo – mestiço de índio (Datas/Cachimbo, Passos, interior de São Paulo), entidade espiritual (Datas e Cachimbo), hematita (Datas e Cachimbo),

Canela – planta que é usada como combustível para se acender fogo (Datas/Cachimbo), várias espécies de árvores (interior de São Paulo),

Canjica – milho quebrado para comer cozido (interior de São Paulo), espécie de saibro grosso (Datas/Cachimbo),

Capanga – bolsa (Passos, Serra do Cipó e Datas/Cachimbo), guarda-costa (interior de São Paulo),

Cravinote – calção ou bermuda (Datas/Cachimbo), carabina pequena (interior de São Paulo),

Cruzado – Moeda corrente nos anos 1980. (Datas/Cachimbo), antiga moeda portuguesa no valor de 400 réis (interior de São Paulo),

Cutucar – movimentar a água nos canos (Datas/Cachimbo), tocar com o dedo (interior de São Paulo)

Derde – ao invés de (Datas/Cachimbo), desde (interior de São Paulo e Serra do Cipó),

Fava – formação para diamante (Datas/ Cachimbo), semente (interior de São Paulo),

Lambada – dose de pinga (Datas/Cachimbo), golpe de chicote (interior de São Paulo),

Paçoca – carne pilada com farinha (interior de São Paulo, Minas Novas), piçarra (Datas/Cachimbo),

Peão – trabalhador rural (Passos e Datas/Cachimbos), domador (interior de São Paulo),

Puleiro – vara onde pousam aves (Datas/Cachimbos), cavalo doente e trôpego (interior de São Paulo),

Rancho – casa pobre (Datas/Cachimbos), cabana provisória (interior de São Paulo e Passos),

*Samborá*² – o mesmo que borá (Datas/Cachimbos), cesto de taquara (interior de São Paulo)

Trambuco – chicote (Datas/Cachimbos), espingarda de um só cano (interior de São Paulo),

Tranco – gole de bebida (Datas/Cachimbos), encontrão (interior de São Paulo),

2) nomes que apresentam o mesmo sentido, porém, com grafias diferentes:

Cotobó – faca, enxada ou foice desgastada pelo uso (Datas/Cachimbos),
cotó – (interior de São Paulo),

Capineira (Serra de Cipó e Datas/Cachimbos), *capinzal* (interior de São Paulo).

4.5.1.3. Das lexias específicas dos falares observados

Nos estudos consultados, encontramos **59 (cinquenta e nove)** lexias que não são dicionarizadas, nem registradas nesses estudos, a saber:

abinha, afavaquinha, arroiado, azougue, barrera, barruada, batê paiada, batê paiada, bitão, butuca, caboco, candodô, catitoco, caxi, cervejinha, crivado, culherzinha, curridinha, desande, difrucera, dintirim, disgramar, erva daninha, esbarrar, escafunchar, esturrado, fincar de carrerão, fincar a pé, fraudinha, ganhami, injurizar, impono, istrunca, jirico, kobu, ladiente, morolo, moveriz, nhonha, o seguinte é esse, panha, pau magro, peso de trabaiaador, prato, pulseneira, quartiage, rancho de tropa, rapar, safar, samborá, santropê, sidumia, tamaniquim, tapaquara, tibórnia, tranco, trambuco, urna, valongo.

4.5.2. Das lexias relacionadas ao Garimpo (LG)

Dando prosseguimento à proposta de verificarmos se as hipóteses de que o léxico falado nessa comunidade é diferente do de outras regiões mineiras, e de que a fala do garimpeiro e das pessoas idosas é que justifica certa peculiaridade, analisamos, aqui, as lexias relacionadas ao garimpo.

Inicialmente, organizamos e apresentamos as 219 (duzentas e dezenove) lexias do LG no QUADRO 6, que foram organizadas em conformidade com uma categorização estabelecida por nós e com outras, baseadas em estudos anteriores: Isquierdo (1998) e Ribeiro (2010). A elaboração dessas categorizações segue a proposição sugerida por Biderman (2001), explicitada no item 3.6.2.3. Organizado esse QUADRO 5, registramos, também, em seguida, no QUADRO 6, o número das ocorrências da LG, que serão apresentadas logo a seguir:

QUADRO 5 - Categorização das lexias relacionadas às atividades do garimpo.

GARIMPO
1.a. Designação dos diamantes e outros
Baguim de ouro, chapinha de ouro, cristal, diamante algodão, diamante bago de arroz, diamante botão de malva, diamante chapéu de padre, diamante corado, diamante cor de canário, diamante fazenda fina, diamante fazenda média, diamante fumê, diamante com jaça, diamante minerva, diamante natura, diamante Piauí, diamante preto, diamante queixo de burro, diamante rubi, diamante urubu, diamante vermelho, pedra de meã, pepita de ouro.
1.b. Formações (designações dos conjuntos de certos minerais que se encontram nas lavras diamantinas e indicam a presença de diamante).
Agulha, cabeça-de-macaco, caboclo, cativo, dente-de-cão, fava, ferrage, formação, gelo, ismiril, ossada, coco, chumbado, osso-de-cristal, ovo-de-pombo, palha-de-arroz, pinta preta, pórnio, refina, silicólia, toá.
1.c. Outros minerais e sedimentos (qualquer substância inorgânica que se encontra no interior ou na superfície da Terra, como metais, pedras, combustíveis./Camada formada pelas matérias que as águas deixaram ao retirar-se).
Barriga-de-boi, batido, canjica, cascalho, currido, farofa, goma, gorgulho, isbógio, jogo-de-rio, linha de cristal, linha-de-massa, luvião, manero, massa, meteriar, mussiça, paçoca, paiol-de-cascalho, piçarra, rabo-de-bica, restojo.
2.a. Instrumentos mecânicos utilizados na extração dos minerais (agente mecânico que se emprega na execução do trabalho para a extração e manuseio dos minerais).
Baco, barril, bateia, bomba, canoa, carumbé, draga, jangada, maimina, peneira, roda de garimpo, roda de rosário.

[Continuação do QUADRO 5.]

GARIMPO
2.b. Peças que compõem os instrumentos mecânicos para extração dos minerais (cada um dos elementos que constituem os instrumentos mecânicos)
Bica, balancete, balbatana, banquetas, boquete, bucha-de-apaga-vela, bucha de couro, bucha-forrada-total, caçamba, caixa-de-depósito, cano, chanfrão, depósito-do-rabo-da-bica, encanamento, gomos, grade, greia, haste, inferno da roda, mangote, manivela, passeio-do-fervedor, pião-da-bateia, picame, portal, tabuleiro, tabuleta, tubo, tubulação, valva, varal, ventoneira.
2.c. Ferramentas/ utensílios utilizados na extração dos minerais
Caco, cacumbu, cavadeira, cunha, faquinha de madeira, inxada, labanca, bigorna, goiva, rastão, rudia de pano.
3. Atividades e etapas de trabalho na extração manuseio e comércio dos minerais
Açude, apertar a forma, apurar, batiada, bater a boa, bater o baco, braçal, canal, cata, catiage, catear, cavar, ciscar, cortar, cortar a água, cortar o entulho, cutucar, desbarranque, despedrar, discuberto, despejo, faisqueira, fervedor, ferver, fervura, forgar água, istilhar, lavar de bateia, lavar a cru, lavar de peneira, lavar o serviço, manual, partilha, passeio do fervedor, penerada, refugar, rego d'água, resumir, sargado, secar água, sentar roda, sulapar, tocar o garimpo, tocar pra nós.
4. Espaço físico/relação espacial (extensão superficial)
Banca, boca-da-cata, caldeirão, corgo, frincha, furna, grupiara, gruta, lapa, lavrados, mesa, panela, rancho, terreiro, varge, veio-do-rio.
5. Quantidade
Grão, meã, peão, ponto, quilatre, terno, arroba
6. Ocupações
Batuquim, carregador, cativoiro, dono do garimpo, enchedor, garimpeiro, maquinista de roda, mecânico de roda, meia-praça, negociante, praça, pai-de-majé, senhoria.
7. Características (algo relacionado ao garimpo)
Embocada, encaiado, croado, empareada, estanhado, lapidado.
8. Transporte
Cangaia, cargueiro, caxote, padiola, tropa.
9. Conduta/evento
Bamburrar, parpíte.
10. Outros
Culiar, esfarinhar, lumeia, minguar, ringir.

7. As categorizações já estabelecidas com base nos estudos de Isquierdo (1998): Designações; Etapas de trabalho; Ferramentas e utensílios. E de Ribeiro (2010): Espaço físico/relação espacial; Quantidade; Ocupação; Transporte; Característica; Conduta. Categorizações estabelecidas por nós: Formações; Outros minerais e sedimentos; Instrumentos mecânicos; Peças que compõem os instrumentos mecânicos; Atividades; Eventos; Outros.

Apresentamos, a seguir, uma tabela contendo o número de ocorrências e a categorização dos informantes:

QUADRO 6 – Ocorrências e Categorização dos informantes.

Ocorrências	Nº Oc.	Masc.	Fem.	Idoso	Adulto	Datas	Cach.
Designações	59	49	10	30	29	35	24
Formações	153	73	80	87	66	55	98
Outros minerais	215	132	83	125	90	96	119
Instrumentos mecânicos	299	255	44	146	153	118	181
Peças dos instrumentos	122	106	16	77	45	70	52
Ferramentas	59	48	11	30	29	25	34
Etapas do trabalho	321	230	91	134	187	144	177
Espaço Físico	75	36	39	28	47	28	47
Quantidade	66	42	24	49	17	11	55
Ocupação	42	40	02	11	31	16	26
Características	22	19	03	15	07	04	18
Transporte	24	17	07	12	12	02	22
Conduta/Evento	09	09	00	01	08	01	08
Outros	05	04	01	04	01	03	02
Total	1.471	1.060	411	749	722	608	863

O grupo “Designações” tem um total de 59 (cinquenta e nove) ocorrências, dentre as quais destacam-se as lexias: *crystal* (14), *diamante chapéu-de-padre* (6) e *diamante rubi* (5). Desse total, o número de ocorrências entre os informantes do sexo masculino é de 49 (quarenta e nove) e, do sexo feminino, 10 (dez). O número de ocorrências entre os informantes, de acordo com suas respectivas faixas etárias, são praticamente iguais: adulto (29) e idoso (30). Os números de ocorrências por localidades são: 35 (trinta e cinco), para Datas, e 24 (vinte e quatro), para Cachimbos.

O grupo “Formações”, com o total de 153 (cento e cinquenta e três) ocorrências, sexo masculino 73 (setenta e três) e sexo feminino 80 (oitenta), diferentemente dos outros grupos, esse grupo apresenta, embora pequena, uma diferença, tanto de um quanto do outro, com relação às designações das formações, conforme exemplos a seguir. Das designações citadas, temos *ismiril* (20) (F17/3M), *agulha* (15) (F14/M1), *silicólia* (14) (F9/M5), *cativo* (13) (F8/M5) e *gelo* (F5/M0), que ocorrem mais nas falas das mulheres, enquanto que *ferrage* (10) (0F/10M), *dente-de-cão* (8) (F2/M6), *cabeça-de-macaco* (7) (F1/M6), *fava* (5) (1F/4M) e *pórnio* (5) (F0/M5) ocorrem mais nas falas dos homens. Com relação à idade, temos idoso (87) e

adulto (66). Já com referência a localidade, o número de ocorrências em Cachimbos (98) é bem maior do que em Datas (55).

Para o grupo “Outros Minerais/Sedimentos”, o total de ocorrências é de 215 (duzentas e quinze), e, assim como a maioria dos grupos, o número de ocorrências entre falantes do sexo masculino (132) é maior do que do feminino (83); da mesma forma, entre os falantes com faixa etária “idoso” (125), o número é maior do que para “adulto” (90); em se tratando da localidade, o número de ocorrências entre os moradores de Cachimbos (119) é maior do que de Datas (96). Destacamos, com relação a esse grupo, as ocorrências das lexias: *cascalho* (59), *gorgulho* (33), *grupiara* (21), *piçarra* (14), *massa* (10), *rabo-de-bica* (9), *currido* (8) e *paiol-de-cascalho* (8).

Quanto ao grupo “Instrumentos mecânicos”, destacam-se vários itens lexicais que serão apresentados em ordem decrescente das ocorrências: *rodade garimpo* (54), *carumbé* (46), *bomba* (41), *bateia* (40), *canoa* (34), *jangada* (29), *peneira* (24), *draga* (16) e *barril* (5). Ressaltamos algumas peculiaridades que vale a pena salientar: os instrumentos pesados, e, portanto, manuseados pelos homens – tais como *bomba* (34/7), *draga* (16/0), *roda* (50/4), *jangada* (29/0) –, apresentam número significativo de ocorrências entre os falantes do sexo masculino, e os instrumentos mais leves – tais como: *peneira* (16/7) e *carumbé* (34/12), com exceção de *bateia* (37/3) – apresentam diferença menor entre o número de ocorrências. Quando analisamos as ocorrências entre as faixas etárias, observamos que não houve tanta diferença: idoso (146) e adulto (153). Com referência às ocorrências entre as localidades, destacam-se os moradores de Cachimbos, com 181 (cento e oitenta e uma), enquanto os de Datas respondem por 118 (cento e dezoito).

Quanto ao grupo “Peças que compõem os instrumentos”, as lexias com o número de ocorrências que se destacam nesse grupo são: *cano* (26), *varal* (12), *ventoneira* (6), *bica* (9), *pião-da-bateia* (7), *balancete* (6) e *bucha-de-apaga-vela* (5). Dentre as 107 (cento e sete) ocorrências há destaque maior para o número de ocorrências entre os falantes do sexo masculino (91) com uma grande diferença com relação ao sexo oposto (16). Isso retrata o que observamos no grupo “instrumentos”, porque, ao relatar sobre os instrumentos mecânicos pesados, os homens incluíram grande número de peças que compõem esses instrumentos. Observamos, também, que há grande diferença entre as faixas etárias “idoso” (73) e “adulto” (32). Em se tratando de localidades, houve mais ocorrências entre os falantes de Datas (63) do que entre os de Cachimbos (44).

No grupo “Ferramentas”, com um total de 59 (cinquenta e nove) ocorrências, assim como outros grupos, os falantes do sexo masculino (48) se destacam, com relação às do sexo feminino (11). Já quanto à idade, não há diferença; ou seja: (30I/29A); e, com referência à localidade, o número de ocorrências dos moradores de Cachimbos é maior (34), comparativamente aos de Datas (25). Os números de ocorrências que se destacam são: *inxada* (18), *labanca* (13) e *cacumbu* (6).

Com relação ao grupo “Atividades/etapas do trabalho”, o número total das ocorrências é 320 (trezentas e vinte); desse total, destacamos estas lexias: *fervedor* (31), *cata* (28), *secar água* (27), *lavar de peneira* (24), *apurar* (19), *faisqueira* (18), *firvura* (14), *manual* (14), *tocar o garimpo* (13), *cortar* (12), *discuberto* (11), *ferver* (10), *sentar roda* (8), *resumir* (9), *desbarranque* (7), *canal* (6), *catear* (6), *penerada* (6) e *lavar de bateia* (5). Esse é o grupo que apresenta o maior número de ocorrências diversificadas. Com relação aos sexos dos informantes, há algumas ocorrências que vale a pena ressaltar. Primeiro, a grande diferença entre as ocorrências nas falas das pessoas do sexo masculino (229), comparativamente às do sexo feminino (91). Segundo: dentre essas ocorrências, há um caso que merece destaque, com relação às ocorrências da lexia *cortar*, que tem 2 (dois) significados – o primeiro significa escolher ou separar as formações da pedra diamante; o segundo significa dividir o rio usando folhas, entulhos, areia, barro, tábuas, etc. –; observamos que, quando *cortar* é escolher o diamante, ocorre 12 (doze) vezes, e apenas na fala feminina; já lexia *cortar*, no sentido de dividir o rio, ocorre apenas na fala masculina, apesar de o seu número de ocorrências ser bem menor (2). Quanto às variáveis “idade” e “localidade”, temos, quanto à primeira: “idoso”, com 134, e, “adulto”, com 186, e, quanto à segunda: Datas, com 144, e, Cachimbos, com 176 ocorrências.

Relativamente ao grupo “Espaço físico” (extensão superficial), encontramos um total de 75 (setenta e cinco) ocorrências. Destacamos os itens *grupiara* (21), *furna* (13) e *frincha* (6), pelo seu maior número de ocorrências. Ao observarmos esses números entre os falantes do sexo masculino e feminino, concluímos que não há muita diferença (36/39), respectivamente; quando se trata da diferença entre faixas etárias: “idoso” (28), “adulto” (47); da mesma forma, com referência às localidades – Datas (28) e Cachimbos (47) –, esse número apresenta diferença maior; qual seja: “adulto” e Cachimbos com 63% do total.

O grupo “Quantidade”, por sua vez, apresenta um total de 66 (sessenta e seis) ocorrências entre os falantes, destacando-se as lexias: *grão* (24), *quilatre* (17),

peão (9) e *ponto* (9). O número de ocorrências entre os falantes homens (42), assim como em outros grupos, é maior do que entre mulheres (24). Já a faixa etária “idoso” apresenta número de ocorrências bem maior do que as da faixa etária “adulto” (49/17); e, quanto à localidade, as ocorrências entre os falantes de Cachimbos apresentam número bem maior (55) do que entre os de Datas (11).

Relativamente ao grupo “Ocupação” (ofício, emprego, serviço, trabalho), registramos 42 (quarenta e duas) ocorrências, com destaque para *garimpeiro* (8), *dono do garimpo* (7) e *meia-praça* (6). É importante ressaltar que o número de ocorrências entre os falantes do sexo masculino é praticamente total (40), com apenas 2 (duas) de falantes do sexo feminino. Já a faixa etária “adulto” (31) se sobrepõe à dos idosos (11). Em se tratando de localidade, há mais ocorrências entre os falantes que moram em Cachimbos (26) dos que moram em Datas (16).

Sobre o grupo “Características”, temos, no total, 22 (vinte e duas) ocorrências, e os informantes do sexo masculino predominam, com um total de 19 (dezenove) ocorrências; seguidos pelos de faixa etária “idoso” (15) e moradores de Cachimbos (18). A lexia que mais se destaca é *croado*, que ocorreu (7) vezes.

O grupo “Transporte” (ação ou efeito de transportar, condução) apresenta total de 24 (vinte e quatro) ocorrências, destacando-se as lexias *padiola* (9), *caixote* (6) e *cangaia* (5). Observamos que são os falantes do sexo masculino que predominam (17) sobre os falantes do sexo feminino (7); de igual modo, em se tratando de localidade, o número de ocorrências na fala dos moradores de Cachimbos (22) é bem superior ao registrado nas falas dos de Datas (2). Já com relação à faixa etária, o número de ocorrências entre os idosos é idêntico ao dos adultos; ambos com 12 (doze).

Relativamente ao grupo “Conduta/Evento” (procedimento, comportamento/noção), esse grupo apresenta total de 9 (nove) ocorrências, destacando-se a lexia *bamburrar* (8). As ocorrências entre os informantes do sexo masculino também predominam, com um total de 9 (nove); seguidos pela faixa etária “adulto” e pela localidade Cachimbos, com mesmo número de ocorrências: 8 (oito).

Embora não tenhamos realizado uma análise quantitativa – ou seja: os informantes foram selecionados aleatoriamente –, essa análise qualitativa possibilita a observação de certas curiosidades, como estas, que registramos a seguir:

- 1) esses resultados nos permitem observar que a atividade do garimpo é uma profissão estritamente masculina, uma vez que, do número total de ocorrências (1.471), 1.060 (um mil e sessenta) são ocorrências das lexias

foram registradas nas falas de informantes do sexo masculino e 411 (quatrocentas e onze) foram encontradas nas falas das mulheres. Isso porque, conforme relatos, os homens saíam para trabalhar fora, onde ficavam durante semanas, e deixavam suas famílias. As mulheres, além de cuidarem da casa e dos filhos, também trabalhavam no garimpo, mas essa não era a sua atividade principal. Elas eram responsáveis por plantar e colher para o sustento da família e trabalhavam colhendo flores (sempre-vivas) e eram responsáveis pela criação dos filhos.

- 2) quanto ao quesito idade (adulto ou idoso, porque não houve ocorrências relacionadas a atividade do garimpo na fala dos jovens que participaram da interação verbal), o resultado mostra valor que não apresenta diferença significativa entre eles; ou seja: do total de 1.471 (um mil quatrocentas e setenta e uma) ocorrências, o resultado para adulto foi 722 (setecentas e vinte e duas), e, para idosos, 749 (setecentos e quarenta e nove). Analisando-se, porém, os resultados disponíveis no QUADRO 7, percebe-se que há uma pequena oscilação entre esses dois grupos; por exemplo, quando se trata de outros minerais, etapas de trabalho, espaço físico, ocupação, conduta e eventos, há predomínio de ocorrências significativo entre os adultos. Por outro lado, quando se trata de peças dos instrumentos, quantidade e características, o predomínio está entre as pessoas idosas. Essa observação é importante, porque pode auxiliar na confirmação ou não da hipótese 2.
- 3) quanto a ocorrências nas localidades (Datas e Cachimbos), verificamos que as 1.471 (um mil quatrocentas e setenta e uma) ocorrências, distribuem-se entre os moradores de Cahimbos (863) e de de Datas (608). Essa diferença em favor daquela localidade se deve ao seu maior número de informantes; ou seja: 21 (vinte e um) de Cachimbos, contra 10 (dez) de Datas.

4.5.2.1. Registros de estudos sobre o LG realizados no Brasil

Confrontamos, então, esse grupo de lexias com os resultados de dois trabalhos encontrados na literatura sobre a linguagem relacionada à atividade garimpeira realizados no Brasil; a primeira, realizada, aqui, em Minas Gerais – São João da Chapada –, por Aires da Mata Machado Filho, publicada em 1964; e, a segunda, realizada na Chapada Diamantina, na Bahia, por José Martins Catharino, publicada em 1986.

Os dados apresentados no QUADRO 4, disponível no APÊNDICE 2, mostram que, das 219 (duzentas e dezenove) lexias encontradas em contextos relacionadas à atividade garimpeira, 108 (cento e oito) – ou seja: 49% – estão distribuídas entre os trabalhos de Machado Filho (1964) (95) e de Catharino (1986) (44).

Além da distribuição do total desses itens, nesse quadro se pode observar que, das 108 (cento e oito) lexias específicas do garimpo distribuídas entre os 2 (dois) trabalhos consultados, 44 (quarenta e quatro) não estão dicionarizadas nos dicionários consultados, quais sejam: *amenhá, bater o baco, batido, bica, bucha de couro, cabeça-de-macaco, chumbada, caco, cortar, cortar a água, cravinote, croado, desbarranque, diamante corado, emborcar, enchedor, faquinha-de-madeira, ferver, jangada, jogo de rio, lavar de bateia, lavar de peneira, massa, meia praça, meteriar, mesa, diamante natura, paiol de cascaio, pião, pião-da-bateia, picame, pinta preta, ponto, pornio, praça, refino, resumir, secar a água, sentar roda, sericória, terreiro, toá, tocar o garimpo, diamante urubu, e varal*. Além disso, há 5 (cinco) casos de lexias que apresentam a mesma forma ortográfica, mas com significados diferentes:

1. nomes que apresentam a mesma forma, porém, com significados diferentes:

Cativeiro – (Águas Vermelhas), indivíduo que trabalha no garimpo às custas de comida e hospedagem.

Cutucar – tocar com o dedo (interior de São Paulo), movimentar a água nos canos (Datas/Cachimbo)

Haste – Cabo de bandeira (interior de São Paulo), uma das peças que compõem a roda do rosário (Datas/Cachimbo)

Paçoca – carne pilada com farinha (interior de São Paulo, Minas Novas), piçarra (Datas/Cachimbos).

Sargado – trabalho de macumba (São Joao da Chapada), Conluio entre os compradores de diamantes (Datas/Cachimbos).

Das 219 (duzentas e dezenove) lexias do LG, **68 (sessenta e oito)** não estão registradas nem nos dicionários, nem tampouco nos trabalhos pesquisados. Essas lexias destacam-se nestes grupos:

- das diversas etapas do trabalho (11) – *apertar a forma; bater a boa; catiage; cortar o entulho; cutucar; despedrar; firvura; forgar água; lavar a cru; lavar o silviço; sulapar.*
- de instrumentos e das diversas peças utilizados para extração do minério (22) – *balancete; balbatana; banquetas; boquete; bucha de apaga a vela; bucha forrada total; caixa de depósito; chanfrão; depósito do rabo da bica; grelha; gomos; grade; haste; maimina, mangote; passeio-do-fervedor; portal; rastão; roda de rosário; tabuleiro; tabuleta; ventoneira.*
- designação das formações e de outros minerais (13) – *barriga-de-boi; dispejo, farofa; gelo; goma; isbógio; linha de cristal; linha de massa; mussiça; osso de cristal; paçoca; pedra de meã; rabo-da-bica.*
- designação das pedras e do ouro (15) – *algodão; bago de arroz; baguim de ouro; botão de malva; chapinha de ouro; coco; cor de canário; fazenda média; fumê; minerva; Piauí; preto; queixo-de-burro; rubi; vermelho.*
- de ocupações (7) – *batuquim; cativeiro; carregador; dono do garimpo; maquinista-de-roda; mecânico de roda; pai de majé.*
- de espaço físico (2) – *banca; boca-da-cata.*
- de transporte (1) – *caxote.*
- de características (2) – *encaiado; sargado.*

As lexias *cativeiro*, *cutucar*, *haste*, *paçoca* e *sargado*, conforme registrado acima, estão presentes nos trabalhos consultados com significado diferente. Incluindo essas lexias, temos um total de **73 (setenta e três)** lexias que compõem o LG.

4.5.3. Resultado Geral

Enfim, diante da análise apresentada acima, os resultados nos permitem chegar às seguintes conclusões: as 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias estão divididas entre 2 (duas) categorias: LR (410) e LG (219). Das lexias do LR, encontramos 78 (setenta e oito) que não se encontram em nenhum dos dicionários consultados e, dessas, **59 (cinquenta e nove)** não estão presentes nos trabalhos realizados em diversas regiões de Minas Gerais. Em se tratando do LG, encontramos 117 (cento e dezessete) lexias que não estão presentes dos dicionários pesquisados e, dessas, **73 (setenta e três)** não estão registradas nos dicionários, nem nos trabalhos pesquisados. Consideramos que essas 73 (setenta e três) lexias do LG são específicas de uma atividade profissional; portanto, não esperávamos que fossem comuns a outras regiões mineiras. Dessa forma, consideramos como léxico específico dos remanescentes de comunidades garimpeiras um total de **132 (cento e trinta e duas)** lexias que, depois de pesquisarmos em vários trabalhos e, neles, não as encontramos registradas.

4.6. Glossário semasiológico

As 132 (cento e trinta e duas) lexias serão registradas nos glossários, que seguem o critério semasiológico; ou seja: do nome ao conceito. Primeiro, registraremos as **59 (cinquenta e nove)** lexias do LR que não estão registradas nos dicionários, nem nos trabalhos consultados. Depois, registraremos as **73 (setenta e três)** lexias do LG que não estão registradas nos dicionários, nem nos trabalhos consultados. Esse registro será feito conforme explicação que apresentamos em seguida.

1. Forma do verbete – lexia na forma encontrada nas sessões de interações verbais; quanto aos verbos, ficarão no infinitivo. A palavra-entrada é grafada em maiúsculo e em negrito. Esse verbete é classificado de acordo com o especificado abaixo.
2. Estrutura morfológica: Nm (nome masculino); Nf (nome feminino); NCm (nome composto masculino); NCf (nome composto feminino); [Ssing] (substantivo

singular); [Splural] (substantivo plural); V (verbo); Adj. (adjetivo); Adv. (advérbio); Locução Verbal; Lexia Complexa.

3. Definição: para cada lexia, será feita de acordo com o significado atribuído a ela no contexto.
4. Abonação: extraída de sessões de interação verbal, serão registrados, no mínimo, 3 (três) linhas da fala do informante que melhor exemplifica essa lexia.
5. Variação (V) – algum caso, quando houver.

Abreviações:

Adj. – Adjetivo

Adv. – Advérbio

FADG – F - Feminino, Adulto, Datas, Garimpeiro

FIDG – Feminino, Idoso, Datas, Garimpeiro

FACG – Feminino, Adulto, Cachimbos, Garimpeiro

FICG – Feminino, Idoso, Cachimbos, Garimpeiro

FACN – Feminino, Adulto, Cachimbos, Não garimpeiro

L. – Linha

Loc. Verbal – Locução verbal

MADG – Masculino, Adulto, Datas, Garimpeiro

MIDG – Masculino, Idoso, Datas, Garimpeiro

MACG – Masculino, Adulto, Cachimbos, Garimpeiro

MICG – Masculino, Idoso, Cachimbos, Garimpeiro

MADN – Masculino, Adulto, Datas, Não garimpeiro

MACN – Masculino, Adulto, Cachimbos, Não Garimpeiro

Nm. – Nome masculino

Nf. – Nome feminino

NCm. – Nome Composto masculino

NCf. – Nome composto feminino

PESQ. – Pesquisadora

Ssing. – Substantivo singular

Splural – Substantivo plural

S.I.V. – Sessão de Interação Verbal

V – Verbo

LÉXICO RURAL

A

ABINHA • Nf. • [Ssing.] • Um corte de carne bovina, também conhecido como Aba de Filé. • (11MACG) *Tem abinha, abinha é uma carne que dá, dá é, é próxima à costela, ela num é de primeira, ela é de segunda. [...](17FADG): Abinha de boi. (11MACG) Abinha, abinha, ela fica perto fraldinha... (S.I.V. 1-L.358-362-365-377)*

AFAVAQUINHA • Nf. • [Ssing.] • Planta hortense cuja folha é usada no preparo de chá. • (1FICG). *É essa aqui é afavaquinha, que tem da grande, né. (1FICG) Não, essa é afavaquinha. (PESQ.) E essa serve pra que?(1FICG) Nossa, isso impressionante! É pra tosse, pra urina presa. (S.I.V. 5 – L.615-617) [...](1FICG) Eu só tenho essa aí, da outra eu não tenho não.(S.I.V. 5 – L. 624)*

ARROIADO • [Adj.] • Cheio, transbordando. • (11MACG) *(...) os dois carrim tava arroiado de lenha. PESQ. arroiado, o que é arroiado? (11MACG) Arroiado? Oh, (riso) uai roia, é ni garrafa. PESQ. Mas ocê falou tava arroiado de lenha. Ah! Tem muita lenha. (S.I.V. 12 – L.261-264)*

AZOUGUE • Nm. • [Ssing.] • Uma das peças que compõem o carro de boi; correias usadas nos chifres. [...] (3MICG) Azougue. PESQ. *Açougue?* (3MICG) *É azougue, era umas correia que punha nos chifre do boi, dum e noutro. [...](3MICG) Não, é oque põe nos chifre dos boi. PESQ. Pois é, mas o nome é açougue. (3MICG) Azougue. (S.I.V.13 – L. 143-145)*

B

BARRERA • Nf. • [Ssing.] • Planta medicinal cuja folha é muito usada no preparo de chá. • (5MIDG) *Não, falei não. Qui dá foia redonda, dá na Serra. É, éas dá qui nem um cipó, dá queas fôia redonda. (11MACG) Barrera? (5MIDG) Barrera. (11MACG) Barrera. (S.I.V.2 – L. 1330 -1339)*

BARRUADA • Nf. • [Ssing.] • Avançar contra alguém. (3MICG) [...] *Aí quando deu no horário de dez hora, ele garrou e vortou, quando ele vortou, ela tava tirano a água do munho e ele garrou deu nela umas barruada lá, mordeu ela, ficou as lâ da baeta ficou nos dente dele, ficou nos dente dele. (S.I.V. 14 – L. 163)*

BATERPAIADA¹ • [Lexia complexa] • [Verbo + Subst.] • Voltar ao local da festa no dia seguinte, para comer ou beber a comida ou bebida que restou da festa. • (11MACG) *Batê paiada, tem dois sentido, igual tem a festa quando é na segunda-feira ele fala qui tá bateno a paiada, qui é da festa. Acabando com o restante da festa. Batê palhada aqui é na enxada, capinano né? Isso chama batê paiadaaqui. (S.I.V. 12 – L. 267 – 269)*

BATER PAIADA² • [Lexia complexa] • [Verbo + Subst.] • Limpar o terreno, após a colheita do milho. • (11MACG) *Batê paiada, tem dois sentido, igual tem a festa quando é na segunda-feira ele fala qui tá batenoa paiada, qui é da festa. Acabando com o restante da festa. Batê palhada aqui é na enxada, capinano né? Isso chama batê paiada aqui.* (S.I.V. 12 – L. 267 – 269)

BITÃO • [Adj.] • O que se diz de algo muito grande. • (4MICG) *Pôs, porque rato montava na caixa de banana, porque lá dava rato demais, aquês rato caiana grande. (PESQ.) Rato caiana. (4MICG) É, aquês ratão grande, aquês bitão assim.* (S.I.V. 6 – L.394-398)

BUTUCA • Nf. • [Ssing.] • O que se diz de um objeto muito grande. • (9MIDG) *Essa casa aqui, eu comprei aqui...eu tirei um diamante de quarenta grão. PESQ. Quarenta grão é o que mais ou menos, qui tamanho mais ou menos? (9MIDG) Eh, é um butuca assim. (risos) PESQ. Isso tudo? (9MIDG) É uma pelotaqui a sinhora pô jugá pra lá, ela sai rolano.* (S.I.V. – 4 – L.19-23)

C

CABOCLO³ • Nm. • [Ssing.] • Entidade espiritual que se identifica como indígena brasileiro e que se manifesta nos fiéis do candomblé de caboclo. • (5MIDG) *Intão tinha a festa, a festa do Rosário, é a festa do Rosário qui tinha o Cabuquim, tinha o, é santo. (9MIDG) Do Divino. PESQ. Cabo o que? (5MIDG) Cabuquinho. PESQ. O que qui é Cabuquinho? (5MIDG) Cabuquinho... (9MIDG) É aquês qui enfeita a festa, dançano, né. PESQ. Á tá. (5MIDG) Vistido de pena, é qui nem um caboclo índio.* (S.I.V. – 02 – L. 508-517)

CANDODÔ • Nm. • [Ssing.] • Menino. • (7MIDG) *No caso se fosse ocê, qui é uma pessoa de aparência boa e simpática, o nego véi falava ómutchacha, é uma mulher bonita. (9MIDG) É. [...] (7MIDG) Mulher bonita. (9MIDG) É, mulher bonita. (7MIDG) Quando é um minino é candodô. PESQ. Candodô, minino Candodô.* (S.I.V. 4 – L. 363-371)

CATITOCO • [Adj.] • Que se refere a um homem de baixa estatura. • (5MIDG) *Ah ê deu ele justiça, mas esse homi da(va) cada pulo no meio da rua e riscava uma faca e gritava: “Este catitoco vai me pagar”, e passava a faca assim, minina, saía fásca de fogo.* (S.T.V. 2 – L.1776)

CAXI • Nm. • [Ssing.] • Espécie de abóbora com a qual, depois de seca, se pode fazer coité. • (9MIDG) *E aques caxi, D. 1FICG, aques dão um coité também, aques caxi (????). (17FADG) Caxi também vira coité, uai... PESQ. O que qui é caxi, gente? Caxi nunca ouvi também não...(riso). (17FADG) Caxivira um coité tamém.... (9MIDG) *vira, caxi quando seca, aquele qui nem abubrinha d’água, ele dá, ele é miudinho ele dá uns coité bão pra daná.* (S.I.V. 2 - L. 82-87)*

CERVEJINHA • Nf. • [Ssing.] • Planta medicinal cuja folha é usada para se fazer chá. (11MACG) *Ela é pus rins, pra, pra pa bixiga, né, ela é depurativa tamém. PESQ. Ah tá. (5MIDG) E tem aquela, cumé qui chama? (5MIDG) Barrera. (11MACG) Cervejinha, ocê falô? (5MIDG) Não, falei não. Qui dá foia redonda, dá na Serra. É, eas dá qui nem um cipó, dá queas foia redonda. (S.T.V. 2 – L. 1327-1330)*

COTOBÓ • [Adj.] • Qualidade de um objeto (enxada, foice, machado, etc.) que tem o cabo curto. •(18FACG) *“Oh! Eu chamei ocê pra trabaia pra mim e ocê vem trazendo esse cotobó de enxada, esse cotobó de foice.” (PESQ.) o que é cotobó? Cotobó, uma enxada pequena é um cotobó. Uma foice pequena é cotobó também. (S.I.V. 13 - L. 48-50)*

CRIVADO • [Adj.] • Selecionado; gravado; pronto. (5MICG) *No Serro. Meu sobrim falou: não ele tá internado, pode vim fazer a visita. Ele falou assim: cê medá prazo assim de dois minuto, o senhor telefona pra mim. Com dois minuto queu vou telefonar pra lá ês vaim dá o horário certo. Garrei esperei os dois minuto, já deixei crivado tamém que já fica no número trepado. Eu falei: “num precisa deu discar o número, é só levantar o volume”. (S.I.V. 06 – L. 710-715)*

CULHERZINHA • Nf. • [Ssing.] • Medida que corresponde a um copo cheio, ou seja, do dedo polegar ao dedo mínimo. •(5MIDG) *“Seu Jão oia eu vô dá o sinhô uma culherzinha, mas o sinhô sai daqui, sinão Dona Tuninha vem me chingá”, pus prele uma culherzinha assim. (S.I.V. 2 – L.119)*

CURRIDINHA • Nf. • [Ssing.] • Uma faca bem pequena. *Um dia eu tô cuessa minina lá, o cara chega pra me batê, chegô pronto pra me batê com aquel soco ingrês, né. Aí quando ele, ele, ele me juntô pra qui, pra batê, eu encostei nele uma curridinha, uma curridinha queu tá cuele pereceno ispora de galo, e nu vô cua mão assim o moço do aio num dexô a mão não... (S.I.V. 2 – L. 995)*

D

DERDI • Invés de... (5MIDG) *É, ea cumeçô agunizá e o galo, o galo derdi dumi fica lá velano ela, né. Acho qui divinhou ela ia morrê mermo, né. [...] (5MIDG) É, é. A galinha derdi dumi ela ficô assim: “cô, cô, cocococo”, eu achei qui ta(va) rezano. É, eu achei qui as galinha ta(va) rezano. (S. I. V. 2 – L. 921 e 928)*

DESANDE • Nm. • [Ssing.] • Caganeira; Diarréia. •(9MIDG) *Ele bateu um remédio pa anemia, desandou o veio. O veio com vinte tantos dias desandado, cabou com ele, aí não teve jeito. (9MIDG) Ah eu fico achano que foi, porque desande de vinte tantos dia ninguém guenta não. NÔ. Não, depois. (S.I.V. 4 – L. 774 -778)*

DIFRUÇADO • [Adj.] • Gripado. • (17FACG) *Geraldo tá numa difrucera danada. (PESQ) comé qui é? (17FACG) difruçado. (PESQ)) o que é difruçado? (17FACG) é gripado. • V. Difruceira.*

DIFRUCERA • Nf. • [Ssing.] • Gripe. • (17FACG) *Geraldo tá numa difrucera danada. (PESQ) comé qui é? (17FACG) difruçado. (PESQ)) o que é difruçado? (17FACG) é gripado.*

DINTIRIM • [Adv.] • O mesmo que “o dia inteiro”. •(25MACF) [...] *Aí pai levantou ele, mandou deitá numa moita ali. ???Era cedo ele ficou durmino dintirim.* • (S.I.V. 3 – L. 1266) • [...] (1FICG) *É. É os povo antigo gostava de rir das galinha né, que elas comi, comi e risca o bico assim no chão né, e fala assim: “por essa cruz queu num cumi nada hoje.” (risos) elas comi o dintero, o dinteiro as galinha comi inda fala: “por essa cruz queu num cumi nada hoje.” (risos).* (S.I.V. 5 – L. 573-575) • V. dintero.

DISCARAR • [V] • Trair. • (5MIDG) 5MIDG) *É. Os dois almoça junto, dorme na casa junto. Oh meu Deus e esse homi a mulher safavaele... PESQ. A, mulher o que? (5MIDG) A mulher discaravaele, safavané, queu falo, é. CR.: O que qui é isso? (5MIDG) Qui ele dexava... PESQ. Pergunta ele..* (S.I.V. 2 – L.1463-1467) • V. safar.

DISGRAMAR • [V] • Ter coragem. •(21MICG) *Um homi preto, envem lá. Aí chegou lá com a calça toda rasgada, aquele trem, com a perna toda lanhada de arame. PESQ. Lanhada? [...]* (21MICG) *A perna toda arranhada de arame. PESQ. [...]* *Aí o veio viu que era ele mesmo, ele disgramou, chegou lá, inda pediu leite ainda. És deu ê leite, inda comeu leite lá em casa ainda. E nós olhano ele e veno que foi ele que brigou mais os cachorro lá, cortou todo.* (S.I.V. 14 – L. 74-77)

E

ESBARRAR • [V] • Deslocar-se para um determinado local. • (9MIDG) *Ara, um grandão... na hora eles foram esbarrá lá em Diamantina.* (5MIDG): *Foi, foi passado uns três dia né. PESQ. Ahn. (5MIDG) nós fomo pra Diamantina, num mostremo ninguém aqui. E Bastião é daquês qui vivia vinhado de pinga. (risos) É doido pra tomá um golo... (risos) aquilo ele tava caçano até cinco, cinco reali na mão, cinco, cinco é cinco cruzero, é, na mão do compradô de diamante.* (S.I.V. 2 – L. 106-110)

ESTURRADO • Nm. • [Ssing.] • Um tipo de comida feita com rapa de angu e leite. • (10MACG) *É esturrado.* (17FADG) *É. É o esturrado do angu. (PESQ.) Esturrado?* (30MADN) *É.* (27FADN) *Esturrado mesmo, nunca ouvi.* (30MADN) *Ensuado.* (17FADG) *É, esturrado vira leite ali dentro. Minina fica bão demais!* (S.I.V. 1 – L. 442-449)

F

FINCAR DE CARRERÃO • [Lexia complexa] • [Verbo + Prep. + Subst.] • Correr desesperadamente. • (...) (5MIDG) *Aaa eu firvi pra rua de carrerão. Quando chego lá em casa dô aquel brigão cua mulher, qui ela era curpada, né. (...) (5MIDG) Então quando ele viu o homi, ele fincou de carrerão por quintar abaixo.* (S.I.V. 2 – L. 1595-1596) • V. Ferver de carrerão.

FINCAR A PÉ • [Lexia complexa] • [Verbo + Prep. Subst.] • Ir a pé. • (5MIDG) *Eu alembro, 9MIDG, qui o dia de carnava eu cum a cabeça meia né zuretada, falei: “vô passa carnava aqui nesse Berra Onça, ah não, eu vô pra Diamantina” finquei a pé. Eu sei qui cheguei lá na casa dele, bati, ele falô “oh baxim cê tá aí, entra pro cê almuçá”. E naquele tempo, 9MIDG, quando dinheiro valia soltô dez reali na minha mão. (S.I.V. 2 – L. 452-454)*

FRAUDINHA • Nf. • [Ssing.] • Corte de carne bovina. • (11MACG) *Abinha, Abinhaela fica perto fraudinha, ela fica próxima da costela e ela num é de primeira e não é de segunda, porque cê pode picá ela ou fazê bife e fritá, ela é maciinha, maciinha..(S.I.V. 3 – L. 2-5)*

G

GANHAME • Nm. • [Ssing.] • Ganho, pagamento, salário. • (2FICG)(...) *Como se diz: tem qui arrumá o ganhami primeiro né, porque aí num dá pra ficá, né.*

I

INDIENTE • [Loc. adv.] • O mesmo que de um determinado tempo adiante. • (4MICG) (...) *“Agora esses dono da terra aqui tá muito alegre agora, daqui até uns três ano, quatro ano, quando for daqui uns sete ano indiente, ês vai ficar com a terra limpinha, nem capim num nasce”. (S.I.V. 6 – L. 107)*

INJURIZAR • [V] • Enfadar; aborrecer, tomar tédio ou enjôo a. • (9MIDG) *Lá trabaiava na impresa lá, trabaei lá uns treze ano, depois eu injurizeie falei “ah vô imhora pra casa”, porque... PESQ. Injurizô, que qui é injurizei? (9MIDG) AH, porque os pai da gente vai ficano veio, aí eu falei “vô aproveitá meus veio que senão morre né?” E deu té qui morreu né, (1FICG)? (S.I.V.2 –L. 329-331)*

INPONTO • Nm. • [Ssing.] • Arranjo de namoro. • (5MIDG) *É. Intão ele pôs inponto essa minina com otro, né. Quando eu tá lá... PESQ. Cumé qui é? Aonde? (5MIDG) Lá perto du...lá nu Ri das Véia, lá na casa Zé Silivera, o qui era fazendero.PESQ. Ahn... (5MIDG) Um...(S.I.V. 2 – L. 990-993)*

ISTRUNCA • Nf. • [S.sing.] • Tronco utilizado para amarrar os escravos no tempo da escravidão. • (5MIDG) *É. Lá tinha sanzala, ondê qui ficava os nego e tinha istrunca. (...) (5MIDG) É ondê qui dexava o nego marrado. PESQ. Chama como? (5MIDG) Istrunca, é. (5MIDG) Istrunca, é. PESQ. Istrunca? Eles num falavam nera tronco não? (5MIDG) É tronco, eu chamo de istrunca. PESQ. Ah, tá.(5MIDG) É, ondê qui os nego ficava amarrado. PESQ. E ês batiem neles, né. (5MIDG) Batiem nês e, óia, ó uma apeiae com uma pedra assim e ês arrastano no carcanhá, era assim. Intão lá tinha, lá já foi dismanchado, né, nem a sanzalanum tem mais. (S.I.V. 2 – L – 1400 – 1414)*

ISTURDIA • [Adv.] • O mesmo que outro dia. • (5MIDG) *Isturdia teve uns camin... o caminhorero aí ma a Dona policia, lá de Campinas, fazeno intrevista cumigo pra levá pra São Paulo.(5MIDG) Ea mora lá na Vorarda de Minas. Isturdia eu cunversei cuela nu, pelo telefone, ela cunvidou pa ce... em?(10MACG) É agora no recente?(S.I.V. 2 – L.2003)*

J

JIRICO • Nm. • [Ssing.] • Máquina agrícola destinada a arar a terra. (NÔ.) *O homem do jirico. (11MACG) O jiriqueiro tava aí isperano pra ará a terra lá pra mim (risos). Aí eu falei: “aí agora num adianta”. (PESQ.) Ele ia usá o jirico? (11MACG) É o jirico, jirico agrícola da prefeitura. (S.I.V. 3 - L. 562-572)*

K

KOBU • Nm. • [Ssing.] • Broa de milho. • (1FICG) *Os pessoal antigamente chamava os povo daqui de kobu da Govea sapato sem mea e o pessoal daqui chamava os de lá de broa rachada, de Datas é Broa Rachada. (S.T.V. 12 – L. 15)*

L

LADIENTE • [Loc. Adv] • Um determinado local adiante. • (...) (5MIDG) *Pertubado. Eu curria, quando qui eu vi uma mulher gritá assim, gritava assim no mato quando eu ia oiá, num tinha nada, já gritava ladiente, eu só correno, quando eu assustava, eu já tava longe, é pulano terra, pirambera, né. (S.I.V. 2 – L. 1614)*

M

MOROLO(Ô) • (Nm. • [Ssing.] • O mesmo que araticum. (11MACG) *Morolo, ocê cunhece, né Nô? (NÔ.) Ahn? (11MACG) Morolo, cê cunhece?(PESQ.) Cumé qui é?(11MACG) Morolo? (PESQ.) O que qui é isso? (NÔ.) Morolo o povo também chama é...(PESQ.) Deixa ele falar. (11MACG) Uai, o morolo é cunhecido na, cume qui fala, na língua indígena ele é cunhecido como, aqui nós chamamo de araticum. (S.I.V. 5 – L.484)*

MOVARIZ • Nf. • [Ssing.] • Vara do brejo. (4MICG) *Eu tava lá no garimpo lá, a muié veio, quando eu 481 passei a mão assim num movariz do brejo, cortei uma vara. (...) Uns movariz que dá no brejo. (PESQ.) Movariz?(4MICG) Movariz quês fala, mas é um... (4MICG) Uns movariz que dá no brejo. (PESQ.) Movariz?(4MICG) Movariz quês fala, mas é um... (S.I.V.. 6 – L. 482-488)*

N

NHONHA • Nm. • [Ssing.] • Peixe. *Que os in, os índio faziam o jequi de cipó pa pescá, o peixe é nhonha e o jequi é aquês... Jequitinhonha. (PESQ.) De bambu num é? (9MIDG) É de bambu, balaio. (7MIDG) Jequitinhonha... vai ver se no jequi tem nhonha, então ficou o nome... (S.I.V. 4 - L. 402)*

O

O SEGUINTE É ESSE • [Lexia complexa] • [Artigo +Subst.+ Verbo + Pron.] • O mesmo que: é o seguinte. • (5MIDG) *É, porque agora, o seguinte é esse: eu encontrava cuessa qui é a mãe dos minino lá na rua do Istilingui, é, lá na rua do Istilingui. Um dia eu fui chegá lá, cheguei lá bati polma “Dona Antuninha” batipolma né, vêi a moça e oiô da janela inda disse assim pra mim...* (S.I.V. 2 L. 790)

P

PANHA • Nf. • [Ssing.] • Colheita. • (1FICG). *Já tão colheno o feijão, né?(11MACG) A segunda panha, né?(PESQ.) Mas esse feijão, é o da seca?(11MACG) É o da seca, nós já ranquemo muito. (1FICG) Já rancou uma vez e... (11MACG) Já, já rancou muito, a parte qui deu muito já rancô. É.* (S.I.V. 3 – L. 483)

PAU-MAGRO • NCm. • [Subst. + Adj.] • Árvore cuja casca é usada como remédio para inchaço. • (11MACG) *Ah tem o pau magro também, é remédio também. O pau magro, ferve as casca dele e banha ondê qui tá inchado. (...) (1FICG) É, o paudólio. Aliás eu tô vendo os dois: pau-magro é pena que não tem dele baixinho, esse aqui ó. PESQ. Esse é pau-magro? (1FICG) É. PESQ. Mostra aí pra mim Dona (1FICG). (1FICG) Dá uma árvore comprida assim, esse é o pau-magro.*(S.I.V. 5 – L.534- 538)

PESO-DE-TRABAIADOR • NCm. • [Subst. + Prep. + Subst.] • Valor pago ao trabalhador pelo dia de trabalho na plantação ou no garimpo. (20FACG) *Eu falo assim, diconforme a gente, é pouco é, mas a gente dá conta, porque muito a peso de trabaiaador não compensa não.* (S.T.V 12 – L. 24) • V. Preço-de-trabaiador.

PRATO • Nm. • [Ssing.] • Medida antiga equivalente a dois litros. • (1FICG) *Não, é medida, né. A medida de um prato. (Pesq) mas é esse prato aqui? (1FICG) não, não, é medida, é uma medida assim... é mais ou menos uma vasilha cheia dessa. (PESQ) ah aqui deve ter dois litros. (1FICG)Uma quarta equivale a dez pratos de medida.* (S.I.V. 12 – L. 233-237)

PULSENERA • Nf. • [Ssing.] • Planta usada para curar inflamação. (5MIDG) *A pulsenera, né. (PESQ.) Ahn? (5MIDG) A pulsenera. (PESQ.) Pulsenera. (5MIDG) É. (PESQ.) Num entendi essa: pulsenera ou bu? (9MIDG) Pulsenera. (5MIDG) Pulsenera. (...). (PESQ.) Pra que qui serve?(9MIDG) Pra inframação. (5MIDG) Pra inframação.* (S.I.V. 2 – L. 1267-1277)

Q

QUARTIAGEM • (Nf. • [Ssing.] • Velório. •(1FICG) *Todo, a casa encheu de gente, né. O povo foi todo lá visitá né. (11MACG) Mas o pessoal fala é quartiagem, “ eh essa noite eu tava a noite inteira fazendo quartiage”. Quartiage é é é fazendo o velório dessa pessoa.*(S.I.V -5 – L.17) • V. quarto

R

RAPAR • [V] • Sair, se mandar, correr. (11MACG) *E quando é esquentou, que ele via a carne, a carne mexeno, a carne mexeno e quando vai vê, e quando vai vê que era uma cobra, que a cobra esquentô e rapou pro mato e levô a carne toda.* (S.I.V.5 – L. 45)

S

SAFAR • [V] • Trair. • (5MIDG) *É. Os dois almoça junto, dorme na casa junto. Oh meu Deus e esse homi, a mulher safava ele...* (PESQ.) *A, mulher o que?* (5MIDG) *A mulher discarava ele, safava né, queu falo, é.* (S.I.V. 2 – L. 1463-1468) • V. Discarar.

SAMBORÁ¹ • Nm. • [Ssing.] • Substância amargosa e de cor amarela, que se encontra nos cortiços de abelhas e que estas comem; borá-boi ou borá-cavalo; abelha, o mesmo que aramá. • (17FADG) *Efica alguma, voa na hora que a gente pega a parte que a gente interessa, né. Aí ela fica com a parte que a gente chamade cera, né* 11MACG? (11MACG) *Cera.* (17FADG) *O quê? Samburá que chama o outro, né?* ((PESQ.)) *Saburá?* (11MACG) *Borá.* (17FADG) *Aborá?* (11MACG) *Borá.* (17FADG) *Ah tá.* ((PESQ.)) *Borá é o que?* (17FADG) *Samborá, samburá...* (17FADG) *É o material que a abelha produz...*((PESQ.)) *Borá ou samborá?* (21FADG) *Eu falo é samborá, 11MACG já inventou que é borá.* (S.I.V. 1 - L.590-604) • V. samburá<borá.

SANTROPÊ • Nm. • [Ssing.] • Catupê – antiga dança brasileira. Dança típica das festas no Serro/MG. • (31MIDG) *É a dança du marujada, é existe, ea tem, ea tem os cabuquim, santropê.* (9MIDG) *Santropê.* (...) (31MIDG) *Tem ela qui perto do...* (PESQ.) *Ahn.* (31MIDG) *Aqui no Serro tem ela.* (S.I.V. 2 – L.721)

SIDUMIA • [Adj.] • Sentimento de estima, apreço por certo objeto ou relíquia. • (1FICG). *Quarquê uma coisa....* (11MACG) *Uma coisa que qui....* (1FICG). *Igual isso aqui é coisa de sidumia, não é pra pegar.* (11MACG) *É uma coisa que de sidumia minha, é qualquer objeto que ocê tem de sidumia, que ninguém pega, que ninguém???? Chama sidumia.* (...). (11MACG) *Uma relíquea, né, pode ser uma caneca, qualquer coi, qualquer peça que a pessoa tem, que tem a sidumia daquela coisa, né.* (S.I.V.5. L. 1345-1349)

T

TAMANIQUIM • [Subst.] • Refere-se a algo de tamanho muito pequeno. • (4MICG) [...] *Ele falou assim: “ ah vão passar próce apearaqui, procê ir a pé, vamo lá procê vê o murangal lá em casa, que eu plantei procê vê.”* *Eu nunca vi. Quando eu cheguei lá, tava com uma distância de murango, tava tudo desse tamaniquim, virdim, mas tava carregado. Ele vei passou a mão naquele negócio, pôs ele, jogou nas costa e falou assim: “cê espera aí Pidrim, quando muito uma hora que eu vou passar um remédio aqui no murango, porque amanhã nós vão panhar ele.”*(S.I.V. 6 – L. 543-548)

TAPAQUARA • Nf. • [Ssing.] • Bambuzal. • (11MACG) *Aí eu virei falei: “ eu vô descê no cê o isprito mais brabo, o inxum brabo.”* *Aí eu fui ali na tapaquara lá, dano nele, arrumei um ramo lá, fui dano uma chamada nele e ele só fingino, é, bati nele o ramo assim, fui falano umas palavra mei, meia inrolada lá.*(S.I.V. L. 239)

TIBÓRNIA • Nf. • [Ssing.] • Comida feita com rapa de angu e leite. • (1FICG) *Pega o leite onde fez o angu?(PESQ.) Isso. (1FICG) Fica muito gostoso aquela rapagem da panela. (PESQ.) Cumé que chama aquilo ali?(28FACN) É tibórnia né. (PESQ.) Ah tá, então a sinhora vai me explicar cumé que é.(28FACN) Tibórnia é de farinha de milhoe, num é Dona 1FICG?*(S.I.V. 1 – L. 471-476)

TRAMBUCO • Nm. • [Ssing.] • Chicote. • (5MIDG) *Intão ele falou, ele chingô ele: “eu vô ti cortá no trambuco” ele saiu correno. Ó ê correno, é... (PESQ.) Trambuco é revolver? (9MIDG) É chicote. (5MIDG) É... é... esse trem de batê ni animal, né 9MIDG. (9MIDG) Chicote. (5MIDG) Trambuco, é chicote. *Aí ele foi iscondê dele...isperá ele imhora prêle pudê vortá pra casa, tinha um medo de onça, né 9MIDG.* (S.I.V. 2 –L.605-611)*

TRANCO • Nm. • [Ssing.] • Gole, dose de bebida. • (5MIDG) *Em? eu falava cuele pra num bebê, ê só gritava cumigo assim: “sim sinhô Seu Laerte”. Mas num saía não, taí qui nem jacaré. Eu pus aquele, aquê tranco pra mim. PESQ. Tranco? (5MIDG) É. PESQ. O que qui é tranco? (5MIDG) É a dose do vinho, né. PESQ. Cumé qui fala? (5MIDG) Tranco. PESQ. Tranco. (1FICG) Tranco. (5MIDG) É. Eu bibia, (S.I.V. 2 – L. 805-815)*

U

URNA • Nf. • [Ssing.] • Caixaão em que se guardam os mortos. •(1FICG) *Porque ê era amigo de todo mundo, né. O povo gostava muito dele, por causa das mentirada dele. A casa encheu de gente. Foi buscá a urna e quando chegou com a urna, uma distância perto, uma distância que vê, uns duzentos metro por aí, teve corrê e avisá quê num tinha morrido. *Aí inda viveu muitos dias, dias depois. PESQ. Ahn. *Aí depois confirmou que ele tinha morrido mesmo? (risos) (S.I.V. 5 – L. 29-32)***

V

VALONGO • Nm. • [Ssing.] • Espaço muito grande. • (5MIDG) *né, e a casa é aquela casa de valongo... (PESQ.) Cumé quié?(5MIDG) Valongo, aquela casa grande.(PESQ.) Valongo?(5MIDG) É.(PESQ.) vão longo, um terreno...(5MIDG)... é a casa grande assim, ó,com muito...muito grande de fundo e tudo, né.*(S.I.V. 2 – L. 1434-1437)

LEXICO DO GARIMPO

A

APERTAR A FORMA • [Lexia complexa] • [Verbo+Artigo+Subst.] • Processo que indica a presença de diamante entre as formações. • (18FACG) *pra nós a banca de apuração seria, tem lugar onde a gente fala mesa onde batia a peneirada, aí, qui tava apurano ali. Aí a gente falava cortar o entulho. Cortar, é, porque a gente (???) vai com tipo uma faquinha e vai passanu divagarinhu, pedrinha por pedrinha a formação, né? Ali tem cativo, tem siricóia, agulha, isso tudo forma o diamante. Quando a gente vê qui apertou a forma o diamante tá mais próximo.* (S.I.V. 13 – L. 52-55)

B

BAGUIM DE OURO • NCm • [Subst.+Prep.+Subst.] • Grão de ouro puro e nativo que se encontra nas areias de alguns rios. ((20FACG) *só que ele era igualzim diamante, né, só que era escuro, né 1FICG? Eu num conhecia muito bem o diamante quando eu comecei trabaiá. A gente achava quando batia penerada, a gente achava que era diamante, fala diamante de tolo, falava que era agulha, né. A gente costumava achar assim uns baguim de ouro, né 7FICG? Acha ele amarelím e tem ele claro, né. Agora o que eu conhecia [????] também na época de vovô. Porque lá no Engenho ês mexia muito era com ouro, né. Aí quebrava as as as pedra, tinha uns pedaço de pedra assim.* (S.I.V. 12 – L. 143)

BALANCETE • Nm. • [Ssing.] • Uma das peças que compõem a roda de garimpo, que tem a função de sustentar o varal e que mantém o movimento de levar e trazer a água dentro do tubo. • (7MIDG) *Agora tem o o o movimento qui faz com a água vem, os balancetes que sustenta o varal que vai e volta dentro do tubo. [...]* (7MIDG) *É do tipo de um portal assim. Agora no meio do portal funciona o varal do balancete pra prendê o varal pra ele levá e trazê dentro do cano.* (7MIDG) *Agora, a roda de, essa roda qui a gente utilizava ali, tanto faz o balancete rodá, puxá a água com o varal preso cá e cima como lá embaixo.* (S.I.V. 4 – L. 248-254)

BALBATANA • Nf. • [Ssing.] • Uma das peças que compõem a roda do garimpo. • (7MIDG) *E aí tem a a apaga vela, a bucha de apaga vela, que na força do varal é tipo duma sombrinha. Ela entra, a água faz com que ela fecha, na hora de voltá ela abre as balbatana e puxa a água.* (S.I.V. 4 – L. 268)

BANCA • Nf. • [Ssing.] • Local reservado para separar as pedras diamantinas das formações. • (4MICG) (...) *nós lavava sirviço aí na no garimpo ali no no Parmital. MACG ficava bobo, eu lavava à peneira aqui, chegava na banca, saía enquanto tava quente, chegava no terreiro, eu fazia assim, eu jogava ela nas costa, ela caía emborcada lá.* (S.I.V. 6 – L. 33)

BANQUETAS • Nf. • [Splural] • Uma das peças que compõem a roda de garimpo que tem a função de barrar a água e fazer com essa água movimente a roda de garimpo. • (7MIDG) *É porque ela é uma circunferença grande assim e as haste dela não é fechada, só tem as banquetas qui a água trupeça naquilo e faz qui a roda roda. Agora, a roda é a circunferença, tem as arça mais em cima é fechado, tanto o fundo quanto às laterais. Ela é qui derrama água, né. PESQ. Ahn.(7MIDG)..é a mesma coisa um monjolo. (S.I.V. 4 – L. 212)*

BARRIGA-DE-BOI • Ncf • [Subst.+Prep.+Subst.] • Designação que, entre os garimpeiros, se dá a um tipo de barro que, ao ser transportado no ombro, por ser “mole” cai sobre o carregador. • (13MACG) *de banana, ou de chapinha, enrolava, enrolava e marrava até cipó...(???) pra pegá o carumbé e por na cabeça, cê amarrava uma corda aqui debaixo que era de banana mesmo ou de cipó, né. E quando ocê tira a quê cascaio melento, ou barro melento, barriga de boi que fala. (S.I.V. 9 – L. 193)*

BATER A BOA • [Lexia complexa] • [Verbo+Art.+Subst.] • Expressão usada para se referir ao processo de retirar o cascalho diamantífero do fundo do rio. • (17FADG) *Tirando diamante também. (10MACG) Pega agoiva, leva pro fundo do poço, do rio (risos) e vai bateno a boa, vai puxano, puxano...(10MACG) É, vai puxano o cascaio...,???* (S.I.V. 1 – L. 308-313)

BATUQUIM • Nm. • [Ssing.] • Entre os garimpeiros é conhecido como pessoas a caminho da cata de garimpo carregando o carumbé na cabeça. • (19FIDG) *Punha os homi tirano aquela catona imensia, aquele horror de batuquim subino o morro. (PESQ.) Batuquim?(19FIDG). É, os povo, oscarumbé na cabeça né. (Entr. 7 – L. 22)*

BOCA-DA-CATA • Ncf • [Subst. + Prep. + Subst.] • Espaço deixado pelos garimpeiros, nas catas de diamantes, para não vazar o material diamantífero. (20FACG) *As cata era coisa assim. Era da altura dessa casa assim, oh. Aí a gente tinha qui secá aquilo tudo, pois já ia panhá a boca no outro dia, né IFICG? (PESQ) panhá o que? (20FACG) a boca da cata qui era uma berada assim qui a gente dexava, sabe? Pra num vazá lá. (S.I.V. 12 – L. 168)*

BOQUETE(Ê) • Nm. • [Ssing.] • O mesmo que válvula da draga de garimpo. Uma das peças que compõem a roda de garimpo, que fica localizada no fundo da cata. • (7MIDG) *É um silviço muito porco. A água sobe durante a noite e tem qui levantá de madrugada e ligar o motor. Agora a roda não, tem ficar uma pessoa ali de prontidão, porque ela pode perder a água ou a bucha istora, tem que fazer um boquête e qualquer coisa. [...]* (7MIDG) *O boquête é qui funciona lá dentro da, do fundo da cata, ele é que chama, hoje ele é chamado de válvula. (S.I.V. 4 – L. 712-716)*

BUCHA-DE-APAGA-VELA • Ncf • [Subst.+Prep.+Verbo+Subst.] • Uma das peças que compõem a roda de garimpo que se assemelha a uma sombrinha; ou seja: com força do varal, ela entra, a água faz com que ela feche; ao voltar, essa bucha abre as barbatanas e puxa a água. • (7MIDG) *E aí tem a a apaga vela, a bucha de apaga vela, que na força do varal é tipo duma sombrinha. Ela entra, a água faz com que ela fecha, na hora de voltá ela abre as balbatana e puxa a água. (S.I.V. 4 – L. 267)*

BUCHA-FORRADA-TOTAL • Ncf. • [Subst.+Adj. + Adj.] • Uma das peças que compõem a roda de garimpo, essa bucha fica localizada dentro do cano.(7MIDG) *Agora dentro do cano tem a bucha. A bucha tem de diversas qualidade, tem a bucha-forrada-total, tem a ventoneira qui hoje se fala válvula, mas a gente...*(S.I.V. 4 – L. 257)

C

CAIXA-DE-DEPÓSITO • Ncf. • [Subst.+Prep.+Subst.] • Uma das peças que compõem a bomba de draga; uma caixa de ferro reservada para receber o cascalho (material pesado) que passa pelo encanamento e é despejado nessa caixa. • (11MACG) *Então daí na valva, puxa a água e o cascaio passa pelo encanamento, do encanamento vai para a caixa-de-depósito, o mais leve vai correno pela bica e a grelha...*(S.I.V. 12 – L. 311)

CARREGADOR • Nm. • [Ssing.] • Indivíduo empregado em serviços do garimpo com a função de carregar o material diamantífero. • (13MACG) *Outra, é isso é o carregador. Aí carrega o carumbé na cabeça. Só que o carregador tem que ter cinco, seis carregador e um só pra encher e outro só com a lavanca. Aí chega lá sobe no chanfrão.* (S.I.V.9 –L.202)

CATIAGE• Nf. • [Ssing.] • Ação ou efeito de catear. • (19FIDG). *Mas catiage era boa, né 17FADG? A gente catiava uma tirinha e tirava o gorguio né. Naqueles lugar de gorguio, cascaio é que dá muita confusão, né. (17FADG) É muita água pra secar né.* (S.I.V. 7 – L. 10)

CATIVEIRO • Nm. • [Ssing] • Indivíduo que trabalha no garimpo às custas de cama e comida. (8MICG) *Achava, acontece que o dinheiro ficava só com os dono, ês só cumia, só dava a comida, drumia lá no mei do mato, lá, mal durmido lá, né. Então era cumida ruim. M. E quando achava um diamante, cumé que dividia? (8MICG) Dividia não, ês pegava pra ês e dava cumida pros outros e ficava naquilo. PESQ. Então ês só ganhavam a cumida? (8MICG) Às custa do cativeiro, né. Marg. Então era... PESQ. O que? (8MICG) Era cativo. Era cativeiro lá, né. PESQ. O que qui é cativeiro? (8MICG) Cativeiro vivia às custa da cumida. (S.I.V. 11 – L. 104 - 109)*

CAXOTE • Nm. • [Ssing.] • Caixote de madeira adequado para depositar o material diamantífero para ser transportado no lombo de burro. (7MIDG). *Cabava de resumi, ia tirá ouro, e aí a vida era assim... Deve ter aí uma faixa de uns setenta, oitenta peão. Costumava matar uma vaca, era oito dias, tirava o garimpo tamém com burro, puxado, tirano o material lá de dentro, caxote, né. (S.I.V. 4 – L. 65)*

CHANFRÃO • (Nm. • [Ssing] • Tábua que é adequada ao manuseio na extração de diamante. • *Aí chega lá sobe no chanfrão. Pesq. Chanfrão, o que qui é chanfrão? (13MACG) É uma taba, mas tem que ser grossa, né. Sai lá da cata, por exemplo [????] o rio aqui cinco seis metro de fundura. (S.I.V. 9 – l. 203)*

CHAPINHA DE OURO • Ncf. • [Subst.+Prep.+Subst.] • Nome dado a pepita de ouro quando esta se apresenta achatada. • (20FACG)(...) *ele batia e quebrava entre o meio assim tinha uma areiazinha, nó um negócio desse tamanho assim, era duas chapinha de ouro desse tamanho assim...* (S.I.V. 12 – L. 147)

COCO(Ô) • Nm. • [Ssing.] • Uma das formas de o garimpeiro apurar o ouro. (12MADG) (...) *Eu memo, pelo menos, sou um garimpeiro velho eu num sei lavá pra pra, lavá qui eu falo é pra apurá oro, eu num sei. Meu pai sabia, um outro tudo garimpero aí sabe. (9MIDG) Seu Afonso de Viela é qui... (12MADG). 31MIDG é que... (9MIDG) De Vicentina, ele imbola o cascaio vai mexeno até ali...fica só o coco, né.(S.I.V. 4 – L. 164)*

CORTAR O ENTULHO • [Lexia complexa] • [Verbo+Art+Subst.] • Separar, com instrumento (faquinha de madeira), o entulho, para encontrar o diamante. (18FACG) *Aí a gente falava cortar o entulho. Cortar, é, porque a gente (???) vai com tipo uma faquinha e vai passanu divagarinhu, pedrinha por pedrinha a formação, né.(S.I.V. 13 – L.53)*

CUTUCAR • [V] • Mexer, movimentar a água nos canos ao garimpar. (20FACG) (...) *não, nós trabaiava era a braço, e cutucano, né 1FICG, a água nos cano. Secano, né 1FICG. (S.I.V. 12 – L. 102)*

D

DEPÓSITO-DO-RABO-DA-BICA • NCm • [Subst.+Prep.+Subst+Prep.+Subst.] • Uma das peças que compõe a bomba de draga; local onde se deposita todo material diamantífero mais leve. • (11MACG)(...) *é pelos gomos, tem uma expossura de 5 cm onde pára o ismiril junto com o diamante, toda formação pesada pára aqui e a areia, as coisa mais leve, vai pro depósito do rabo da bica. (S.I.V. 12 – l. 315)*

DESPEDRAR • [V] • É um processo que consiste em separar o material diamantífero; ou seja: as pedras maiores das formações. • (15MADG) *E pra canoa cê tem que deixa com areia e tudo [????] fervedor do jeito que ocê vai tirano o cascaio lá, cê pode jogar ele, vai puxano, a água vai tocano, e ocê vai só despedrano e jogano dentro do carrim com o cacumbu de inxada. (S.I.V. 8 – L.89)*

DIAMANTE ALGODÃO • Nm. • [Ssing] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes. • (7MIDG) *É, pa ferrage. É isso aí. (9MIDG) Agora tem diamante corado, né 7MIDG, tem o coisa de algodão, né. PESQ. Aí, esse aí eu nunca ouvi falar. (9MIDG) Tem também o de Piauí, né. (S.I.V. 4 – L. 499)*

DIAMANTE BAGO-DE-ARROZ • NCm. • [Subst. + Prep. + Subst.] • Designação com a qual, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes. • (12MADG) *Tem o diamante bago de arroz, aliás. (...) ele é comprido. (12MADG) ele é comprido. PESQ. Ahn. (S.I.V. 4 – L. 520) [...] (12MADG) esse bago de arroz, então, se a pessoa té põe o nome nele de bago de arroz. (7MIDG) porque ele é comprido né, num é porque ele tá, num é porque ele é tipo um arroz não, é só o formato de diamante. (S.I.V. 4- L. 521)*

DIAMANTE BOTÃO-DE-MALVA • NCm. • [Subst. +Prep.+ Subst.] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes de grande valor. (3MICG) *Botão de malva qui é o mió dês todos. [...] (3MICG) o botão de malva, ê já quase lapidado mesmo. (3MICG) o botão de malva, ê já quase lapidado mesmo. (13MACG) Agora o diamante mais caro é o vermelho, mas eu nunca tirei não. (3MICG) é o rubi. (13MACG) É o rubi.*(S.I.V. 9 – L. 102)

DIAMANTE COR-DE-CANÁRIO • NCm. • [Subst.+Subst.+ Prep.+Subst.] • Designação com a qual, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes. (13MACG) *Cor de canário é um diamante amarelo, e ele é ruim né, meu pai?É. Tem diamante de fumê mei preto, costuma sê bão. . [...]É. Tem diamante de fumê mei preto, costuma sê bão.* (S.I.V. 9 – L. 88-90)

DIAMANTE FAZENDA MÉDIA • NCm. • [Subst.+Adj.] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes. (7MIDG) *Fazenda fina. (...) (17FADG) Tem o chapéu de padre.(7MIDG) Tem fazenda fina tem a média, tem o pesa de quilates, de quilates acima, né.* (S.I.V. 4 – L. 511)

DIAMANTE FUMÊ • NCm. • [Subst. + Adj.] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes. • (13MADG) *Tem o diamante, tem diamante que fala preto, cor de canário, né meu pai? É, cor de canário. [...]É. Tem diamante de fumê mei preto, costuma sê bão.* (S.I.V. 9 – L.92)

DIAMANTE MINERVA • Nf. • [Subst.+Adj.] • Designação com que, entre os garimpeiros, classifica um dos diversos tipos de diamantes. (12MADG) *É o minerva, aquele sabão comé qui chama, transparente, parece. (7MIDG) Ela é, só qui ela num tem o lustre do diamante.* (S.I.V. 4 – L. 470)

DIAMANTE PIAUÍ • Ncm. • [Subst. + Adj.] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes. • (9MIDG) *Tem tamém o de piauí, né. (7MIDG) É, piauí é porque ele só dá lá no Nordeste, né. Mas o piauí, o diamante do Piauí o bão é melhor que qualquer um no nosso aqui.* (S.I.V. 4 – L. 497)

DIAMANTE PRETO • NCm. • [Subst. + Adj.] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica um dos tipos de diamantes. •(13MACG) *Tem diamante preto, cor de canário, né, meu pa? É, cor de canário. [...] É. Tem diamante de fumê mei preto, costuma sê bão.* (S.I.V. 9 – L. 88)

DIAMANTE QUEIXO-DE-BURRO • NCm. • [Subst. +Prep.+Subst.] • Nome que, entre os garimpeiros, se dá a um dos minérios que tem formação para o diamante. (12MADG) *Diamante grande com fino, aliás, tem o diamante... (7MIDG) Tem o chapéu de padre, tem o queixo de burro, tem o natura.* (S.I.V. 4 – L. 526).(7MIDG) *O queixo-de-burro é porque ele tem formato da cabeça do burro, e ele é formação pa o, pa o o diamante bão tá perto dele.* (S.I.V. 4 – L. 530)

DIAMANTE RUBI • NCm. • [Subst.+Subst.] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica um dos diversos tipos de diamantes; destaca-se pela sua cor vermelha e por ser bem valorizado. •(3MICG) *o botão de malva, ê já quase lapidado mesmo. (13MACG) Agora o diamante mais caro é o vermelho, mas eu nunca tirei não. (3MICG) é o rubi. (13MACG) É o rubi.* (S.I.V. 9 – L. 105-106)

DIAMANTE VERMELHO • NCm • [Subst. + Adj.] • Designação com que, entre os garimpeiros, se classifica o diamante vermelho, considerado um dos mais valiosos. • (3MICG) *o botão de malva, ê já quase lapidado mesmo. (13MACG) Agora o diamante mais caro é o vermelho, mas eu nunca tirei não. (3MICG) é o rubi. (13MACG) É o rubi. Pesq. O nome do diamante é rubi. (13MACG) É. (8MICG) E será que arguém tirou da região aqui, tirou né? (S.I.V. 9 – L. 106)*

DISPEJO• Nm. [Ssing.] • Um dos processos na extração do diamante, que consiste em tirar a areia, encher o carumbé e despejar em local apropriado. • (1FICG) *catiá é tirá a terra, né? (5MIDG) É, areia na cabeça. (1FICG) catiá é tirá a terra, né? (5MIDG): Tirá areia, enchê no carumbé assim, botá na cabeça e num jogá fora, fazeno dispejo. (1FICG) Até chegá no currido, no cascalho, né. (5MIDG): É, É... (9MIDG) ah, eu naquela ocasião, D.1FICG, eu ficava mexeno ni fervedô a semana toda pra braçomais Z.J. (S.I.V. 2 – L. 264)*

DONO DO GARIMPO • NCm. • [Subst. + Prep.+ Subst.] • Indivíduo responsável pelo garimpo. •(7MIDG) *Intão o dono do garimpo autorizava aquela pessoa a a falá aquelas palavra lá. (S.I.V. 4 – L. 332)(7MIDG) Intão o dono do garimpo autorizava aquela pessoa a a falá aquelas palavra lá. (S.I.V. 4 – L. 332) (7MIDG) No caso quando, no caso seu. Se ocê chegasse no garimpo, como pa vê ou num é pa intrevistá pô cê vê um... é colega ou amigo do dono do garimpo, ocê ia lá visita o garimpo dele. Intão aquês trabaidô pidia ordem o dono do selviço, pra pidi um agrado visitante, porque se não pedisse às vezes o dono do selviço num quiria pará. (S.I.V. 4 – L. 327-328)*

E

ENCAIADO • [Adj.] • Durante a venda do diamante, há um conluio entre os compradores; a esse processo se chama “salgar o diamante”; como consequência, o garimpeiro não consegue vender o diamante para nenhum dos seus potenciais compradores; ou seja: o diamante fica encalhado. (13MACG) *Chama é sargado. Pesq. Salgado é o que? (13MACG) Ah tem o sargado, o sargado é se eu mostrar uma partilha de diamante pro cê, aí ocê dá um tanto. Aí eu vou mostrar prum outro ali, aí um culia com o outro ali, por exemplo, aí vai só diminuino meu preço, depois eu num consigo vender. Marg. Salgou a venda. (13MACG) Aí o diamante fica sargado, fala. Pesq. É o preço. (13MACG) É o preço, é o preço. Aí eu fico encaiado com o diamante. (S.I.V. 9 – L. 137)*

F

FAROFA• Nf. • [Ssing.] • Entre os garimpeiros, é conhecida como um tipo de massa que se forma por cima da piçarra. • (5MICG) *Furna é dibaxo da serra, né, quês entra, ês inda fazi isso lá. Ês entra pa tirá da massa, essa massa dura com coisa qui uma Piçarra e pur cima dessa dá uma pareceno uma farofa macia da...(PESQ.) Dá o que?(5MIDG) Uma farofa, dá pareceno uma farofa e dá muito diamante, dá diamante de catá pra pô ni caneca, né. (S.I.V. 2 – L. 1502-1506)*

FIRVURA • Nf. • [Ssing.] • Lugar onde se lava o cascalho diamantífero. (20FACG) [...] *uma tira de taba assim, dessa largura, desse comprimento, aí descia uma água maior e ali fazia um canalzinho de lado, era onde caía, ia puxano a areia, sabe? E essa areia caía na fervura é aonde a gente tirava o ismiril.* (2FICG) *Tirava o ismiril.* (S.I.V. 12 – L. 204-207)

FORGAR A ÁGUA • [Lexia complexa] • [Verbo+Art.+Subst.] • Ao garimpar, desviar a água do local onde está, executando o trabalho de garimpo. • (5MIDG) *Mas eu fazia o meu garimpo por fora, na hora qui ês forgava a água assim pa corre atoa, eu botava ea pu garimpo, né. (...)*(5MIDG) *Dava força pra água corrê, tirá do disvio e eu punha ea pu garimpo.* (S.I.V. 2 – L. 1715-1719) • V. Dar força pra água.

G

GELO • Nm. • [Ssing.] • Formação para diamante, ou seja, ao encontrar o gelo há indício de que naquele determinado local haja diamante. • (19FIDG) *Do gelo? Ah que, que, primeiro nós tirava a terra, depois cortava é, é?????tirava os pedaço de gelo até tirar tudo né, tirar o cascaio no fundo, aí tinha de cortar o gelo né.* (S.I.V. 7 – L. 51-52)

GOMA • Nf. • [Ssing.] • Material que se encontra entre as formações do diamante. (15MADG) *É depois que ocê tira que a roda tá no seco, cê sorta a água nele, lava areia dele, depois que ocê faz, desmancha aquela água, aquela goma que deu no cascaio...* (S.I.V. 8 – L. 53)

GOMOS • Nm. • [Splural] • Um dos compartimentos da bomba de draga que faz parte da grelha; é uma espécie de peneira fina, de espessura de 5cm, que serve para reter o material diamantífero; ou seja: é um local, na bomba de draga, onde fica o material mais leve. • (11MACG) *A grelha é isso daí, onde qui fica esses gominhos assim, é onde qui pára os diamantes. É isso daqui.(...) é pelos gomos, tem uma espessura de 5 cm onde pára o ismiril junto com o diamante (...).* (S.I.V. 12 – L. 312)

GRADE • Nf. [Splural.] • Uma das peças que compõem a bomba de draga, local, na bomba, que retém o material diamantífero mais leve. • (15MADG) (...) *Cê pega as grade, tira as grade, lava na peneira, cê vê o diamante. Isso é bom ocê vê nos trabaiano. Aí cê gosta.* (S.I.V. 8 – L. 187)

GRELHA • Nf. • [Ssing.] • Um das peças que compõem a bomba de draga, usada para extração do garimpo; é o local onde recebe o material diamantífero mais leve, que vem do encanamento, passa pela caixa de depósito, passa pela bica e deposita na grelha. •(11MACG) *Então daí na valva puxa a água e o cascaio passa pelo encanamento, do encanamento, vai para a caixa de depósito, o mais leve vai correno pela bica e a grelha.* (S.I.V.- 12 L. 311)

H

HASTE • Nf. • [Ssing.] • Uma das peças que compõem a roda de garimpo, ou seja, a roda é uma circunferência e a haste é tipo um raio, ou seja, linha que vai do centro de um círculo à circunferência. • (7MIDG) *É porque ela é uma circunferença grande assim e as haste dela não é fechada, só tem as banquetas qui a água trupeça naquilo e faz qui a roda rodá. Agora, a roda é a circunferença, tem as arça mais em cima é fechado, tanto o fundo quanto às laterais. Ela é qui derrama água, né. PESQ. Ahn. (7MIDG) ...é a mesma coisa um monjolo. (S.I.V. 4 – L. 212)*

I

ISBÓGIO • (n/d) • Nm. • [Ssing.] • n/e • Resto do material usado na apuração de diamante. • (5MIDG) *Intão elefalô com ele assim “ô ô moço dipois qui ocê passa o isbógio mais de dez veiz, ocê dexa o isbógio pra mim”. PESQ. Esbon... cume qui é? (9MIDG) Isbojo é quando o camarada lava... PESQ. Esponja? (9MIDG) Isbógio. PESQ. Isbógio. (9MIDG) *Apura u sirviço, apura o siviço fica aquela, a, aquele trem pa podê lavá, né 31MIDG, os restos do sirviço, se alguém quisé lavá, pô... ês dá pa lavá, né. PESQ. Aí chama isbógio. (S.I.V. 2 – 595-599)**

L

LAVAR A CRU • [Lexia complexa] • [Verbo+Prep.+Adj.] • Processo para separar, por meio de água, as partes úteis de um minério, sem passá-lo por canoa ou fervedouro. • (5MIDG): *É, eu se tivesse dinheiro já tinha arrematado esse terreno. (9MIDG) na mão da prefeitura, né? (5MIDG) É...Punha água lá ia fazeno ralinha, lavano a cru, sem passá ni canoa, fervedô. (S.I.V. 2 – L. 213)*

LAVAR O SILVIÇO • [Lexia complexa] • [Verbo+Art.+Subst.] • Processo para separar, por meio de água, as partes úteis de um minério. • (9MIDG) *Ele trabaiava numa (???) garimpo qui ês tem aqui baxo, ele e um tal de Bastião Barbudo do Parmital. Deu qui ês vai lavá-o-silviço, o Barbudo do Bastião bate lá uma pedra. (5MIDG) Foi não, foi ele não, oh ele tava como daqui lá na cozinha escolheno a peneira fina e eulavano cá, longe dele. A hora qui eu bati um diamante qui eu vi, eu falei “oh Bastião corre cá”, ele veio, quando ele viu, ele até perdeu a cor, eh, eh, até perdeu a cor quando ele viu o diamante estanhado, né.(S.I.V. 2 – L. 97-100)*

LINHA-DE-CRISTAL • Ncf • [Subst. + Prep. + Subst.] • Faixa na rocha que indica a presença de cristal. • (5MIDG) *É. Eu supôsi qui podia sê argum cristar, linha de cristar, né? (PESQ.) Cumé qui é? (5MIDG) Pudia sê a linha de cristar. (PESQ.) Linha? (5MIDG) É, a rocha, rocha de cristali. (PESQ.) Cumé qui é? (5MIDG) Uai, sempre o cristali dá aquela linha. (PESQ.) Ah é! Muito, muito cristal? (5MIDG) Dá muito cristali sim.(S.I.V. 2 – L. 1861-1863-1865-1869)*

LINHA-DE-MASSA • Ncf • [Subst. + Prep. + Subst.] • Uma faixa na terra que indica formação para o diamante. (7MIDG) *Num tem jogo de rio, num tem nada. Intão ele é chamado de luvião. PESQ. Ahn. (7MIDG). Agora quanto a teoria de uma grupiara, jogo de um rio, ou umamassa, ou a linha de massa, ês num élvivão. A mesma coisa cristal... (S.I.V. 4 – L.590)*

M

MAIMINA • Nf. • [Ssing.] • Roda de garimpo. • (7MIDG) *A água é amenhá. PESQ. Amenhá? (7MIDG) É água é amenhá. PESQ. Ahn. (9MIDG) É. (7MIDG) A roda é maimina, a roda na língua indígena, africana, a roda é maimina. (7MIDG) É, qui a roda (???) rodá no eixo ela ringe né. PESQ. Ahn. (7MIDG) Intão ês fala maimina tá chorano. PESQ. Maminha? (7MIDG) É.(S.I.V. 390-394)*

MANGOTE • Nm. • [Ssing.] • Cano, tubulação. Uma das peças que compõem a bomba de draga usada na extração do garimpo. • (11MACG) *you quer assim do início puxano o cascaio com a água, aí lá vai passar na valva, mangote, bomba, já o motor, já puxano né? Joga no encanamento, do encanamento... oh! O seguinte é esse, o processo da draga é o motor, a draga né? A draga com o mangote, o mangotee o cano. Mangoteé tipo uma tubulação. (S.I.V. 12 – L. 307-308-309)*

MAQUINISTA DE RODA • NCm • [Subst.+Prep.+Subst.] • Indivíduo que exerce a função de mecânico de roda de garimpo. (7MIDG) *Era o garimpo, e só com roda. PESQ. Ahn. (07MIDG) Secano a água e tinha um ficava só por conta, tipo um mecânico da roda, chamava maquinista de roda. Era bom. (S.I.V. 4 – L. 666)*

MECÂNICO DE RODA • NCm. [Subst.+Prep.+Subst.] • Indivíduo que exerce a função de mecânico de roda de garimpo. *Era o garimpo, e só com roda. PESQ. Ahn. (07MIDG) Secano a água e tinha um ficava só por conta, tipo um mecânico da roda, chamava maquinista de roda. Era bom. (S.I.V. 4 – L. 666)*

MUSSIÇA • [Adj.] • Terra solta, terra de lavoura. •(...) (1FICG) *Gorguio, o que é gorguio? Gorguio é mesmo cascalho, é porque eles falam o mesmo palavriado, né? Igual aí na estrada, né. Aonde há terra mussiça. Gorguio não é só redondo, os morro degorguio, cascalho, é um tipo de pedra. Terra mussiça, terra qui tá solta, terra de lavoura. (S.I.V 12 – L. 230-231)*

O

OSSO-DE-CRISTAL • Ncm. • [Subst.+Prep.+Subst.] • Nome de um dos minerais que compõem a formação para ouro. (14MACG) *Ossos de Cristal é formação para ouro, falei osso de cristal é formação para ouro. (18FACG) Paçoca, ah é um gorgulho fininho, porém, diferente. (18FACG) É um material parece mais selecionado, separado do outro, o outro é mais grosseiro, aquele de 11 lá mais fino, mais apurado. (S.I.V. 13 – L. 8)*

P

PAÇOCA • Nf. • [Ssing.] • O mesmo que piçarrão, areia fina, massa. (14MACG) *Paçoca é tipo o piçarrão, igual ocê falou Grupiara, certo. Cê tirou todo meterial de cima da grupiara, aí no fundo, aí tá aquele pareceno peixe de cão, dente de cão. (...) Lá ni Riguzino já cheguei de ver até com, tem paçoca de massané* 18FACG, também é massa.(S.I.V. 13 – L. 10)

PAI-DE-MAJÉ • NCm • [Subst.+Prep.+Subst.] • Termo utilizado, nos vissungos africanos de garimpo, para se referir ao sujeito responsável pela cata de garimpo. • (7MIDG) *Segundo, com senhoria qui era o dono do selviço. Terceiro, com pai de Majé qui era o o qui era considerado o chefe do... o responsável da cata.*(9MIDG) *É. 346* (7MIDG) *Aí ês cumeçava a falá mais nomicota corandamba qui gongorô tá siodamba. (risos) e passava 347 perto dele aí qui era companheiro e o outro...* (S.T.V. 4 - L.342)

PASSEIO-DO-FERVEDOR • NCm • [Subst. + Prep. + Subst.] • É um espaço onde a areia cai, entre a fervura. (5MIDG) *Sufri, óia eu trabaiaava cum papai, cê sabe qui di primero o sujeto num tê esse né, 9MIDG, sofre né 9MIDG, e mamãe trabaiano na casa dozoutro, Santo, óia, tinha dia queu ia sem café, viu, eu ia sem café, e, quando (???)*, (...) *carregano carumbé, papai punha água nu fervedô, eu ia chegano cum (???) e pono nu passeio..dufervedor.* (S.I.V. 2 – L.489)

PEDRA-DA-MEÃ • Ncf. • [Subst. +Prep.+ Adj.] • Nome que, entre os garimpeiros, se dá ao diamante de tamanho mediano. (9MIDG) *Ah o trem dava diamante qui gostava, viu Dona 1FICG. (1FICG) Era bom dimais, né. (9MIDG) Todo sábado tinha aí quatro, cinco, sei spedra-da-meã pra vendê, uai, intão. (1FICG) Lavava na Macacos (???) (9MIDG) É, só aligria, isso larga sodade na gente. (1FICG) Tem saudade? (9MIDG) Tem sodade, porque recebia um dinheiro que num é contado né, um dinheiro qui de repente assim, né. (S.I.V..2 – L. 146)*

PORTAL • Nm. • [Ssing.] • Uma das peças que compõem a roda de garimpo. (7MIDG) *É do tipo de um portal assim. Agora no meio do portal funciona o varal do balancete, pra prendê o varal pra ele levá e trazê dentro do cano. (PESQ.) Ah tá. (7MIDG) Agora tanto faz ocê pô um varal, como a roda rodar aqui sai com a água lá na prefeitura lá imbaxo, é só os balancete qui vira. (S.I.V. 4 – L. 250)*

R

RABO-DE-BICA • NCm. • [Subst.+Prep.+Subst.] • Resto de material diamantífero que indica que em determinado local foi ou será realizada a extração de diamante. (5MIDG) *Armucei e vortei, tô lá penerano, intão lá passa a istrada assim e tinha um buraco qui tem um rabo de bica, né. Um rabo de bica cor de cana, qui é esses negócio. Quando eu óio era quais quatro hora ó mulher gachada lá meu Deus. (risos) (S.I.V. 2 – L.173) (...) (5MIDG) É... eu...de modo qui se fô pra mim mexê lá, caçá, tem o rabu de bica lá, eu.. (S.I.V.2 – L. 197)*

RASTÃO • Nm. • [Ssing.] • O mesmo que goiva, usada para puxar material de diamante no fundo do rio. • (10MACG) *Com rastão puxa no fundo do rio lá, vai puxano material. (...) (17FADG) É, é essa mesma goiva. (...) (21FADG) É, é essa mesma goiva. (PESQ.) Cumé qui é 10MACG? (10MACG) Pega a goiva, leva pro fundo do poço, do rio (risos) e vai bateno a boa, vai puxano, puxano. (S.I.V. 1 – L. 317) • V. Goiva.*

RODA-DE-ROSÁRIO • Ncf. • [Subst. + Prep. + Subst.] • Equipamento antigo, usado na exploração do garimpo. (7MIDG) *Não, mas toda vida existiu, ês é que num utilizava, porque antes de mim tinha roda-de-rosário. Era feita as caçamba de de madeira preso no varal, o varal levava ela lá den água e ela voltava cheia com se fosse, vamo dizê um, cê já deve tê visto em constru de, ni construção um, um... (S.I.V. 4 – L. 290)*

S

SARGADO • Nm. • [Adj.] • O comprador de diamante, ao taxar o preço, ele “salga o diamante”; ou seja: tal produto só poderia ser vendido entre determinados compradores por aquele preço, ou por um valor menor. (13MACG) *Chama é sargado. Pesq. Salgado é o que? (13MACG) Ah tem o sargado, o sargado é se eu mostrar uma partilha de diamante pro cê, aí ocê dá um tanto. Aí eu vou mostrar prum outro ali, aí um culia com o outro ali, por exemplo, aí vai só diminuino meu preço, depois eu num consigo vender. Marg. Salgou a venda. (13MACG) Aí o diamante fica sargado, fala. Pesq. É o preço. (13MACG) É o preço, é o preço. Aí eu fico encaiado com o diamante. (S.I.V. 9 – L. 134-137)*

SULAPAR • (V) • Cavacar o barranco do rio, com alanvaca ou escavadeira, para rebaixar o local onde se pretende explorar diamante. • (13MACG) *sulapano é o barranco do rio (???) , cê vai sulapano com a alavanca ou com a escavadeira por debaixo, aí o barranco vem e tomba. Aí no barranco só vai água, a água tá por cima, ne. A água tá por cima, aí toca tudo. (13MACG) [...] Aí no vei do rio tinha que tirá com carumbé, porque num tinha rebaxe. (S.I.V. 9 – L. 180)*

T

TABULEIRO • Nm. • [Ssing.] • Um das peças que compõem a roda de garimpo, localizado perto do inferno da roda e do bicamente. • (7MIDG) *A água roda a roda, imbaixo é o inferno da roda onde a roda passa... (PESQ.) Inferno?(7MIDG) É, pa passá...(PESQ.) Cumé qui é?(7MIDG) O inferno da roda, porque o picane derrama no tabuleiro. (S.I.V. 4 – L. 226)*

TABULETA • Nf. • [Ssing.] • Um das peças que compõem a roda de jangada que serve para receber a água e esta faz com que a roda gire . • (7MIDG) *Picane é onde a água vem nas taba. o caso a jangada, a jangada é uma roda, mas ela só tem tabuleta, ela num é fechada. (S.I.V. 4 – L. 210) (...) (7MIDG) É porque ela é uma circunferença grande assim e as haste dela não é fechada, só tem as banquetas qui a água trupeça naquilo e faz qui a roda roda. (...) (7MIDG) A água derrama na tabuleta, a medida que a tabuleta...(S.I.V. 4 – L. 228)*

V

VENTONEIRA • Nf. [Ssing.] • Uma das peças que compõem a roda de garimpo. • (7MIDG) E (9MIDG) Vetoneira. (7MIDG) A medida qui a água do cano leva pa istilhar, a vetonera volta e abafa pra depois num voltá. (S.I.V. 4 – L. 263-264) (...)(07MIDG) Agora dentro do boquête, funciona, funciona uma ventoneira, lá na saída lá do do do do varal é a bucha com outra ventoneira. Uma puxa, puxa a outra e assim vai só jogano pra fora. Só mesmo ocê vendo de perto... (S.I.V. 4 L. 720-721)

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos os objetivos dessa tese que consistem em descrever, analisar e registrar o léxico falado por um grupo de remanescentes de comunidades garimpeiras do Alto Jequitinhonha - MG. Com este estudo, testamos 3 (três) hipóteses, que comentamos a seguir.

A primeira hipótese: na comunidade em estudo, há um léxico bastante peculiar; a linguagem específica de remanescentes comunidades garimpeiras (itens lexicais que fazem parte do universo natural do garimpo ou que se referem à realidade cultural, econômica e social do garimpeiro), que justifica essa peculiaridade.

A segunda hipótese: a particularidade do léxico dessas comunidades concentra-se na fala das pessoas mais velhas e daquelas que efetivamente trabalharam no garimpo; essa hipótese foi testada por meio de comparação e análise do *corpus*, que contém **629 (seiscentas e vinte e nove)** lexias que encontram registradas nas Fichas Lexicográficas, no APÊNDICE 1. Comparamos esse *corpus* com 5 (cinco) dicionários (CUNHA, 1986; AURÉLIO, 1986; LAUDELINO, 1954; MORAES, 1824; BLUTEAU, 1734) e com 4 (quatro) estudos recentemente realizados em Minas Gerais (SOUZA, 2008; RIBEIRO, 2010; FREITAS, 2012; CORDEIRO, 2013) e com o estudo de Amaral (1920). Todos esses trabalhos analisam a fala de pessoas acima de 70 (setenta) anos e que vivem em área rural. Além disso, comparamos, também, o LG com os estudos de Machado Filho (1964), e de Catharino (1986). Os resultados mostram que: das 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias, **410 (quatrocentas e dez)** são do LR; **78 (setenta e oito)** não estão dicionarizadas e **59 (cinquenta e nove)** lexias não estão registradas nos trabalhos supracitados. Das 629 (seiscentas e vinte e nove) lexias, **219 (duzentas e dezenove)** são do LG; dessas, **117 (cento e dezessete)** não estão dicionarizadas e **73 (setenta e três)** não estão registradas em dicionários, nem nos trabalhos sobre o LG supracitados. Levando em conta esses resultados, concluímos que a hipótese de que há certa peculiaridade no léxico falado nessas comunidades se confirma, uma vez que encontramos um total de **132 (cento e trinta e duas)** lexias não registradas.

A hipótese de que a particularidade do léxico dessas comunidades concentra-se na fala das pessoas mais velhas e daquelas que efetivamente trabalharam

no garimpo também se confirma; primeiro, porque o *corpus* foi constituído a partir de sessões de interação verbal gravadas com pessoas cuja maioria tinha idade acima de 60 (sessenta) anos e trabalhou, durante muitos anos, no garimpo; segundo, porque a comparação realizada nos trabalhos sobre o LR foi também com fala de pessoas acima de 70 (setenta) anos; segundo o estudo de Machado Filho (1964), os dados desse trabalho foram coletados em 1928; portanto, as pessoas que participaram desse *corpus* já estão com idade avançada.

Quanto à terceira hipótese – de que esse vocabulário configura casos de retenção e arcaísmos –, concluímos que, a partir do momento em que o léxico está mais presente na fala das pessoas mais velhas e está registrado em trabalhos mais antigos, como Amaral (1920), pode-se considerar como caso de retenções. Já os arcaísmos foram encontrados apenas 7 (sete) lexias que, após comparadas no dicionário de Cunha que traz a datação das lexias, foram encontradas também em Amadeu Amaral (1920).

Quanto ao objetivo de registrar as lexias que se encontram no *corpus* – as lexias do LR e do LG –, registramos apenas as lexias que não estão registradas nos dicionários consultados, nem nos glossários dos estudos pesquisados.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, Anna Chistina (Org.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982 (Reprod. em facsímile da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).

ANDRADE, José Miguel; Maria Neuza Coelho. *Dattas D'El Rey*. Belo Horizonte: Usina do Livro, 2013.

ANTUNES; VIANNA. O dialeto rural não é mais aquele. In: SEABRA, Maria Cândida T. (Org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p.13-29.

BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia. *Alfa*, n. 9, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1966.

_____. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*. Madrid: Alcalá, 1970.

BALKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo. Hucitec, 1990. (Título original, 1929)

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

_____. *Relações de significação nas unidades lexicais*. Recife: UFPE, 1998.

_____. Contribuição ao Estudo de Aspectos da Tipologia de Obras Lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.

BARBOSA, W. de A. *A decadência das minas e a fuga da mineração*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p.19 -20.

_____. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p. 131-145.

_____. A Ciência da Lexicografia. *Alfa*, São Paulo, v. 28 (supl.), p. 143, 1984.

_____. Dimensões da palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, 1998, p. 81-118.

_____. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

_____. *Conceito Linguístico de Palavra*. UNESP, Campus Araraquara. Rio de Janeiro, 1999. p. 81-97.

_____. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, P. Raphael. *Vocabulário Portuguez e Latino 1638-1734*. Lisboa: Officina de Pascoal da Silva, Impressor de Sua Magestade, 1720. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br>>. Acesso em: fev. a abr. 2012.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 31 ago. 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto nº 88.351/83, de 01 de junho de 1983. Dispõe, respectivamente, sobre a Política Nacional do Meio Ambiente e sobre a criação de Estações Ecológicas e Áreas de Proteção Ambiental, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 de jun. 1983. Disponível em: <<http://mundoambiente.eng.br/new/legislacao-ambiental-estado/dispoem-respectivamente-sobre-a-politica-nacional-do-meio-ambiente-e-sobre-a-criacao-de-estacoes-ecologicas-e-areas-de-protecao-ambiental-e-da-outras-providencias/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

CÂMARA JR. J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARDOSO, S.; FERREIRA, C. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

CATHARINO, José Martins. *Garimpo - Garimpeiro - Garimpagem*. Chapada Diamantina, Bahia. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

COHEN, M. A. A. M. et alii. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1997. p. 79-94.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de Semântica Estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

_____. *El hombre y su lenguaje*. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1991.

CORDEIRO, M. J. *Estudo Linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CORAZZARI, O. *Phraseological units*. Consiglio Nazionale delle Ricerche. Istituto di Linguistica Computazionale. Network of European Reference Corpora (NERC), serial n° 68. Pisa. Inédito, 1992.

COSTA, R. P. *Estudo Linguístico no litoral maranhense - léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DIÉGUES JUNIOR, M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

_____. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1952.

DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Tradução de Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.

FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A.C. de S. Transcrição de inquéritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 171-194.

FERREIRA, Carlota. Atlas prévio dos falares baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p.15-29.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____, A. B. H.; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, C. D. *Arraiais e Vilas D'EL Rei - Espaço e poder nas Minas setecentistas*. Ed. UFMG. Belo Horizonte, 2011.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

FREITAS, C. J. *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FURTADO, Júnia Ferreira. *O livro da capa verde: o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no período da Real Extração*. São Paulo: Annablume, 1996.

GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995. p. 49-76.

GOULART, Eugênio Marcos Andrade. *O caminho dos Currais do Rio das Velhas*. Belo Horizonte: COOPMED, 2009.

HAENSCH, Günther *et al.* *La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

HYMES, D. *Language in culture and society. A Reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Harper and Row, 1962.

_____. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1972. p. 267-293.

_____. *Foundations of Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1974.

IBGE - Município de Datas: banco de dados. Disponível em: <http://www.mfrural.com.br/cidade/datas-mg.aspx>, www.globorural.globo.com, acesso em 22/06/2011.

IBGE - Vale do Jequitinhonha: banco de dados. Disponível em: <https://www.google.com.br/search/valedojequitinhonha&newwindow>. Acesso em: 25 jun. 2014.

ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. 409f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo, 1996.

_____. Vocabulário Regional na Amazônia Acreana. *Alfa*, São Paulo, n. 42 (n.esp.), p. 93-107, 1998.

_____. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Org.). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 91-100.

_____. De Nascentes ao AliB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas no Brasil. *Atlas do II Encontro do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste*. Brasília, v. II, fev. 2004, p. 390-398. Disponível em: <http://www.unb.br/gelco>. Acesso em: 28 nov. 2011.

_____. *Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Uduel, 2005. p. 334-356.

JUSTINIANO, A. L. *Vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três Lagoas, Três Lagoas, MS, 2005.

_____. O vocabulário do homem ervateiro na fronteira do Brasil com Paraguai. *Revista Eletrônica Guavira Letras. UFMS/CPTL. RGL*, v. 2, p. 81-98, dez. 2005. <<http://www.cent.br/guavira/guavira.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

KRIEGER, M. G. A obra e o fazer dicionarísticos. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 10, p. 9-22, 1993.

_____. M. G.; MÜLLER, A. F.; GARCIA, A. R.; BATISTA, R. P. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, n. 50. p. 173-187, 2006.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LENNEBERG, E. H. *Fundamentos biológicos del lenguaje*. Madrid: Alianza Universidad, 1975.

MACHADO FILHO, A. M. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MACHADO FILHO, A. M. *O Arraial do Tijuco cidade Diamantina*. 3. ed.. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste - Alagoas e Pernambuco*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1945.

MARTINS, Nárlisson; GUEDES, Marilda Simões. *Quando minha história conta a história da minha gente*. São Paulo. All Print Editora, 2012.

_____. A Arte de fabricar motins: os marcos regulatórios da mineração diamantífera em perspectiva histórica. Pedro Leopoldo: VIII Encontro Regional Gestão & Tecnologia, 2007.

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Paris: Ed. Marcel Didier, 1953.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia, *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto; Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1991.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). *O Português*

Quinhentista: Estudos Lingüísticos. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS; 2002. p. 13-27.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1987.

MILROY, James. *Linguistic Variation and Change*. On the historical sociolinguistics of English. GB: Basil Blackwell, 1992.

_____. Social networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The Handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-569.

_____. GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.

MINAS GERAIS, Poder Executivo. Lei nº 843, de 07 de setembro de 1923. Dispõe sobre a Divisão Administrativa do Estado. *Diário Oficial [do] Estado de Minas Gerais*, Poder Executivo, Belo Horizonte, MG, 07 set. 1923. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:minas.gerais:estadual:lei:1923-09-07;843>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

MINAS GERAIS. Poder Executivo. Lei nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962. Contém a Divisão Administrativa do Estado de Minas Gerais. *Diário Oficial [do] Estado de Minas Gerais*, Poder Executivo, Belo Horizonte, MG, 30 dez. 1962. Disponível em: <http://www.cedrodoabaete.mg.gov.br/painel/conteudo/downloads/isw_08032013-103856.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2011.

MORLEY, H. *Minha vida de menina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Antônio de Moraes Silva: Lexicógrafo da Língua Portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NICOLAU, E. M. das D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolingüística*. 1984. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 1984.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

_____. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. 1999. 350 p. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Araraquara, 1999.

_____. Regionalismos e brasileirismo: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Org.). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 109-116.

OLIVEIRA, W.; VIEIRA, V. C. A condição social e econômica do garimpeiro da cidade de Diamantina: uma história contada por protagonistas. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas*, Diamantina, ano 1, n. 2, out. 2012.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. *A linguagem do candomblé: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <www.alib.ufba.br>. Acesso em: 12 nov. 2012.

RIBEIRO, J; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - v. 1*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuy*. 2010. 256 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROCHA, A. P. A.; RAMOS, J. M. Estudos de dialetologia em Minas Gerais: breve histórico. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. *Estudos Linguísticos e Literários (UFBA)*, n. 4, 1. sem. 2010.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Tradução de Leonan de Azeredo Pena. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do distrito diamantino*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

SANTOS, L. S. M. *Sobre a ausência de concordância nominal de número no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais: uma abordagem variacionista*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.

SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

_____. *Linguística como ciência*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981. (Título original, 1916b)

_____. *Cours de Linguistic générale*. Edition critique préparée par Túllio de Mauro. Paris: Éditions Payot, 1972.

SEABRA, M.C.T.C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. (Org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

_____. Projeto: *Léxico Regional: Descrevendo o Léxico Mineiro*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras - UFMG, desde 2010.

SILVA, António de Moraes e. *Diccionario da Lingua Portugueza* composto pelo Padre D. Raphael de Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva, 1755-1824; Bluteau, 1638-1734. Lisboa: na oficina de Simão Traddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search>>. Acesso em: fev. a mai. 2012.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Vocabulário Tupi-Guarani Português*. 6. ed. São Paulo: Éfeta, 1998.

SOUZA, V. L. de. *Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas - Norte de Minas*. 2008. 178 p. Dissertação (Mestrados em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

ULLMANN, S. *Précis de sémantique française*. Paris: PUF, 1952.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

ZÁGARI, Roberto L. *et alii*. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

_____. Os falares mineiros - Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: Caminhos e Perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 45-72.

_____. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil - trilhas seguidas*,

caminhos a percorrer. 1. ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005. v. 1, p. 45-72.

ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1990. (Coleção Estudos Históricos)

WHORF, B. L. *Language, thought, and reality*. Selected writings of Benjamin Lee Whorf organized by John B. Carroll. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology; New York: John Wiley & Sons, 1965.